



**PROGRAMA DE DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR
EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA
LABORATÓRIO NACIONAL DE COMPUTAÇÃO CIENTÍFICA – LNCC/MCT
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS CENTRO
UNIVERSITÁRIO SENAI CIMATEC**

GINALDO GONÇALVES FARIAS

**A INTUIÇÃO COMO FACULDADE:
A RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA E INTUIÇÃO
NO DRAMA DA LINGUAGEM**

Salvador
2019

GINALDO GONÇALVES FARIAS

**A INTUIÇÃO COMO FACULDADE:
A RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA E INTUIÇÃO
NO DRAMA DA LINGUAGEM**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Difusão do Conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi
Coorientador: Prof. Dr. Roberto Leon Ponczek

Salvador
2019

Farias, Ginaldo Gonçalves.

A intuição como faculdade : a relação entre inteligência e intuição no drama da linguagem / Ginaldo Gonçalves Farias. – 2019.

109 f.

Orientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi.

Coorientador: Prof. Dr. Roberto Leon Ponczek.

Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

1. Intuição. 2. Poesia. 3. Consciência. 4. Linguagem. 5. Conhecimento. I. Galeffi, Dante Augusto. II. Ponczek, Roberto Leon. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. IV. Título.

GINALDO GONÇALVES FARIAS

**A INTUIÇÃO COMO FACULDADE:
A RELAÇÃO ENTRE INTELIGÊNCIA E INTUIÇÃO
NO DRAMA DA LINGUAGEM**

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor em Difusão do Conhecimento, Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi (Orientador)

Prof. Dr. Ivan Maia de Mello

Prof^ª Dr^ª Mary de Andrade Arapiraca

Prof^ª Dr^ª Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira

Prof. Dr. Wilson Nascimento Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Rita Célia, a mulher de toda uma vida.

Agradeço ao professor Eduardo Chagas, quem primeiro me acolheu, e ao meu orientador, professor Dante Galeffi, pelos conselhos, paciência e acompanhamento.

Aos meus professores do DMMDC, especialmente ao professor Roberto Ponczek, meu coorientador, e ao professor Hernane Pereira, pela ajuda inestimável na estruturação da pesquisa. Agradeço também ao professor Wilson Santos, que ajudou em momentos de desespero.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), que financiou esta pesquisa, apoio fundamental para sua realização.

Agradeço a Beatriz Cardoso, funcionária da secretaria do DMMDC, que muito me ajudou com a burocracia e com o desenvolvimento da grade curricular.

Agradeço também aos filhos e netos, pela paciência, suportando minha ausência e abandono em Ítaca, para que eu pudesse seguir viagem para esta batalha.

A minha tristeza
não é a do lavrador sem terra.

A minha tristeza
é a do astrónomo cego.

(Mia Couto, 2011)

FARIAS, Ginaldo Gonçalves. A intuição como faculdade: a relação entre inteligência e intuição no drama da linguagem. 109 f. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

RESUMO

Esta tese apresenta um modo de compreensão da relação entre intuição, inteligência e linguagem, buscando construir o conceito de intuição como faculdade do espírito ou modo de consciência, e refletir sobre suas implicações na construção e na difusão do conhecimento. Partindo da metodologia lakatiana, na qual o problema era a dificuldade de expressão da intuição, foram desdobradas as seguintes hipóteses: a) A intuição é uma faculdade muda, ela precisa da inteligência para se comunicar; b) Existe um comércio entre intuição e inteligência; c) A linguagem é a moeda de troca da inteligência. A poesia, assim como a música, comunica a intuição. Nesse sentido, o objetivo principal desta pesquisa foi encontrar, na linguagem, modos de representar a intuição. Considerando a intuição como uma faculdade humana fundamental na criação e na difusão do conhecimento, esta investigação busca, na metafísica de Bergson, Kant e Schopenhauer, sinalizar algumas bases teóricas e metodológicas que possibilitem a representação da intuição, a fim de facilitar a difusão do conhecimento intuitivo. O trabalho é apresentado em formato trágico devido ao drama da incomunicabilidade da intuição diante de uma inteligência discursiva. A poesia é apresentada como caminho para apreensão da intuição devido à plasticidade que a palavra adquire no texto poético. Por isso, além de propor a *perdurância* como característica da intuição, foi criado um método que conjuga texto poético e análise filosófica, configurando uma representação híbrida para conseguir comunicar a intuição.

Palavras-chave: Intuição. Poesia. Linguagem. Conhecimento.

FARIAS, Ginaldo Gonçalves. Intuition as a college: the relationship between intelligence and intuition in the drama of language. 109 pp. 2019. Doctorate Thesis – Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ABSTRACT

This thesis presents a way of understanding the relation between intuition, intelligence and language, seeking to construct the concept of intuition as faculty of the spirit or mode of consciousness, and reflect on its implications in the construction and diffusion of knowledge. Starting from lakatiana methodology, in which the problem was the difficulty of expression of intuition, the following hypotheses were unfolded: a) Intuition is a mute faculty, it needs the intelligence to communicate; b) There is a trade between intuition and intelligence; c) Language is the exchange currency of intelligence. Poetry, like music, communicates intuition. In this sense, the main goal of this research was to find paths in language to represent intuition. Considering intuition as a fundamental human faculty in the creation and diffusion of knowledge, this research seeks in the metaphysics of Bergson, Kant and Schopenhauer to signal some theoretical and methodological bases, that allow the representation of intuition to facilitate the diffusion of intuitive knowledge. The work is presented in tragic format due to the drama of the incommunicability of the intuition before a discursive intelligence. Poetry is presented as a way to apprehend the intuition due to the plasticity that the word acquires in the poetic text. Therefore, a method was created that mixes poetic text with philosophical analysis forming a hybrid representation to be able to express the intuition. In addition, this thesis proposes the *perdurância* as characteristic of the intuitive way.

Keywords: Intuition. Poetry. Language. Knowledge.

SUMÁRIO

GLOSSÁRIO	[11]
PRÓLOGO	[12]
1. APRESENTAÇÃO	[13]
1.1 Era uma vez I	[14]
1.2 Era uma vez II	[15]
1.2.1 <i>Temperamento, temperatura e funcionamento orgânico?</i>	[17]
2. HYBRIS	[21]
2.1 A pesquisa	[21]
3. PATHOS: METODOLOGIA DE PESQUISA	[23]
3.1 Capítulo do Método	[24]
3.2 Epistemologia Ponczekiana	[26]
3.2.1 <i>O canto das sereias</i>	[29]
3.2.2 <i>Tratamento do drama</i>	[30]
3.2.3 <i>Por trás do método</i>	[31]
3.3 Problema	[32]
3.4 Justificativa	[33]
3.5 Motivação	[33]
3.6 Limites e limitações	[34]
4. ÁGON: PERDURÂNCIA	[35]
4.1 O não-verbal da poesia	[38]
5. ANANKÊ: A CONSCIÊNCIA DO JÁ FEITO ESPACIALIZADA EM UM LUGAR CHAMADO EU E A CONSCIÊNCIA DO SE FAZENDO NA METAFÍSICA DE BERGSON	[42]
5.1 Como opera a inteligência	[45]
5.2 Intuição como Consciência	[46]
5.3 Intuição	[46]
6. PERIPÉCIAS: LÁGRIMAS E SORRISOS	[50]
6.1 O sonho	[50]
6.2 Iluminações	[51]
6.3 Peripécias ou topadas?	[52]
6.4 Peripécias na lógica	[54]

7. ANAGNÓRISE OU RECONHECIMENTO	[56]
7.1 A questão do conhecimento	[57]
7.2 Modelo proposto	[59]
7.3 Duração Restrita	[59]
8. CATÁSTROFE	[62]
8.1 Intuição, Schopenhauer e a música: uma viagem perdurante pelo mar transcendental	[62]
9. KATHARSIS	[70]
9.1 O movimento	[70]
9.2 Capítulo da cura-catarse	[71]
9.3 A solidão do ser-tão	[71]
9.4 Leitura do poema: uma busca de sentidos	[79]
9.5 Da insatisfação com o simbólico	[79]
9.5.1 <i>A tese no poema ou o poema da tese</i>	[80]
9.5.2 <i>O ressentimento, uma doença</i>	[82]
9.5.3 <i>A inveja de si</i>	[83]
9.5.4 <i>Apenas na inocência do devir poderemos dizer: sim</i>	[84]
9.5.5 <i>Minhas correspondências, meus devires</i>	[84]
9.5.6 <i>A precisão dos afetos</i>	[86]
9.5.7 <i>A tese da perdurância</i>	[87]
9.5.8 <i>Último coro das musas</i>	[88]
ELUCIDÁRIO	[90]
REFERÊNCIAS	[94]
APÊNDICE A – Caixa de retalhos	[98]

GLOSSÁRIO¹

Hybris: Sentimento que conduz os heróis da tragédia à violação da ordem estabelecida através de uma ação ou comportamento que se assume como desafio aos poderes instituídos (leis dos deuses, leis da cidade, leis da família, leis da natureza).

Pathos: Sofrimento progressivo do(s) protagonista(s), imposto pelo Destino (*anankê*) como consequência da sua ousadia, e executado pelas Parcas (Cloto, que presidia ao nascimento e sustinha o fuso na mão; Láquesis, que fiava os dias da vida e os seus acontecimentos; Átropos, a mais velha das três irmãs, que, com a sua tesoura fatal, cortava o fio da vida).

Ágon: Conflito (a alma da tragédia) que decorre da *hybris* desencadeada pelo(s) protagonista(s) e que se manifesta na luta contra os que zelam pela ordem estabelecida.

Anankê: É o Destino. Preside as Parcas e encontra-se acima dos próprios deuses, aos quais não é permitido lhe desobedecer.

Peripécia: É um acontecimento imprevisível que altera o normal rumo da ação dramática, ao contrário do que a situação até então poderia fazer esperar.

Anagnórise (Reconhecimento): Na tragédia, o reconhecimento, como indica o próprio significado da palavra, é a passagem do ignorar ao conhecer, que se faz para a amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas para a dita ou a desdita.

Catástrofe: Desenlace trágico que deve ser indiciado desde o início, uma vez que resulta do conflito entre a *hybris* (desafio da personagem) e a *anankê* (Destino), conflito que se desenvolve num crescendo de sofrimento (*pathos*) até o clímax (ponto culminante).

Katharsis (Catarse): Purificação das emoções e paixões (idênticas às das personagens), efeito que se pretende da tragédia, através do terror (*phobos*) e da piedade (*eleos*) que deve provocar nos espectadores.

¹ Embora a ABNT preconize a alocação deste item no final do trabalho acadêmico, ele foi deslocado para apresentar ao leitor a explicação dos significados das partes da tragédia conforme propõe Aristóteles (1973), pois os textos da tese trarão este formato.

PRÓLOGO

Fronteiras, territórios, separação,

Linha de exclusão,

Mas também é a pele,

A superfície de contato,

O lugar por onde existem caminhos,

Legais e vigiados,

Passagens alfandegárias,

E caminhos secretos,

Marginais,

Caminhos de fuga,

E contrabandos.

Na fronteira é que acontece o cara a cara,

Onde podemos nos ver na cara do outro.

Bicho de território,

Animal de caça,

Lobo uivando no breu da madrugada.

A poesia adora fronteiras para atravessá-las,

Adora limites para interromper.

1. APRESENTAÇÃO

Esta tese tem como inspiração o filósofo Henri Bergson, por isso começo explicando que, para esse filósofo judeu francês, que viveu no início do século XX passando pelas duas grandes guerras, o real é móvel, é fluxo. Para Bergson, é como se não existissem coisas, apenas ações. A esse ser em fluxo, Bergson chama “duração” ou “tempo real”.

A matéria e o espírito são apenas movimentos da duração; um em relaxamento, outro em tensão. Quando Bergson se vê defronte da vida, na qual essas forças se encontram em convergência, surge o conceito de *elã vital*, um princípio único que impulsiona a vida em direção à consciência. A matéria é um conjunto de imagens, é a aparição da extensão e divisão dos entes. Para ir de matéria a espírito e de espírito à matéria, a duração realiza uma série de transformações qualitativas.

A leitura da filosofia de Bergson apresentada aqui não pretende ser exaustiva, recobrando todos os seus temas e elucidando suas principais dificuldades. Tampouco oferecemos uma análise estrutural de seus textos mais significativos, explicitando a ordem lógica dos princípios e dos conceitos, tal como recomenda a corrente mais responsável da História da Filosofia. O que ofereço, na verdade, é um comentário bastante modesto que, se não é totalmente desprovido de ambição, procura ao menos examinar a doutrina de Bergson de uma perspectiva bem definida: encontrar sustentação para entender a intuição como uma faculdade do espírito. Pode-se alegar, no entanto, que, ao colocar a questão da intuição como via de acesso ao pensamento do autor, recupero pretensões desmedidamente ambiciosas, pois a questão da intuição é ampla e complexa o bastante para envolver todos os outros temas do bergsonismo (consciência, percepção, inteligência, duração, etc).

No decorrer desta caminhada, compreendi que a intuição não pode ser pensada segundo interesses epistemológicos, mas em um *se fazendo* prático em que estão envolvidos os perigos e a tragédia de viver. A intuição constitui-se em um jogo de forças e na luta efetiva de uma consciência se fazendo. Ela não se constitui uma categoria fundante que funciona como estrutura para o acontecimento, mas um resultado pioneiro, um herói trágico que define seu destino em peripécias com a vida e a morte. Enfrentar esse empirismo radical é a maior limitação e, conseqüentemente, a maior dificuldade será expressá-la. Essa limitação constitui-se em um problema que tensiona a posse positiva da intuição e a maneira de construir uma figura do discurso dela, ou seja, representá-la como conhecimento.

O meu navio de guerra feito de madeira, enfrentando uma tempestade a *palo seco*, navega no mar da intuição imediata e é açoitado pelo vento da duração contra os rochedos da

efetivação em discurso, as palavras como pedras ameaçam. Preciso traçar meu discurso como um mediador, entre a fúria marinha da intuição e a rigidez da representação lógica e formal. Talvez construindo imagens... “A imagem é justamente essa dimensão anterior à cisão entre coisa e representação” (PRADO JR., 1989, p. 146).

Se a imagem é, de acordo com Bento Prado Jr. (1989), uma dimensão anterior à cisão entre coisa e representação, talvez ela possa expressar o real que flui e somente pode ser intuído. Então não vou conceituar, mas sim construir e criar imagens com palavras, descrever paisagens e, talvez, consiga encontrar algum porto para atracar ou alguma superfície para pousar esse desassossego.

1.1 Era uma vez I

Muitos anos vivi distraidamente. A atenção a si é muito difícil na juventude; atenção a si envolve muita dor. Com o tempo, o corpo grita por alguma atenção e a vida psíquica, que é cheia de imprevistos, apenas lentamente flui, notando sua complexa existência.

Por mais que tenha me fixado no presente, o passado empurra sua carga de afetos e saberes nesse presente. O passado não assombra o presente; ele o preenche, ele pesa, ele atropela o presente para roer o porvir. Descobri, com o tempo, que a cada dia sou mais passado que qualquer outra coisa. Um guloso passado que engorda com todo acontecimento – aquela alegria ou tristeza de agora logo vira passado e pesa. O passado não passa. Mais: ele não enche o presente de lembranças apenas, ele enche o presente de afetos e experiências. O remorso, por exemplo, é uma tristeza contínua que escorre do passado e continua amanhecendo comigo no curso dos dias. Claro que existem saudades, as alegrias que vêm no fluxo, mas elas são ínfimas diante dos equívocos e enganosa. As tristezas sempre vencem o campeonato dos afetos, deve ser por isso que morremos.

Um saldo positivo, apesar do corpo perder massa óssea e muscular, com o tempo, é que a vida psíquica aumenta enormemente. Rica em passado, ela quase não dá conta do que vive e do que viveu, pois, em termos de consciência, na velhice, a vida apresenta-se em abundância. Tudo o que vivi é maior. Toda dor é enorme, engordada com as dores passadas, e o amor é mais avassalador que os da adolescência, que, olhando agora, parecem efêmeros, rasos, em comparação ao dilúvio do amor repleto de passado que sinto hoje. Parece que todo amor sentido se reúne e ataca de um só golpe; deve ser por isso que, na minha idade, o infarto é comum, não há coração que aguente. Será que também as alegrias matam?

Conversa de um velho parece sempre terminar em morte. Morremos todos os dias, morremos nos amigos perdidos, nos amores acabados, nos filmes, nas músicas, nas frustrações, ah! As frustrações... Elas sempre ficam para encerrar a festa. Parece que, no fim de todo desejo, uma frustração se instala. Como se o desejo, seja ele qual for, de sexo ou de poder, de beleza ou de conhecimento, fosse um enorme pacote de presente, com a embalagem mais bela, então lutamos, sofremos, até conseguirmos possuí-lo, e aí, quando tiramos a embalagem, muito pouco há de conteúdo.

Na verdade, sempre encontramos decepção. De bom, ficou a embalagem na gaveta das lembranças. Eu dobro centenas de embalagens e guardo, coloco uma etiqueta para não esquecer. Chamo de promessa as embalagens dos desejos. As decepções, as frustrações não consigo guardar em gavetas, elas aprenderam a fugir. Então coloco todas em uma mala e sigo. Levo pouca coisa quando viajo, para não pagar excesso de bagagens, afinal, toda bagagem carrego no peito.

Essa metáfora de guardar lembranças em gavetas é somente recurso estético, pois nada do passado podemos guardar, ele nos constitui. Assim, quando encontro um amigo dos tempos de escola, somos iguais aos velhos colegas de sala e estranhos no tudo de passado que carregamos. Fico indeciso na conversa que hesita. Não sei se procuro o garoto que ele carrega ainda ou se descubro o velho que ele se tornou. Com o fruir da conversa, descobrimos que somos muito parecidos; que, no fundo, fazemos parte de um imenso jorro do tempo, somos apenas duração. Um rio contínuo e heterogêneo. O mesmo, mas diferente e que ainda está mudando. Seguimos cada um à sua maneira e velocidade, em direção ao oceano, onde seremos diluídos, onde não seremos iguais, seremos todos um.

1.2 Era uma vez II

Este é um trabalho de tese cujo objetivo é defender a hipótese do projeto, cumprindo as exigências do curso de doutoramento, e que teve por motivação inicial a obtenção do título de Doutor em Difusão do Conhecimento. Embora minha formação acadêmica seja em Filosofia e em Educação (e delas não me afastarei muito), será sempre um risco calculado: não é uma tese em Filosofia, nem em Educação. É um trabalho de construção do conhecimento amplo e multirreferenciado, que atende ao programa do curso.

O caminho percorrido foi permeado de motivações poéticas e criativas, e inspirações na filosofia de Henri Bergson sobre a intuição. Evidentemente, a tese intuída adveio de um esforço intelectual exaustivo que exigiu plantio, sementeira, cultivo e colheita. Para dizer que

uma tese foi intuída, é preciso, pelo menos, mostrar como isto aconteceu, cuja maior prova é a existência da própria tese. Os capítulos receberam roupagem para a apresentação de uma tragédia em atos que não obedecem a uma lógica *a priori*, mas sim a um fluxo de vida e são jogados na poeira do acaso da necessidade, regados a sangue e suor, como se fossem chuvas, sol e vento e sal do meu rosto.

As quedas me ensinaram que somente o fracasso humaniza. A infelicidade ensina a pensar, às vezes até cedo demais... Pobres e ricos se complementam, a sociedade não pode ser toda rica. Ela não pode passar sem infelicidades casuais e há pobreza graciosas. Pode parecer estranho, mas é de uma família pobre que pode sair um poeta; de um estabelecimento especial, sair um pensador. Na adversidade, eles darão um jeito de se safar.

Quando cheguei ao Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC), ouvi a professora Teresinha Fróes, em palestra de abertura do curso, dizer que este é o lugar de sonhadores e de formação de sonhadores (FRÓES, 2015). Nesse momento, deixei de me perguntar “O que estou fazendo aqui?”, para compreensão de: “Eis aqui o meu lugar.” Afinal, sou fazendeiro de nuvens.

Eu, as ostras e tudo mais puxamos os cabelos até a dor mandar aliviar. Fugi léguas, fui para Vitória da Conquista para olhar de cima, para voltar com outras vistas. O trânsito de lá para cá e de cá para lá foi percorrido muitas vezes; de ônibus, de carro ou de avião, até a exaustão. A doença é a festa do corpo e o meu pedia, implorava e organizava esta festa, pois, de fato, não podia dizer que estava bem; ao contrário, estava *atordoído*, que é pior que atordoado.

Veio a greve na universidade² e adoeci de rinite, sinusite, faringite e todas as “ites”. Vivi dias terríveis acompanhado de *Alegria D* e outros fármacos para aliviar as dores. Nesse período, mesmo em tais circunstâncias, li Bergson e escrevi o primeiro capítulo, apoiado no conforto afetivo e arrodado de facilidades domésticas e ludicidade com Bernardo, até o retorno da paralisação, quando mudei de residência para Salvador, facilitando as idas e vindas para as aulas do doutoramento. Tempo bom, tempo ruim, mas com uma dose de quietudes e recolhimento que, mesmo acelerando as saudades, pude trabalhar mais exaustivamente: para se intuir é preciso muito trabalho e esforço. A conclusão foi boa. Escrevi mais e me conheci mais, podendo ver que sou, como diz Euclides da Cunha (1982), um neurastênico do litoral.

Apanhar o que tu mesmo jogaste ao ar
Nada mais é que habilidade e tolerável ganho;
Somente quando, de súbito, deves apanhar a bola
Que uma eterna comparsa de jogo

² Referência à greve nacional nas universidades federais, ocorrida entre maio e outubro de 2015.

Arremessa a ti, teu cerne, num exato
 E destro impulso num daqueles arcos
 Do grande edifício da ponte de Deus:
 Somente então é que saber apanhar é uma grande riqueza
 Não a tua, de um mundo.

(RILKE in GADAMER, 1999, p. 10)

Não sou poeta, mas a poesia é um vício desde minha infância, na qual tudo faltava, menos a música e a poesia, como anticorpos às fumaças entrelaçadas e desentrelaçadas de um fogão, no esforço de pegar um bonde atrasado. Meu doutoramento é um bonde atrasado. Aqui vi ou tive impressão de que todo este mundo, com todos os seus viventes, fortes e fracos, com todas as suas moradias, abrigos de miseráveis ou suntuosas mansões, tudo se parecia com o devaneio fantástico e mágico, com um sonho acordado ou dormindo que, por sua vez, desaparece imediatamente e é tragado pelos vapores que sobem ao céu azul-escuro quase escurecedor. Foi aí, nesta sensação, que, de repente, em mim, chegou um estranho súbito pensamento, que então passarei a narrar com minha linguagem sensualista poética e sonhadora.

1.2.1 *Temperamento, temperatura e funcionamento orgânico?*

Sempre carrego comigo uma desconfiança quanto às causas de minhas ideias e de minhas manias e doenças. Nunca resolvo se meu organismo gera minhas ideias ou se minhas ideias provocam meu organismo a funcionar desse jeito. Assim, nunca sei se minha hipocondria gerou meu pessimismo ou se meu pessimismo gerou minha hipocondria – pelo menos, sei que eles são inseparáveis.

Com o hábito de buscar inspiração na História da Filosofia, penso que o ceticismo explica meu conservadorismo. Geralmente, na vida acadêmica, as pessoas se consideram avançadas e ser conservador é uma coisa indigna, inclusive, entendem o termo conservador de maneira chula e impregnada de crenças políticas. Aviso aos corações fracos que sou conservador e, muitas vezes, idiota. Lembrete: na academia, são todos inteligentes. Sigo meu discurso lidando com termos odiados e rejeitados; é preciso certa flexibilidade para compreender o que estou falando.

Então vou explicar o conservadorismo em mim e sua relação com o ceticismo. Em resumo apressado, os céticos não acreditam nas ideias, ou seja, eles entendem que todo argumento racional possui outro argumento contrário equivalente. Sendo assim, não dá para escolher as ideias baseado na sua sustentação lógica, grosso modo, as ideias não se sustentam.

Juntando um pensamento desse quilate com um organismo hipocondríaco, gerou-se um conservadorismo político inevitável.

Políticos têm seus ideários e todos apresentam fórmulas mágicas para tornar o mundo melhor. Quando um cético avalia um argumento e o compara com os contrários, não consegue escolher, então escolhe pelo hábito, que é uma escolha conservadora. Um cético, diante dos ideários, pensa assim: esses argumentos se equivalem, então como vem sendo feito o mundo? Como se costuma fazer? Vem dando certo? Nossa espécie começou em uma família, estávamos à beira da extinção e agora somos sete bilhões no planeta e precisamos controlar a natalidade: portanto deu certo o habitual.

Conservador é uma pessoa que escolhe pelo hábito. Neste trabalho de doutorado, apesar de apresentar um novo entendimento de intuição, fui buscar, na tradição filosófica, sustentação para minha tese. Por isso ela é fundada na filosofia ocidental, na qual reside meu hábito e que satisfaz meu conservadorismo.

Apesar desse percurso se denominar doutorado, muito descobri de minha burrice. A cada releitura dos filósofos, descobria um novo *véu de maia* e me espantava com minha ignorância.

Na sapataria cheia de caixas,
O moço subia na escada e arrumava todas,
Seguindo uma numeração.

Pedi um sapato verde,

Verde é uma cor estranha para sapatos,
Parece até que as palavras não combinam.

As palavras, velhas amigas,
Trago comigo como caixas.
Pego tudo que sinto, vejo e toco,
Pego todo acontecimento e coloco nas palavras,
Guardo tudo dentro das velhas caixas.
Minha estante de memórias fica arrumada,
Escrevo versos e artigos,
Conto a todos minhas façanhas.

Mas pouco, muito pouco posso comunicar,
 Afinal, o conteúdo das caixas somente eu sei,
 A intensidade da tristeza que senti é escondida na palavra triste,
 A caixinha triste guarda todas e diferentes tristezas vividas.

Aqui estou denunciando minhas mentiras,
 Aqui coloco todas as caixas ou palavras no nome caixa ou palavra,
 E digo com a caixa conteúdo que escondo o conteúdo tão diverso,
 Os matizes dos acontecimentos são classificados e separados nas minhas caixas,
 Assim nunca consigo dizer o que sinto e penso realmente,
 Nunca consigo mentir de fato, nem dizer a verdade,
 Nunca consigo efetivar minha denúncia.

Continuo arrumando caixas como o moço da sapataria.

Calcei meus sapatos verdes e saí pisando na grama
 Somente porque é proibido.

Neste trabalho, enfrentei o academicismo da Filosofia, o intelectualismo e a dialética abstrata; busquei valorizar a fecundidade do imediato, visando à universalidade concreta do vivido.

Toda a filosofia encontrada nesta tese consiste numa tentativa de articular a problemática do tempo e da intuição e da linguagem, de pensar o conhecimento a partir da vivência da irreversibilidade do devir e da mobilização da vontade no instante único e irrepitível da ação concreta. Foi na poesia que melhor se assentou esse dizer. Cabe à pureza fugidia da intenção poética propulsar a ação virtuosa do escrever, que, corajosa e drasticamente, busca capturar a “ocasião propícia” e se inscrever, irrevogavelmente, na parca eternidade do “ter sido”, entre um nada antecedente e um nada subsequente.

Na minha experiência pessoal, talvez devido a impotências e limitações, encontrei na poesia forma insegura de criar conceitos, que depois retiro para colocar de forma prosaica ou talvez acadêmica. Porém é no poema que sinto a tensão emocional que acompanha a forma palavra, dando-lhe um conteúdo orgânico, vital. A palavra no poema é uma expressão direta do sentimento do vivido, que depois do trato dialógico vai perdendo em sensação, esboroando na formatação do intelecto. Estou terminando um capítulo de *O mundo como vontade e*

representação, de Arthur Schopenhauer (2001a). Ele apresenta a música como representação direta da Vontade, como forma da intuição se expressar. Nesta tese, tento apresentar a poesia como essa força de representar. Assim, ontem vivi com o neto uma experiência que gerou esse conceito de “eternidade parca”. Ela já me havia ocorrido como paraíso momentâneo, mas agora encontro a expressão que melhor satisfaz. Eternidade parca, pequena, escassa do *ter sido*. Esse ter sido tem a universalidade concreta do vivido, ele é um absoluto nele mesmo. Sendo um absoluto único e completo, não pode ser abstraído sem se perder. Ele é intuído e, na perdurância da intuição, acompanhado em sua duração.

2. HYBRIS

Sou movido por um desejo fulminante de conhecer. Como Édipo, sou arrastado para saber por que e como, para descobrir, desvelar, entender, compreender e até explicar. O que é intuição e como é que acontece? Apesar de fulminante o desejo de saber, é lentamente que me aproximo do objeto, pois temo o que me fascina. Maravilhado e temeroso, vou chegando como um felino, arrasto-me, às vezes recuo.

Para Claude Lévi-Strauss (2003), Bergson pensa como um selvagem; em sua metafísica, são encontrados traços do mundo Sioux (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 124). Talvez esse seja um aspecto importante de minha aproximação com Henri Bergson, afinal, a presença indígena em minha família é dominante.

Bergson avisa que o primeiro objeto que intuímos somos nós mesmos, ou seja, estamos coincidindo com nossa duração. Estranhar a si mesmo juntamente com a simpatia consigo mesmo. Estrangeiro de sua própria intimidade. Aqui, nesse primeiro espanto, torno estranho o familiar e nenhuma palavra – fico mudo e trêmulo.

2.1 A pesquisa

Sinto-me como Jonas, sendo a pesquisa uma baleia. Fui engolido e arrastado para meu destino. Aprendi com Bergson a maior de todas as angústias: não tenho angústia apenas por ser livre e ser obrigado a escolher diante de variadas possibilidades estáticas, paradas na bandeja da existência como doces em uma festa; muito pior me ensinou Bergson, que as possibilidades fogem, elas escapam, elas se movem e não tenho a imobilidade eterna para me angustiar e escolher, as possibilidades também se retraem. Nesse campo pulsante de escolhas e fluxos, minha *hybris* engoliu-me.

Nessa duração, sou o que não tenho, tenho o que não sou e, muito mais frequentemente, nem tenho, nem sou, assim intuo minha própria duração. A duração não depende da cultura, do gênero, da história, nem da pedagogia; ninguém aprende a durar. Ela não é um acontecimento, mas a constituição do real e por isso digo que o pensamento de Bergson é uma metafísica, pois entendo que metafísica é todo saber que busca um único fundamento para tudo. Como metafísica seria, assim entendendo, a ideia de tempo em Isaac Newton, a relatividade em Albert Einstein, o acaso em Max Born, a história em Karl Marx, o inconsciente em Sigmund Freud, a liberdade em Jean-Paul Sartre e a duração em Henri Bergson.

Como diz Bergson, o filósofo tenta dizer. A filosofia é um esforço para dizer e este meu esforço bruxuleia para logo se esboroar, hesitando entre possibilidades inesgotáveis e realizações deficientes.

3. PATHOS: METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta tese é resultado de uma pesquisa teórica bibliográfica qualitativa, explanatória e propositiva concentrada na obra de Henri Bergson e seus intérpretes. Também alguns trabalhos acadêmicos foram convocados em sua realização, a fim de exemplificar a repetição dos temas e conclusões.

Para o desenvolvimento do trabalho, inventei um método parecido com o método de um catador de latinhas, ou seja, busquei na obra de Bergson apenas o que me interessava para colocar no meu saco de latinhas: conceitos e relações que me serviriam na construção e na criação da intuição como faculdade.

Como referencial metodológico inicial, parti de Imre Lakatos (1999) – aqui peguei mais uma latinha. Para o autor, os três tipos de falseacionismo são:

- a) O Dogmático pensa que existem falseações infalíveis. A base empírica da Ciência não é certa, logo algumas falseações podem estar equivocadas;
- b) O Ingênuo pensa que o desenvolvimento da Ciência ocorre na luta entre as teorias e os fatos, e que uma teoria morre quando um fato a destrói;
- c) O falseacionismo metodológico de Lakatos (1999), no qual uma série de teorias competem entre si para explicar os fatos e, da luta entre as teorias, ocorre o progresso da Ciência.

Em Lakatos (1999), a ideia de que uma experiência empírica pode falsear uma teoria científica é ingênua. Ele entende que o falseamento metodológico envolve uma disputa entre teorias, e não um confronto direto entre a teoria e a experimentação, pois, assim como as crianças, os cientistas preferem mudar as hipóteses a mudar suas crenças. Baseado nisso, Lakatos (1999) desenvolveu a ideia de heurística negativa, que muito me ajudou na elaboração do projeto de pesquisa do Doutorado. Nela, o autor afirma que um programa de investigação científica é caracterizado por seu “núcleo duro”, que seriam as crenças e os axiomas ou pressupostos.

Todos os programas de investigação científica podem ser caracterizados pelo seu ‘núcleo firme’. A heurística negativa do programa impede-nos de orientar o *modus tollens* para este ‘núcleo’ firme. Em vez disso devemos utilizar o nosso engenho para articular, ou mesmo, inventar, ‘hipóteses auxiliares’ que formem uma cintura protectora em torno deste núcleo (...). (LAKATOS, 1999, p. 55)

Essa heurística negativa é um artifício metodológico de proteção do pesquisador e de sua pesquisa; a proteção do núcleo duro garante uma sustentação epistemológica para o desenvolvimento da investigação. Tal entendimento do que é pesquisa envolve uma

metafísica sofisticada, que resumo em uma sabedoria socrática de que desconfiar do próprio saber é nota de grande sabedoria. Por trás desses procedimentos, existe uma compreensão relativa do conhecimento, precário e provisório, mas também o entendimento cético de que todo raciocínio tem um contrário igualmente válido. Além disso, há a aceitação de um perfil dogmático no ser humano, que prefere mudar as hipóteses a mudar suas crenças.

Como é possível notar, em minha inclinação de espírito ou temperamento, houve uma simpatia com a metodologia lakatiana. Então a escolhi como inspiração para minha pesquisa. A maior dificuldade foi encontrar minha crença, categoria fundamental e primeira no esquema metodológico de Lakatos (1999). Sendo um cético, por estrutura genética ou defeito no órgão da fé, não acredito muito nas ideias, então parti de que minha crença seria não acreditar em nada. Porém isso seria muito inconveniente para minha pesquisa em intuição, pois, se vou pesquisar intuição, devo acreditar nela. Assim, descobri que todo homem é ortodoxo – até os céticos são ortodoxos em seu ceticismo. Como penso que a principal qualidade de ser humano é poder se jogar fora, descartei o ceticismo ortodoxo e estruturei minha crença.

3.1 Capítulo do Método

Como pesa essa palavra “método”, como a tradição constrói com chumbo toda metodologia... Mesmo assim, pretendo tirar um pouco dessa severidade neste capítulo do método, por isso não busquei estabelecer um conjunto de regras *a priori* a se impor à aventura da pesquisa ou a descrever o procedimento metodológico desta pesquisa. Pois muito do meu trabalho sobre intuição foi intuitivo e, tendo sido assim, escapou ao *a priori*.

Outro aspecto metodológico foi a influência do professor Roberto Ponczek, meu coorientador no doutorado, cujo esforço teórico em adaptar a metodologia de Lakatos (1999) à pesquisa individual foi aproveitado em meu trabalho. A epistemologia lakatina organizou logicamente minha pesquisa.

No início da pesquisa, estava perdido e, como todo perdido, ansiava por caminhos, passagens, saídas, portas. Este foi o papel desse método. Com ele, direcionei-me ao problema da intuição na linguagem; depois, a própria leitura filosófica se impôs como teoria e método indissociáveis. A Filosofia é também um método.

Assim, a estrutura desta pesquisa iniciou conforme a estrutura apresentada na página seguinte, então denominada “Quadro da pesquisa”.

Quadro da pesquisa

Título: A intuição como faculdade: a relação entre inteligência e intuição no drama da linguagem.

Crença: Existem, pelo menos, duas faculdades para o conhecimento, uma discursiva e geométrica, e outra puro devir.

Axiomas:

- A inteligência e a intuição são essas faculdades.
- Enquanto a inteligência é transcendental e *a priori*, a intuição é perdurante.

Hipóteses:

- A intuição é uma faculdade muda, ela precisa da inteligência para se comunicar.
- Existe um comércio entre intuição e inteligência.
- A linguagem é a moeda de troca da inteligência.
- A poesia, assim como a música, comunica a intuição.

Problema: A intuição é muda, no entanto, é preciso representá-la.

Questões:

- Como a intuição é percebida como perdurante do acontecimento?
- Como acontecem a cooperação e a luta entre intuição e inteligência?

Objetivo: Compreender a intuição como uma faculdade do espírito (ou consciência) e sua relação com a inteligência e a linguagem.

Objetivos específicos:

- Buscar fundamentos na Metafísica de Henri Bergson para sustentação da hipótese da *Intuição como faculdade*;
- Aprofundar o conceito de duração em Bergson;
- Elencar as variantes interpretativas do conceito de intuição;
- Articular os conceitos de duração, intuição e consciência;
- Encontrar caminhos na linguagem para expressar a intuição.

O método traz a marca da natureza do objeto e da personalidade do pesquisador. Logo a tragédia é uma presença constante no meu fazer. A noção de trágico, aqui, revela a ideia de que não possuímos o domínio completo de nossas ações, portanto planejamos uma direção, mas o navio segue outro rumo. Aí nos encontramos como Ulisses, perdidos no mar de Poseidon.

As armas do Ulisses desta pesquisa são a coragem e a astúcia, e, apesar de a pesquisa buscar um desconhecido, de ser uma investigação, como na Odisseia, a pesquisa também carrega algo de retorno. Ítaca, sonhada por Ulisses, representa o sossego da certeza, a confirmação de uma crença ou simplesmente o interromper da dúvida e do pensamento. Seria um atrevimento dizer que uma tese de doutorado significa o fim de um pensamento? O repouso de uma viagem? O reencontro com terra firme? O percurso da pesquisa é navegar em mar tempestuoso.

3.2 Epistemologia Ponczekiana

O professor e filósofo Roberto Ponczek, durante seus cursos no DMMDC, vem cunhando termos que ajudam a compreensão do processo de construção do conhecimento científico e a lógica dos projetos de pesquisa. A exemplo disso, ele apresentou o “desespero epistemológico” (PONCZEK, 2017),³ que é a situação que o pesquisador enfrenta quando seu núcleo duro ou suas crenças são destruídas durante o falseamento ou confronto com o real e com outras teorias que, inevitavelmente, os resultados de sua pesquisa irão enfrentar durante o processo investigativo.

Busquei em Soren Kierkegaard (1979) auxílio para desenvolver esse termo, que envolve uma situação de pesquisa, mas também uma situação existencial do pesquisador. Kierkegaard (1979) identifica o desespero com o pecado, que, segundo ele, é pior que a morte. Para o autor, o desespero é um mal para o qual não há cura.

Por que, Kierkegaard?

Ponczek (2017) se localiza, epistemologicamente, em uma atmosfera lakatiana, por isso a crença lhe é uma categoria fundamental. Kierkegaard é um especialista em crença e fé; sua análise da existência humana atravessa a aflição da escolha e o refúgio da fé. Porém, para Kierkegaard (1979), a fé não é uma morada racional; ela é uma espécie de loucura, mas

³ Referência à aula do componente curricular “EDCB14: Seminário de Tese”, em 06 jan. 2017.

loucura suficiente para livrar-se do desespero. É evidente que oscilar entre o desespero e a fé (uma loucura) faz a angústia ser o tecido do humano.⁴

Na finita passagem pela vida, nossa existência é feita de escolhas e ações, assim, entendendo a pesquisa como uma espécie de vida, ela é finita e feita de escolhas e ações também. O homem sem fé pauta suas ações por medos terrenos, medo da fome, por exemplo, que o leva ao desespero da gula, ou medo da pobreza, que o leva ao desespero da avareza. O cristão que tem fé teme um mal maior que o terreno, teme a Deus e o sofrimento eterno, e é nessa loucura que ele escapa do desespero dos medos menores, do pecado.

Na pesquisa, acontece o mesmo fenômeno quando o pesquisador não tem fé, não tem uma loucura por uma teoria ou um teórico. Quando sua crença é fraca, seu medo é por questões terrenas e menores, como a aprovação da banca e os créditos das disciplinas, desesperos parecidos com a gula e a avarezas que o deixam ser seduzido todo dia por teorias novas. Assim, ele esquece da heurística negativa, ele esquece de defender sua crença. Agradando aos diversos teóricos e professores, seu projeto de pesquisa fica fragmentado e abre brechas para a destruição do núcleo duro.

Em contrapartida, o pesquisador que tem fé (loucura) por seu teórico ou teoria a defende com afinco, e ela é mais importante que o cumprimento de créditos do curso e até mesmo que a aprovação da banca – ela é mais importante que a vida. Por isso sua heurística negativa é bem trabalhada e seu cinturão protetor bem estruturado. Esse pesquisador está livre do desespero, guardado na loucura da fé.

Apesar dessas distinções entre os pesquisadores, todos nadamos na angústia de ter que escolher e esse aperto no peito que dificulta a respiração, e pior, dificulta escrever, esse mal-estar que parece atacar por todos os lados é a essência da pesquisa. Pesquisar é angustiar-se, a pesquisa é angústia. Assim, constituídos de angústia e abraçados à loucura da fé, poderemos escapar à doença que não tem cura, o desespero epistemológico, que significa ter que mudar de crença, ter que mudar de teoria e teórico, e desestruturar toda a pesquisa, ou pior, ter que desestruturar suas crenças.

O desespero epistemológico estabelece uma prioridade existencial para o pesquisador. Antes de tudo, antes de escrever projeto e artigos, antes de saber seu problema e sua questão, o pesquisador deve fazer um exame de foro íntimo e descobrir, com sinceridade, sua crença, aquela que o define, aquela que ele morreria por ela, já que o desespero é pior que a morte.

⁴ Tanto o tema da angústia como o do desespero podem ser aprofundados teoricamente na leitura das seguintes obras de Kierkegaard: *Temor e tremor*; *O conceito de angústia*; e *O desespero humano*.

Continuando a saga do percurso do componente curricular “Seminário de Tese”, a seguir, apresento outro termo cunhado pelo professor Ponczek (2017). Segundo ele, na pesquisa, é preciso ter “**A coragem da hipótese**” (PONCZEK, 2017).⁵

A virtude mais desejada e almejada por um trágico é a coragem de enfrentar seu destino. Como sou um trágico convicto, esperança para mim é apenas uma velha cega e mentirosa, além do que dizia Baruch de Espinosa (1979): se a esperança é uma alegria fraca provocada pelo desejo de que algo bom aconteça no futuro, junto com essa alegria fraca vem o medo de que tudo dê errado. Assim, quem tem esperança tem medo, e ter coragem significa não ter esperança. Ter coragem significa o uso da justa razão, para o cálculo prudente de não ser temerário, nem covarde, de agir com justiça e destemor.

O professor esclareceu o termo proposto explicando que, durante a feitura dos projetos de pesquisa, a maioria dos alunos, quando escreve suas hipóteses, demonstra insegurança, faz perguntas, usa expressões incertas como “talvez” e “provável”. Segundo Ponczek (2017), a hipótese deve ser uma afirmação firme, clara e breve. Na linguagem ponczekiana, isso seria **a coragem da hipótese**. Além disso, são as hipóteses que formam o cinturão protetor do núcleo duro, das crenças e axiomas tão caros ao pesquisador.

Dentro da atmosfera lakatiana, o enlace dos conceitos ponczekianos é de absoluta coerência. Se, para escapar ao desespero epistemológico, é preciso saber com clareza sua crença e ter fé, a coragem da hipótese é resultado dessa fé em sua crença, da verdade de sua crença, da firmeza de sua crença. Somente assim sua hipótese será corajosa, será uma assertiva fundada em uma crença sólida, que precisa ter um bom cinturão protetor, com hipóteses que realizem a heurística negativa.

A coragem da hipótese também se aproxima de um pensar trágico no aspecto de que, para um trágico, a dor é inevitável, e, de acordo com o professor Ponczek (2017), o problema da pesquisa é uma “dor de mundo” (PONCZEK, 2017). Assim como o herói trágico precisa de coragem para enfrentar sua dor, o pesquisador precisa de coragem para enfrentar sua dor de mundo e a coragem da hipótese terá a profundidade da sua dor de mundo.

Assim, o pesquisador segue sua epopeia trágica. Como Ulisses na guerra de Troia, ele precisa usar a razão e cultivar a prudência na construção do cinturão protetor, para defender seu núcleo duro. Mas é importante a coragem da hipótese na heurística positiva, que será seu cavalo de Troia, sua ação de ataque, seu golpe nos crocodilos que, entrincheirados nas muralhas da cidade, estão prontos para atirar pedras. A coragem da hipótese, como o Cavalo

⁵ Referência à aula do componente curricular “EDCB14: Seminário de Tese”, em 06 jan. 2017.

de Troia, penetrará a defesa inimiga e vencerá a guerra, porém essa ação requer atrevimento e competência.

A virtude da coragem é importante, ainda, na dor da derrota, a negativa do projeto. Também para ser derrotado, é preciso coragem, virtude fundamental para a batalha da pesquisa que exige do pesquisador que vai enfrentar teorias contrárias à sua. Essas teorias “inimigas” estarão encarnadas em imensos crocodilos, que exigirão do pesquisador muita coragem. Sem essa coragem, o desespero epistemológico é certo. Assim, com crença profunda e a coragem da hipótese, estaremos prontos para a guerra, pois, como acreditava Friedrich Nietzsche, o forte é aquele que não se nega à batalha.⁶ Um pesquisador não deve se contentar com a paz de rebanho em verdes pastos. Ele deve se destacar, pois a novidade deve ser um traço do seu trabalho.

Desespero epistemológico e a coragem da hipótese formam um par conceitual, iniciando a *démarche* ponczekiana da epistemologia de Lakatos (1999), ampliando horizontes e reinventando alternativas de compreensão da pesquisa científica.

Neste episódio, continuo buscando o apoio da tragédia grega para explicar a pesquisa científica. Nesse sentido, retomo uma imagem da Odisseia muito forte que o professor Ponczek (2017) utilizou para alertar seus alunos sobre a empreitada de um doutoramento. Segundo ele, em um programa de pesquisa, as teorias ou vários programas de pesquisa estão em disputa para conquistar corpos dóceis, almas puras e corações inocentes. Mas o caso é que ninguém é tábula rasa, avisa Ponczek (2017), todo mundo tem suas crenças impregnadas no DNA. No entanto, os crocodilos, de forma mágica, disfarçam-se de sereias e tentam converter pagãos para suas seitas.

3.2.1 O canto das sereias

O destemido pesquisador se lança no imenso e perigoso oceano da pesquisa. Lá, enfrenta tempestades de teorias, quando não verdadeiros furacões que ressoam, de boca em boca, como o vento do momento, a mais nova explicação de tudo, a última palavra em matéria de conhecimento, aquela que vai levar você mais longe... Tudo canto de sereia, que tentou seduzir Ulisses.

Toda crença é absoluta e excludente; todo homem, dogmático. Sempre achamos coerentes as explicações que se aproximam de nosso temperamento. Afinal, como diziam os

⁶ Para maior compreensão e aprofundamento da noção de Forte em Nietzsche, ver *Genealogia da moral*.

céticos, todo argumento possui outro argumento contrário e equivalente, ou seja, não dá para escolher baseado nas teorias.

Como a logicidade não garante supremacia de uma teoria sobre outra e não nos importa o falseamento empírico, porque podemos mudar nossas hipóteses e manter nossa crença, é o número de fiéis que conforta os crentes em seus credos. Adeptos, militantes, convertidos, apenas isso buscam as sereias com seus cantos e encantos. Evidente que, se uma teoria consegue ser hegemônica entre militantes e professores de determinado programa, ela converge para seus papas mais financiamento, mais facilidade para publicar, mais prestígio e garantias na mercadologia científica de nossos dias.

Muitos desavisados se perdem nos braços dos monstros durante a viagem e se desviam do caminho para Ítaca. É preciso fazer como Ulisses: amarrar-se no mastro de sua crença e tapar as orelhas para manter o curso, afinal, muita gente perdeu o juízo de tanto abrir a cabeça.

3.2.2 Tratamento do drama

Apesar de o método funcionar como um navio e o mar, como o ambiente da pesquisa, o navegador é fator fundamental nessa viagem. Assim, existem gênios como Newton, Darwin e Einstein, e existem os pesquisadores comuns, que se entregam às sereias ou sucumbem diante do Ciclope ou nunca escapam de Calipso.

Na epistemologia ponczekiana, considero o Ciclope aqueles paradigmas de um único olho, que poucos problemas resolvem e são gigantes em seu núcleo duro, repletos de axiomas e crenças, e com poucas soluções, ou seja, gigantes de um olho. Quando Ulisses teve que enfrentar o Ciclope, usou a astúcia de se identificar como “Ninguém”. Assim, quando o gigante pediu ajuda aos seus irmãos, dizia *Ninguém está me atacando*, e os irmãos não vieram ao seu auxílio, garantindo a Ulisses que escapasse. Então ser um ninguém, ser um pesquisador comum, pode ser uma boa estratégia para fugir do Ciclope.

Como tudo isso contribuiu com a tese?

Quando alguém está em um labirinto, sonha com portas; quando está perdido, anseia por caminho. Analogamente, o formato lakatiano de projeto foi importante para iniciar esta pesquisa, escolher sua rota, começar as leituras e definir um objetivo, uma meta. Esse método funcionou, para mim, como uma *navalha de Ockhan* – ele enxugou minhas pretensões. Porém, durante o percurso, a Filosofia mesma foi o método, já que ela é, em si mesma,

método e conteúdo. Na Filosofia, o terceiro é incluído, como diz Dante Galeffi (2009); ela é método *e* conteúdo ao mesmo tempo.

3.2.3 *Por trás do método*

Quando escolhemos um método e o seguimos, não notamos que a escolha esconde um método ou condições em nós que nos levaram àquele método. Enfim, há muita inconsciência naquilo que chamamos consciência. Para Henri Bergson, o ser é um, logo razão e desrazão são o mesmo em estados diferentes, como um elástico, que se estica e afrouxa. Desse modo, é possível compreender que há intuição em um método, e que método e sem-método coabitam, assim como todo conhecimento carrega uma sombra de desconhecido em si mesmo. Um conhecimento não é resultado de um método em sua totalidade, mas um método pode ser um resultado. Assim, escolhi um método para meu trabalho que aconteceu para além do método.

O poeta amanheceu chutando as palavras
 Ele descobriu suas mentiras.
 Cansou de dizer uma coisa em seus lábios
 E elas sussurrarem outra nos ouvidos do leitor.
 Malditas mentirosas, ele queria ficar mudo,
 Nunca mais pronunciar palavras,
 Escrevê-las muito menos.
 Mas não é dono de sua vontade,
 Subjugado por amor e desejo,
 Amaldiçoado, ele escreve seu desgosto.
 Elas ruins e de péssimo caráter,
 Messalinas de bordéis de quinta categoria,
 Voam para a página em branco
 Rindo em gozo pelo seu domínio.
 Ele trêmulo como um donzelo,
 Aceita seu destino de presa.

Neste poema do paradoxo, não apenas estabeleci uma guerra entre razão e desrazão, entre Ciência e superstição, como coisas distintas, mas também senti que elas são um mesmo, como um elástico, que se tenciona e relaxa. O poema apresenta uma intimidade entre esses

opostos, um escorrendo por dentro do outro. O método e o perdido, a métrica e a desmesura, o conhecimento e o mistério, a inteligência e a intuição são o mesmo que diferencia em duração.

Essa apresentação, em palavras, do fluxo contínuo do real provoca uma ilusória cisão naquilo que não se divide. O ser não é em pedaços, mas é em pedaços comunicados. As palavras são fatias de um inteiro. Assim, um método tenta expressar, através de fatias, como aconteceu uma investigação. Ela, a investigação, jamais poderia ser dita de outra forma, mas ela é de outra forma, ela é inteira e fluida, onde objetivos e justificativas se misturam, onde a resposta vem antes da pergunta. Por trás do método, há um sem-rumo que o acompanha como sua sombra.

Quem está perdido em um labirinto deseja encontrar um caminho, sonha com mapas e termina por criá-los. Do mesmo modo, no início de minha pesquisa, eu buscava por um método e o encontrei; no final, apresento outro método, que é resultado da própria pesquisa. Ei-lo: fazer um poema pela manhã e depois tentar escrever em prosa o que, no poema, foi intuído. Este método foi descoberto depois de ter sido realizado.

O poema ataca a razão e a desrazão não por ser contra elas, mas para uni-las. Ele é como um *Eros*, liga o contrário. Porque viu e tocou o inteiro do real, brincou com o elástico do ser, esticou-o ao máximo, numa tensão em que o elástico perdeu toda sua elasticidade, ele ficou teso, reto, aí chamou-o razão. Depois, deixou relaxar e ficou enrolado em possibilidades, frouxo e disforme, aí chamou-o desrazão. Um elástico é muito simples em seus dois extremos, mas uma alma mortal mistura os estados. O próprio solo da consciência é fluido; nele, esticado e frouxo se atravessam em múltiplas condições, as quais as palavras não alcançam e o poeta espera o verde esperança nas folhas da mussaenda, que brilham em tons desejantes de variados verdes.

3.3 Problema

Partindo da crença de que existem, pelo menos, duas faculdades para o conhecimento, uma discursiva e geométrica, e outra puro devir, estruturei os seguintes pressupostos: primeiro, que a inteligência e a intuição são essas faculdades, respectivamente; e segundo que, enquanto a inteligência é transcendental, a intuição é perdurante. Dessa forma, o problema delimitado nesta pesquisa foi a dificuldade de comunicação e representação da intuição.

3.4 Justificativa

Não é sem razão, por causa dos aspectos metafísicos que envolvem a fenomenologia quântica, que o físico britânico Stephen Hawking tenha conclamado também os filósofos para a empreitada da construção da Física Quântica. Nesse cipoal de processos aparentemente metafísicos, no qual os entes de conhecimento se apresentam epistemologicamente apenas difusos e evanescentes, e não se discernem claramente como objeto de conhecimento para a cognição, a racionalidade científica e seu formalismo matemático, que são utilizados com êxito para explicar os fenômenos e os processos da natureza, não se disponibilizam como um eficaz instrumento de elucidação. É possível compreender, portanto, porque os físicos quânticos mais brilhantes, via de regra, têm sido aqueles que são capazes de se conduzir mais por meio de intuições e menos por meio da razão.

Todavia, a utilização também da intuição no processo de produção de conhecimento, como um procedimento exigível em Física Quântica, vem colidir frontalmente com paradigmas e orientações intelectuais que em certos espíritos se encontram maciçamente fossilizados em forma de dogmas epistemológicos. Isso ocorre tanto no seio da comunidade científica, quanto em outros arraiais de nossa sociedade pensante. Esse dilema aparece em outras áreas do conhecimento, como na Genética e na Neurociência. Também no campo da Psicologia, iniciam-se estudos sobre intuição.

Nesse contexto, esta pesquisa se justifica não somente pela atualidade e inserção na contemporaneidade do debate, mas devido à escassez de Epistemologias fundadas na intuição. O esforço de aproximação entre a Filosofia e a Ciência consiste em uma exigência do conhecimento contemporâneo, o que insere esta tese nas expectativas atuais da produção, construção e difusão do conhecimento.

A multidisciplinaridade da intuição se dá nela mesma, pois jamais seria esgotada pela Filosofia, pela Psicologia, pela Educação ou pelos estudos cognitivos diversos.

3.5 Motivação

Acredito na distinção entre linguagem e pensamento. A partir dessa minha crença, desdobraram-se as ideias de intuição como uma forma de conhecimento e como uma faculdade do espírito, ou como aspecto do pensamento não discursivo. Essas ideias me encantaram como desejo fulminante, como uma *hybris* que me arrastou ao conhecimento e ao estudo. Da metafísica de Henri Bergson estabeleci três pressupostos: 1) A linguagem é um

instrumento do pensamento; 2) Pensamento começa no espanto; 3) Pensamento cria conhecimento.

Diante desses pressupostos e da consciência da escassez de criatividade na pesquisa acadêmica, a motivação para este estudo tomou-me completamente e aumentou meu entusiasmo, quando encontrei ressonância no DMMDC e no debate acadêmico atual para o estudo da intuição.

3.6 Limites e limitações

Um grande limite do meu processo investigativo foi a pouca literatura envolvendo o estudo da intuição, porém ganhei, com isso, em novidade e criatividade. Outra dificuldade encontrada foi a transformação da intuição em conceitos, em linguagem, pois a intuição parece estar sempre a escapar aos limites da representação. Essa tensão entre pensamento e linguagem foi a esfera do meu trabalho e pesquisa.

Como considero haver uma distinção entre pensamento e linguagem, esta tese é sempre uma aproximação da realidade da intuição, sendo necessária uma constante revisão e ajustes no decorrer da história do pensamento. Mas a tensão entre intuição e linguagem se estabelece como na experiência daquilo que acontece pela primeira vez na vida. Diante do absolutamente novo, temos muito mais a dizer sobre o não-ser que sobre o que é. Como é novo, não temos palavras nem conceito para identificá-lo e ficamos balbuciando: *Não é isso, nem aquilo...*

4. ÁGON: PERDURÂNCIA

Encontramos nos dicionários que perdurar é o que possui grande durabilidade, que dura muito tempo; seria um persistir no tempo. Porém, nesta tese, dou um sentido diferente ao termo: considero que a faculdade da inteligência ou do entendimento funcione sempre impondo ao objeto condições *a priori*, como Immanuel Kant (2001) estudou exaustivamente na *Crítica da Razão Pura*.

Afirmo que, diferente da inteligência *a priori*, a intuição é perdurante – e como seria isso, se, ao dizer que a intuição é faculdade, já a coloco *a priori*? Mas dizer que a intuição é uma faculdade é olhar para ela com a inteligência, como o morto ilumina o vivo na medicina, ao dissecar o cadáver para entender o corpo vivo que se apresenta opaco. Coloco um movente na linguagem e o mato. Assim, ainda lidando com o mundo do imóvel, do morto, da linguagem, afirmo que a intuição é uma faculdade perdurante, que atua na relação com o objeto, simpatizando com sua duração, não impondo nada *a priori*, acompanhando a novidade do fluir do acontecimento.

Enquanto a faculdade *a priori* do entendimento deforma o objeto para conhecê-lo, impondo a ele regras gerais, como tempo, espaço e causalidade, a intuição busca no objeto aquilo que ele tem de espiritual, de singular. Busca no objeto aquilo que ele possui de genuíno, busca no objeto sua duração. Enquanto a inteligência ou entendimento encaixa o acontecimento nas regras gerais do fenômeno, a intuição retira ele de qualquer generalidade. Sobre esse processo antidiscursivo, anticonceitual, antigeométrico, antissemelhança, antirrepresentacional, afirmo que o ato de buscar a diferença é perduração. Um acontecer junto, uma simpatia, no dizer bergsoniano.

A palavra é alucinatória

Ela tenta ser um representante e, ao mesmo tempo, a função de representar.

As cargas de emoções e sensações que vivemos

São guardadas na memória como afetos.

Esses afetos não estão na consciência, mas no corpo,

Para vir à consciência é preciso virar palavra,

Senão fica como afeto recalçado no inconsciente.

Nota musical nas cordas nervosas,

Relâmpago em algum neurônio carregado.

Estranho, pois o esquecimento assim é uma forma de memória inconsciente,
Esquecer é descolar de palavras o afeto,
Então esquecer é guardar bem fundo.

E lembrar é traduzir em representação,
Jogando na palavra, essa alucinada, cargas de investimentos,
Sensação de Dor e entendimento da dor, misturados numa mesma palavra,
Dor.

Poesia talvez seja uma forma de arrancar da palavra sua dualidade,
Nem representante, nem representação,
Palavras apenas como imagem,
Como som,
Como acontecimento.
Palavra nua de funções de consciência,
Palavra como beijo ou soco inesperado.

Assim, não podendo esquecer,
O poeta chora seu poema.
Não pode descolar representações da palavra no poema,
Pois no poema a palavra não representa,
Ela é,
Pura,
Genuína.

A poesia é a cura da palavra
Ou talvez sua maior doença,
Sua morte como representação.
No poema, a palavra é uma forma de silêncio.

A intuição ultrapassa a linguagem e, por outro lado, a linguagem esquece a intuição – persegui esse dilema, essa tensão, esse desespero. Inventei que a intuição é perdurante. Aplico o conceito *perdurar* da seguinte maneira: perdurar, para mim, não é durar para sempre, mas

durar junto, sobreviver, estar sempre lutando e mudando, acompanhando a mudança da vida; aliás, mais que isso, criando e inventando viveres.

A vida, hoje, é a grande questão. Salvar o planeta, biopoder, biopolítica, biônica, biotecnologia... Porém a vida, ao tornar-se objeto do conhecimento, também resiste a ele. A Ciência ilumina a vida com a morte; ela parte do corpo do cadáver para entender o corpo do vivo, mas o vivo está em duração. Mantém-se obscuro. A intuição é perdurante, idêntica à vida; ao se tornar objeto do conhecimento, resiste a ele.

Parece que tudo que escrevo sobre intuição é como matá-la; talvez a linguagem científica seja um cadáver da intuição. Enquanto a faculdade de representação envolve e prevê, a intuição perdura, o que significa que ela não utiliza o passado. Para aprisionar o presente novo que se apresenta em semelhanças, a intuição usa o novo para inundar o passado. O novo é uma invenção do já existente e o real está aí, mas ele se singulariza na relação com o indivíduo e essa singularização é uma intuição.

Conservei o termo metafísica no meu trabalho porque meu acesso é metafísico. Quando me refiro à vida, por exemplo, não é como um biólogo, falo como um metafísico, falo de algo muito maior que a vida biológica, falo de um princípio do todo, um *elã vital* em Bergson (2005a), uma *substância* em Espinosa (1979), uma vontade do mundo em Schopenhauer (2001a). Falo que o movimento do real é como a vida, um fluir criativo e destrutivo, uma luta entre esquecer e lembrar, um luto e um nascimento, uma sobrevivência, um sempre inventar para continuar diferente, mudar para não sucumbir, morrer para ressuscitar.

A leitura de filósofos do passado segue o mesmo jeito, o mesmo ritmo: não contextualizo, pois meu método é descontextualizar, é retroiluminar. Ao ler Blaise Pascal (1984) e sua razão não geométrica, a razão do coração, leio iluminando seus argumentos com a questão da intuição e da vida. Igualmente, faço assim com Schopenhauer e com Bergson. Método da retroiluminação de catar latas.

Do realismo extremado e de um idealismo também extremado, surgem duas posições sobre a relação pensamento e linguagem: uma, que pensamento e linguagem são idênticos; a outra, que são distintos e que o pensamento é superior à linguagem. Ambas deixam escapar os perigos que corre o pensamento nessa relação, pois, muitas vezes, a linguagem encadeia o pensamento até sufocá-lo.

Muitos versos aparecerão nesta tese, talvez mais do que comporte uma tese de doutorado, mas há nisto um motivo: parece que, no poema, a palavra ganha uma dimensão diferente da mera representação.

4.1 O não-verbal da poesia

Contam por aí que aprendemos a falar com os pássaros. Eles gorjeiam nas manhãs como bons tagarelas. Mariana odeia os pássaros porque a acordam e deseja matá-los. Muitos estudiosos da linguagem fazem o mesmo, matam tudo que nela é pássaro.

Quem se aproxima da poesia sabe que o poeta, mesmo quando trata de problemas sociais ou afetivos, sua intenção não é pedagógica, nem edificante e que, até esses fins, na poesia, são transformados em meios muito mais perigosos e selvagens. É comum uma antropologia dos discursos com investigadores que estruturam uma relação com a linguagem (ou linguagens) sempre política. Já o poeta vê pouco valor na política; ela serve apenas de meio para o espanto, o abismo que rasga uma existência que pensa e se comunica ou tenta se comunicar, que entende sentenças e silêncios, e suporta a dor do prazer da dor de se saber em canto.

O encanto do canto do poeta é uma forma arriscada de interromper a comunicação com qualquer antropologia, interromper consigo mesmo e com os outros homens, e escutar as palavras em seu florescer quieto no útero pulsante do silêncio.

A poesia não é histórica, não é política, não é humana, nem animal, ela é supra-humana, fantasmagórica, sobrenatural. O amor e a lírica vão além dos enlances, os beijos e mordidas vão além do sexo e do afeto. O poeta sabe a incomunicabilidade absoluta do pensamento e sentimento, a alma contorcida em desespero para comunicar, mas seu grito é mudo e os ouvidos surdos. Então ondas geradas no choque das palavras, com dedos invisíveis, tocam no fundo alguém que se comove. E o poema acontece. Mais que a estrutura escrita, o poema é a comoção vivida e provocada, sem intenção alguma para além desse único comover, que, às vezes, se traduz em sorriso ou lágrima, ou ambos, ou em brilho que atravessa o olhar sem definição precisa, apenas vida, certeza plena de vida. A poesia gorjeia nas manhãs do pensamento, despertando-o, talvez por isso muitos desejem matá-la.

Se tudo estiver em movimento – uns se fazendo, outros se desfazendo –, a forma ou ideia que, para Platão (1996), era uma realidade suprema, imóvel, perfeita e origem de tudo, não terá grande destaque nesse jeito de pensamento. A forma ganha força na imobilidade e a igualdade e semelhança passam dar sentido, pois, comparando formas imóveis, podemos aproximá-las ou afastá-las. Na mobilidade, porém, a forma é apenas uma ilusão ou ponto de passagem para um devir infinito. O importante em um pensamento de movimento absoluto é a força que impulsiona a mudança e, conseqüentemente, a diferença é que dá sentido a esse

modo de pensar. Mas não é a diferença da comparação de formas, pois tudo flui e as formas se desmancham; é a diferença de algo em si mesmo.

Se observarmos uma semente molhada inchando, rachando e deixando sair os filetes de planta que crescem, veremos, em um sentido, ela se abrindo em folha na direção da luz; no outro sentido, criando filetes que se enfiam no solo em busca de minerais e água com a forma de raiz. A diferença da semente para o embrião de árvore, para a árvore que cresce em duplo sentido buscando com a mesma avidez a luz e a escuridão, são diferenças que se sucedem em diferenças do mesmo na duração. A lógica que sustenta um pensamento tão selvagem não é a comparação de formas, mas o acompanhamento da diferença em fluxo. Isso acontece porque é impossível prever a novidade e o mistério para onde o movimento se dirige, logo a atitude é acompanhar. Chamo a isso perdurar com o movimento, surfar a onda como um surfista, ao sabor do improvisado e da agilidade – quando a onda irá quebrar? Até onde poderei ir? Muitas vezes desembarcamos na areia com ela suavemente, outras levamos um tombo...

Nesta seção, apresento o cerne do meu problema de pesquisa: tento falar de movimento e fluir com palavras que implicam em formas estáticas. Quando digo que comparo o embrião de árvore com a árvore, comparo formas no tempo, mas mesmo o embrião e a árvore estão em movimento. Para fazer uma comparação, preciso imobilizá-los nesse instante, pois não há embrião nem árvore estáticos como uma fotografia para comparar. Embrião e árvore são diferenças de um mesmo que flui em duração. A operação de comparação implica em imobilidade, igualdade, semelhança, forma. Então venho substituir essa operação por perdurar. Perdurar com o acontecimento árvore, não da raiz à ponta do galho, isso são formas e estão no espaço, mas perdurar com o acontecimento árvore em sua duração. Comunicar o movimento com palavras imóveis ou, pior, com ideia; comunicar o disforme com formas, gritar o silêncio – este é meu problema.

Chamo atenção para o fato de que esse movimento em duração não é um movimento no espaço, como o deslocamento de um móvel, mas sim um movimento em si mesmo, em duração. Nossa estrutura de pensamento viciada em ideias espacializa a matéria, porém, para entender esse movimento, precisamos nos despojar de um espaço *a priori*. Não é um vazio como uma pista de corrida para o movimento ocorrer, é o corpo em crescimento, em mudança que vai produzindo o espaço que ele ocupa.

A semente e a árvore são pontos dentro de um grande movimento de estrelas, átomos, criação da vida e mistérios. Por isso que a forma está presente e por isso que Heráclito foi conhecido como o obscuro.

A minha linguagem sou eu
Na comunicação não verbal.

Entro na sala e comunico.

O grande problema é que, como não há gramática nem dicionários,
O outro lê o que não sei
E que não queria dizer.

Isso indica como me desconheço,
Existo como um enigma.

Poderia ler-me no outro,
Mas o coitado vive o mesmo drama,
Ele é seu idioma,
E não existe tradutor.

Babel estabelecida,
Fingimos compreensão,
Sobre os destroços de nossa torre sonhada.

Aqui e ali nos assustamos juntos e corremos como boiada,

Raramente nos encontramos em um olhar,
Quase entendemos um gesto
Fugaz
Que se desmancha nas conveniências.

Como não posso ver meu olhar,
Nem perguntar para o outro,
Talvez uma sombra borrada de mim
Se configure nas minhas impressões sobre o outro.

Será que o que eu penso do outro diz mais é de mim?

A seguir, apresento como se estrutura a representação ou o estudo de lógica formal, segundo os manuais de lógica e o Órganon aristotélico (ARISTÓTELES, 1973). A primeira operação mental é a livre associação ou abstração. Ela ocorre quando, diante da multiplicidade do mundo, a inteligência, que se guia pela semelhança, abstrai, ou seja, subtrai as diferenças e encaixa os semelhantes em ideias ou formas, como se eles fossem iguais, daí a formação das ideias.

A segunda operação mental é o juízo. Depois da formação das ideias, predicamos uma com outra e formamos os juízos. A terceira operação mental é o raciocínio, que seria um encadeamento de juízos para fazer uma conclusão. O raciocínio mais simples é o silogismo: Todo homem é mortal; Sócrates é homem, logo Sócrates é mortal. Assim, os termos ou palavras são a materialização das ideias, a frase é a materialização do juízo, e o discurso, do raciocínio.

A intuição realiza uma única operação que é perdurar. Perdurar não implica uma operação mental; ela acontece com o corpo inteiro. Quando intuímos, sentimos calafrios, enjoos, suores, taquicardias, securas na boca, sonhos, pesadelos, sustos e espantos. Esse perdurar é uma simpatia com o que o objeto tem de mais singular, com sua diferença, com sua duração. Enquanto a abstração busca subtrair as diferenças para reunir uma coletividade em uma forma, a perdurância segue em sentido contrário – tão contrário, que diverge de natureza. Olhando para a intuição com a inteligência, afirmo que ela é um método ou uma faculdade do espírito, mas, olhando-a com intuição, não posso classificá-la, ela está como tudo no todo do fluxo.

5. ANANKÊ: A CONSCIÊNCIA DO JÁ FEITO ESPACIALIZADA EM UM LUGAR CHAMADO EU E A CONSCIÊNCIA DO SE FAZENDO NA METAFÍSICA DE BERGSON

Ao colocar a mão na parede, sentimos a solidez impenetrável, depois lembramos de Henri Bergson dizendo-nos que, quanto mais intelectualizada a consciência, mais ela espacializa a matéria. Seria possível reverter o sentido da inteligência em direção contrária à sua inclinação natural? Talvez a parede nem fosse tão sólida e a mão não tivesse essa forma; talvez não houvesse corpo, nem parede, mas duração. Parede, mão e piso formariam um conjunto de imagens em movimento.

Nenhum fenômeno seria o mesmo para duas consciências, nenhuma consciência seria igual a outra, nem igual a si mesma. Verdade e igualdade seriam categorias extintas, tratadas apenas pelos arqueólogos, em escavações bem antigas. Eles, olhando para trás, encontrariam o já pronto nos sítios de suas investigações; agora, ali, diante da parede, em um empirismo radical, a consciência, a mão, a parede, existiríamos no reino do se fazendo (BERGSON, 2005a, p. 258).

Desse modo, continuo no mergulho bergsoniano e refaço o raciocínio: não é que não existam duas consciências iguais, é mais profundo. Essa ideia individualizada de consciência, espacializada, consciência localizada em um lugar que chamamos “eu”, é ainda resultado do hábito do uso da inteligência. Lá, na pura duração, somente existe um fluxo de Consciência com “C” maiúsculo, contínuo e heterogêneo.

Para Bergson, a linguagem nunca alcança o que sentimos e pensamos; ela sempre apresenta uma cópia borrada, uma imagem desbotada de nossos pensamentos e sentimentos. A linguagem reduz, distorce, encolhe. Ela é sempre imprecisa. Isso leva a um problema fundamental para a difusão do conhecimento, já que este precisa da linguagem para ser difundido. Porém, antes mesmo da necessidade de expressão, a forma geométrica em que a inteligência forma os conceitos dificulta a compreensão de certos fenômenos, principalmente aqueles que implicam movimento, pois conceituar é dar forma e, por conseguinte, imobilizar. Os fenômenos da consciência são movimentos intensos e variados, uma contínua mudança; portanto como conceituá-los?

Talvez por isso a ideia de mudança se mostra muito obscura. A inteligência não compreende claramente o que muda, pois o que está em mudança não é mais o que era e ainda não é o que virá a ser. Os conceitos são imóveis, são ideias, ou seja, formas definidas, por isso tanta dificuldade para a representação de algo em movimento. Alcançar a mobilidade com a

imobilidade implica em um enorme esforço, motivo pelo qual tudo que é vivo, logo movente, mostra-se também inatingível pela representação conceitual.

Para Bergson, o real é um fluxo. Ele flui, não existindo coisas, somente ações. Nesse sentido, a vida é um conceito-chave no pensamento bergsoniano. Ela é um exemplo gritante de que o real é fluxo e, para o autor, a inteligência é ineficiente para lidar com aquilo que é vivo, pois o imobiliza em conceitos. No momento em que lida com tudo que se move e flui, a inteligência perde em precisão.

A inteligência opera com a imobilidade, espacializando geometricamente tudo em conceitos. Ela consiste em um instrumento de construção, enquanto a intuição, que se caracteriza por ser um instinto desinteressado, coloca-se dentro do objeto, dura com ele, realizando um movimento oposto ao da inteligência. A inteligência parte da periferia para o centro. Assim, tudo que é construído, como uma casa com porta, telhado, paredes, vem de fora. O que é vivo, por sua vez, explode do centro para a periferia, como uma semente explode em árvore ou um ovo em canto de pássaro. Da mesma forma, como a dedução apenas afirma o que já se encontra nas premissas, o construído trabalha em uma reciclagem. A inteligência não entende o movente, não entende o criado. Ela encaixa mecanicamente partes encaixáveis umas nas outras; seu trabalho é previsível, por isso a Ciência prevê. E o que não é previsível não existe.

Uma coisa, no entanto, é fabricar, outra é organizar. A primeira operação é própria do homem. Consiste em montar partes de matéria que se modelou de tal modo que se as possa inserir umas nas outras e obter delas uma ação comum. Dispomo-las, por assim dizer, em volta da ação que já é seu centro ideal. A fabricação vai, pois, da periferia ao centro ou, como diriam os filósofos, do múltiplo ao uno. Pelo contrário, o trabalho de organização vai do centro para a periferia. Começa em um ponto que é quase um ponto matemático e se prolonga em volta desse ponto em ondas concêntricas que vão sempre se alargando. O trabalho de fabricação será tanto mais eficaz quanto maior for a quantidade de matéria de que dispõe. Procede por concentração e compressão. Pelo contrário, o ato de organização tem algo de explosivo: é-lhe preciso, no ponto de partida, a menor quantidade de espaço possível, um mínimo de matéria, como se as forças organizadoras só entrassem no espaço a contragosto. O espermatozoide, que põe em movimento o processo evolutivo da vida embrionária, é uma das menores células do organismo, e mesmo assim é apenas uma pequena porção do espermatozoide que toma realmente parte da operação. (BERGSON, 2005a, p. 100)

Organização, aqui, deve ser entendida como o ato de criar organismos, ou seja, matéria viva. Então, para Bergson, essa força criadora, que enche a matéria de indeterminação, é qualitativa; ela se caracteriza por temporalidade ou, na linguagem bergsoniana, por duração. A inteligência e o conhecimento científico não possuem

instrumentalidade para lidar com algo dessa natureza. A Ciência transporta para o terreno da espacialidade aquilo que dura, transforma em coisa construída, em mecanismo, aquilo que é criado, que é organismo. Tenta prever aquilo que, por natureza, é surpreendente. Por esse motivo, a Metafísica – ou a Filosofia – está mais bem aparelhada para este tipo de conhecimento; não por ser superior ou inferior, mas por possuir um método diferente. A Filosofia é resultado da intuição coincidindo com a vida.

A obra fabricada desenha a forma do trabalho de fabricação. Quero dizer com isso que o fabricante reencontra em seu produto exatamente aquilo que nele pôs. Caso queira fazer uma máquina, recortará suas peças uma por uma, e depois irá juntá-las: na máquina pronta transparecerão tanto as peças como sua junção. O conjunto do resultado representa aqui o conjunto do trabalho, e a cada parte do trabalho corresponde uma parte do resultado. (BERGSON, 2005a, p. 100-101)

Todo conhecimento produzido pela inteligência se assemelha à construção de uma máquina. Mas somos matéria viva e somos nós que construímos máquinas e todo o conhecimento científico, logo parte de nossa indeterminação existe na produção científica. Porém aquilo que é vivo e criador em nós exige seu quinhão. A Filosofia deve, conforme a Epistemologia bergsoniana, preencher essa lacuna e desenvolver novo papel no cenário científico.

Bergson enfrenta questões fundamentais sobre o conhecimento, estuda a maneira como a Ciência investiga e produz conhecimento, debate questões de Física e Biologia, visto que sua atividade filosófica sempre manteve estreito diálogo com a Ciência. Ele analisa nossas faculdades do instinto, da inteligência e da intuição, problematizando as dificuldades da inteligência em lidar com o movente e o vivo. Não existem coisas, só existem ações numa realidade que flui. Desse modo, as dificuldades da inteligência discursiva, que trabalha com conceitos, que representa e imobiliza, espacializando tudo que está em duração, são severamente criticadas pelo autor, uma vez que, para ele, “(...) a humanidade geme, sob o peso do progresso que construiu.” (BERGSON, 1970, p. 238). Assim, a compreensão da ideia de tempo real ou duração é imprescindível para a *démarche* do pensamento bergsoniano.

A noção de tempo da Ciência é a mesma que a do senso comum: uma sucessão de instantes iguais, homogêneos. Todo segundo é igual, toda hora também. Assim, passa o tempo, homogêneo e descontínuo, pois é sucessivo e por isso pode ser quantificado. Duração, ou tempo real, funciona como a memória, arrasta o passado em si. O passado inteiro está no presente, que desliza continuamente, porém sempre novo, criador, heterogêneo. Nenhum instante é igual ao outro, nenhuma hora é igual à outra. Dessa forma, a duração é qualitativa, impossível de quantificar, pois duração não são momentos que vivemos, mas o que vivemos

nesses momentos. Por esse motivo, Bergson afirma que a inteligência espacializa tudo. O espaço é homogêneo e quantificável, mas o tempo não.

A Ciência precisa medir e prever, quantificar numericamente, por isso se vale de uma ideia de tempo que, segundo Bergson, é de natureza íntima com o espaço. Porém tempo real, vivido, e espaço são de naturezas distintas – a duração do tempo vivido e experimentado pelo espírito é imprevisível, novidade incessante.

5.1 Como opera a inteligência

Ao abstrair a multiplicidade do mundo e reunir em conceitos ou ideias a representação das coisas, a inteligência, diante de uma realidade móvel, imobiliza. Nesse contexto, os conceitos funcionam como fixadores dessa realidade móvel, como uma fotografia. Isso cria pontos. Conforme a Física estuda o movimento, cria uma série de sucessivos pontos, supondo a totalidade do movimento. Porém o movimento percebido pela inteligência é ilusório. É o mesmo movimento que percebemos nos filmes, que são apenas uma série de fotos imóveis deslizando, e só assim a inteligência pode supor algo que flui.

O papel da inteligência, com efeito, é presidir ações. Ora, na ação, é o resultado que nos interessa; os meios importam pouco, desde que o alvo seja alcançado. Daí vem que nos estiremos por inteiro em direção ao fim a ser realizado, fiando-nos o mais das vezes a ele para que, de ideia, se torne ato. E daí vem também que o termo no qual nossa atividade irá repousar seja o único explicitamente representado para nosso espírito: os movimentos constitutivos da ação mesma ou escapam à nossa consciência ou só lhe chegam confusamente. (...) O espírito transporta-se imediatamente para o objetivo, isto é, para a visão esquemática e simplificada do ato considerado como realizado. (...) A inteligência, portanto, só representa à atividade objetivos a serem alcançados, isto é, pontos de repouso. E, de um objetivo atingido para outro objetivo atingido, de um repouso para outro repouso, nossa atividade transporta-se por uma série de pulos, durante os quais nossa consciência desvia os olhos o mais possível do movimento que se realiza para fixar apenas a imagem antecipada do movimento realizado. (BERGSON, 2005a, p. 323-324)

Por conseguinte, saltando de ponto fixo em ponto fixo, ou de fotografia em fotografia, quanto mais a Ciência produz conhecimento sobre algo, mais lacunas deixa. Quando o objeto investigado é matéria viva, a insuficiência da Ciência, que apenas usa a inteligência, é tremenda. Ela transforma o objeto vivo em mecanismo, imobiliza-o para dividi-lo em partes, a fim de conhecê-lo.

5.2 Intuição como Consciência

É frequente encontrar nos estudos sobre intuição o entendimento de que intuição é método. Sempre desconfio dessa forma de entendê-la, porém aceito que existe certa coerência nessa visão: pensar a intuição como método resulta de uma derivação; é, pois, uma estrada negativa que nos leva a essa conclusão de intuição como método. Vejamos os argumentos: se a análise é um método e ela segue passos, divide o objeto em partes e sai do mais simples para o mais complexo, e, por outro lado, a intuição compreende o objeto de um só golpe, pressupõe-se que a intuição seja o método contrário à análise. Seguindo tal raciocínio, seria como se a inteligência, que é uma faculdade do espírito ou potência do intelecto, ou forma de consciência, usasse a análise como método e, de vez em quando, mudasse para a intuição – ou seja, a mesma forma de consciência age analiticamente e, depois, intuitivamente.

Agora vamos ver a questão de outra maneira. Vamos nos colocar dentro da Metafísica de Bergson, na qual tudo está em movimento, na qual não existem coisas, somente ações. Seguirei meu argumento a partir da seguinte assertiva: a inteligência é a sua maneira de agir. Então, quando analisamos, somos inteligência, e essa é a forma de nossa consciência; paralisamos o mundo em coisas e conceitos, geometrizamos, quantificamos. Já quando percebemos o mundo como fluxo, quando temporalizamos, quando percebemos o movente do mundo e sua multiplicidade qualitativa, não mudamos apenas a percepção do real, mudamos também a nossa consciência. Não é mais a inteligência que age diferente, agora é a intuição em ação. Afinal, para Bergson, a consciência não é algo transcendental que se dirige como um nada para o real ou às coisas mesmas; em Bergson, a consciência é real.

5.3 Intuição

Muitos são os sentidos atribuídos por Henri Bergson ao termo intuição: desde uma consciência originária da vida, anterior à inteligência, passando por uma simpatia com um objeto, a um esforço heroico realizado por filósofos, cientistas, artistas e místicos, impulsionando avanços na humanidade. Por isso ousei tratar, muitas vezes, a intuição como método, como um esforço e até como faculdade inversa à inteligência, ou simplesmente como simpatia com um objeto. Assim, ao destacar uma Epistemologia bergsoniana, ressaltam-se as diferenças lógicas e epistemológicas da tradição em suas diversas posições epistemológicas, porém todas intelectualistas, representacionais e matematizantes.

A Filosofia, portanto, no entendimento de Bergson, deve estabelecer uma relação estreita com a Ciência na busca do conhecimento, motivo pelo qual o estudo dos seres vivos é

uma oportunidade para a Filosofia especular nessas imensas lacunas deixadas pela Ciência, já que o uso da inteligência arrasta a sua impossibilidade de perceber o movimento em sua duração. Naquilo que é vivo, isso se exacerba, visto que a vida é movimento em si mesmo. O ser vivo evolui, ou seja, seu instante futuro é o inesperado. Desde os antigos gregos, a Filosofia expôs essa insuficiência da inteligência em perceber o movimento. Zenão, da escola de Eleia, demonstrou isso na sua aporia de Aquiles correndo atrás da tartaruga sem jamais poder alcançá-la, pois a matemática divide os intervalos em pontos e, qualquer que seja o intervalo, ele terá infinitos pontos. Um movimento é inteiro, não é cortado em pontos, porque os pontos referenciais são criados pela inteligência para suprir sua deficiência em lidar com o que flui.

Para pensar o movimento, é preciso um esforço incessantemente renovado do espírito. Os signos são feitos para nos dispensar desse esforço, substituindo a continuidade movente das coisas por uma composição artificial que lhe equivalha na prática e que tenha a vantagem de ser facilmente manipulável. Mas deixemos de lado os procedimentos e consideremos o resultado. Qual o alvo essencial da ciência? É aumentar nossa influência sobre as coisas. A ciência pode ser especulativa em sua forma, desinteressada em seus fins imediatos: em outros termos, podemos fiar-lhe por tanto tempo quanto ela quiser. Mas por mais que o vencimento seja recuado, é preciso que finalmente sejamos recompensados. Em suma, é, portanto, sempre a utilidade prática que a ciência irá visar. Mesmo quando se lança à teoria, a ciência tem por obrigação adaptar seu modo de proceder à configuração geral da prática. Por mais alto que se eleve, deve estar pronta para cair no campo da ação e nele repor-se imediatamente de pé. Isto não lhe seria possível caso seu ritmo diferisse absolutamente do da própria ação. Ora, a ação, dissemos, procede aos pulos. Agir é readaptar-se. Saber, isto é, prever para agir, será, portanto, ir de uma situação para uma situação, de um arranjo para um rearranjo. A ciência poderá considerar rearranjos cada vez mais próximos uns dos outros; aumentará, assim, o número dos momentos que irá isolar, mas irá sempre isolar momentos. Quanto ao que ocorre no intervalo, a ciência preocupa-se tão pouco com isso quanto a inteligência comum, os sentidos e a linguagem: ela não versa sobre o intervalo, mas sobre as extremidades. (BERGSON, 2005a, p. 356)

Nessa perspectiva, a intuição é uma faculdade da consciência que segue em direção oposta à inteligência. Sendo um instinto desinteressado, ela é precisa e percebe o movimento por inteiro, pois se inteira com ele. Ele, por sua vez, não analisa, não divide em partes. Ele se confunde com o objeto que conhece; não fica ao redor do objeto, penetra-o. Bergson entende, então, que a consciência é o motor da criação da vida. Sendo assim, a intuição é anterior ao instinto, ou melhor, o instinto é uma intuição reduzida. A vida é matéria atravessada pela consciência, que, segundo Bergson, preenche-a de indeterminação.

A vida, isto é, a consciência lançada através da matéria, fixava sua atenção quer sobre seu próprio movimento, quer sobre a matéria que atravessava. Orientava-se assim quer no sentido da intuição, quer no da inteligência. A

intuição, à primeira vista, realmente parece preferível à inteligência, uma vez que nela a vida e a consciência permanecem interiores a si mesmas. Mas o espetáculo da evolução dos seres vivos nos mostra que ela não podia ir muito longe. Do lado da intuição, a consciência viu-se a tal ponto comprimida por seu invólucro que teve de encolher a intuição em instinto, isto é, abarcar apenas a pequeníssima porção de vida que a interessava e, como se não bastasse, abarca-a na sombra, tocando-a quase sem ver. Desse lado, o horizonte imediatamente se fechou. Pelo contrário, determinando-se a consciência em inteligência, isto é, concentrando-se principalmente sobre a matéria, parece assim se exteriorizar com relação a si mesma; mas, justamente porque se adapta aos objetos pelo lado de fora, consegue circular em meio a eles, contornar as barreiras que lhe opõem, ampliar indefinidamente seu território. Uma vez libertada, aliás, pode recolher-se para dentro e despertar as virtualidades de intuição que nela ainda dormitam. (BERGSON, 2005a, p. 197)

A intuição é híbrida, tem duplo aspecto: um instinto e também uma faculdade, podendo ser entendida como um método. Gilles Deleuze (1999), em seu livro *Bergsonismo*, expõe as etapas da intuição na condição de método racional, porém deixa uma lacuna quanto ao aspecto de faculdade e também de sua “instintualidade”. Já vimos que a inteligência não dá conta do movimento, pois a racionalidade age por conceitos e, por conseguinte, pela imobilidade. O movimento que a inteligência percebe é, sempre, saltando de instante em instante, de um ponto fixo a outro. Ela é avessa ao que escorrega. A inteligência prende, enquanto a intuição mergulha junto; assim, nada mais móvel que a Consciência.

A lógica que norteia a inteligência e, conseqüentemente, toda a Epistemologia anterior a Bergson é uma lógica de retrospectão. Trata-se de uma perspectiva que não admite a criação, a existência de algo novo, sempre entendendo que o novo é um arranjo do passado, uma vez que tudo aquilo, de certa maneira, que surge já existia. Em *O Pensamento e o Movente*, Bergson (2006d) dá o exemplo da cor laranja. A inteligência, com sua lógica diante dessa cor, pensa que o vermelho e o amarelo existiriam previamente, para formar o laranja. Não se admite, neste caso, a sensação do laranja não prescindindo do vermelho e do amarelo. É preferível pensar que, pelo menos virtualmente, o amarelo e o vermelho já estariam presentes no laranja inicial.

(...) mas é que nossa lógica habitual é uma lógica de retrospectão. Ela não pode se impedir de repelir para o passado, no estado de possibilidades ou de virtualidades, as realidades atuais, de modo que aquilo que agora é composto deve, a seus olhos, tê-lo sido sempre. Não admite que um estado simples possa permanecer aquilo que ele é, se tornar um estado composto apenas porque a evolução criou pontos de vista novos, a partir dos quais considerá-lo e, por isso mesmo, elementos múltiplos nos quais analisá-lo idealmente. Não quer acreditar que esses elementos, caso não tivessem surgido como realidades, também não teriam existido anteriormente como possibilidades, a possibilidade de uma coisa sendo sempre (salvo no caso em que essa coisa é um arranjo inteiramente mecânico de elementos preexistentes) apenas a

miragem da realidade, uma vez surgida, no passado do indefinido. Se essa lógica repele para o passado, na forma de possível, aquilo que surge como realidade no presente, é justamente porque não quer admitir que algo surja, que algo se crie, que o tempo seja eficaz. (BERGSON, 2006d, p. 21-22)

Ao realizar uma simpatia consigo mesmo, ao coincidir com a sua própria consciência, é possível romper, através da intuição, com os limites espacializantes do eu superficial, encontrar nas camadas mais profundas da consciência uma Consciência que é fluxo heterogêneo e criador. A vida como um jorro de novidades se organiza em criação; ela não é construída, mas criada. No entanto, ao modo da inteligência, não existe criação; nunca nada de novo pode acontecer, pois ela é a consciência do já feito, na qual podemos transformar e construir-reconstruir, mas nunca acrescentar o novo não existente antes.

Somente a intuição percebe a espontaneidade do existir da vida, afinal, nada mais vivo que a Consciência, por isso arrisco estabelecer um paralelo entre vida e criação. Essa percepção de uma Consciência criadora, diferente sempre de si mesma, pois está se fazendo, criando-se, aproxima os eus e afasta a igualdade, a identidade, porque ela é sempre desigual, sempre diferente, um fluxo contínuo e heterogêneo, e, mesmo quando o verde das plantas se repete em cada manhã, é um verde novo de matizes variados – não há um verde, mas um esverdear. Um estado de Consciência profundo não é o possuir um eu, uma substância pensante (*res cogitans*), mas sim fazer parte de um fluxo maior, de um acontecer criador incessante; é ser possuído por uma Consciência ou, à maneira dos místicos, por um Deus.

6. PERIPÉCIAS: LÁGRIMAS E SORRISOS

Aqui, reconheci minhas limitações e verifiquei que estava perdido. Muito do que estava escrito nas peripécias foram para a “Caixa de retalhos” desta tese (APÊNDICE A), pois, nelas, havia uma coleção de enganos. Não sabia o motivo do sofrimento, mas doía de qualquer jeito. Outras vezes, ria de mim mesmo, das tolices escritas entre lágrimas e sorrisos. Existem momentos que não há coragem nem para pedir ajuda, a vergonha é esmagadora. Nesse contexto, fiz uma peripécia, ou melhor, uma travessura: peguei o esquema freudiano de *id*, *superego* e *ego* (FREUD, 1999), coleí nele conteúdos bergsonianos e, utilizando um sonho meu, cheguei a muitas conclusões.

6.1 O sonho

Sonhei que estava conversando com duas mulheres, Rita e uma psicóloga. Estávamos em um lugar estranho, uma praia sem mar, guarda-sol nem calor; havia apenas rochas e uma ladeira. No alto distante, um homem mal-encarado e, ao redor, muitas pessoas estranhas. Depois, as mulheres saíram e fiquei sozinho. Saí do lugar, que estava muito quente, e fui para uma construção que ficava perto, chupando caju.

A leitura do sonho com as suposições: Será que a inteligência funciona como o *superego* e, no estado onírico, dorme, deixando que a intuição funcione livre de suas regras? Sendo assim, pensei o sonho seguindo Bergson. Se não existem coisas, somente existem ações, as imagens do meu sonho precisam de um tratamento bergsoniano: as duas mulheres, por exemplo, talvez não sejam duas, seja apenas uma em tempos variados, pois Rita já foi psicóloga no passado e agora não é mais, porém as duas acontecem juntas no meu sonho.

Se a inteligência espacializa a matéria, no sonho vivemos uma experiência de consciência pura, de duração pura, sem espaço e também sem representação. Então, se não há representação, as mulheres não são apenas a mesma mulher, nem mulher elas são; elas são, juntamente com o caju, o guarda-sol, o sujeito mal-encarado, as pessoas estranhas e tudo mais, apenas eu, apenas intensidades e matizes de minha própria consciência, de minha própria duração. Se for assim, as ideias de vigília e sonho deveriam ser invertidas, já que, de fato, quando sonho, é aí que desperto, ou seja, é aí que vivo uma real experiência de consciência – na qual não há a ilusão da espacialização. Na espacialização, a distinção é aparente e tudo é condenado à homogeneização de formas e conceitos; já na duração, vivemos a verdadeira distinção, que é a distinção de si mesmo, quando nos vemos mergulhados no rio

da duração muito próximos de tudo, de coisas, bichos e pessoas, mas que nos distinguimos de nós mesmos em diversos matizes no curso da duração.

Se continuar com essa experiência, em que dormindo é que estamos acordados, como poderia pensar a morte?

6.2 Iluminações

Da iluminação interna, não estou falando de instalação elétrica, mas daquele momento de inspiração, de descoberta, de despertar em que nossa consciência se abre para outro nível que era obscuro para ela antes. Acontece quando passamos muito tempo pensando que sabemos algo, dominamos algum conceito ou tecnologia, até que, através de alguém ou mesmo sozinhos, caímos do saber anterior, abrimos uma luz interna e vemos de outro jeito tudo que víamos antes. Comigo aconteceu muitas vezes. No ginásio, por exemplo, eu entendia a expressão “Navegar é preciso, viver não é preciso”⁷ como uma grande coragem dos navegadores portugueses, que enfrentaram o mar, destemidos, sem se importarem com a própria vida. Lembro até hoje meu espanto quando entendi que “preciso” poderia ser de precisão, exatidão, algo calculado, medido com instrumentos: navegar era uma engenharia, e viver era impreciso, caótico. Minha alegria foi de criança vendo sorveteria.

No caminhar do conhecimento, existem passos seguros, como a dúvida metódica, a certeza inabalável, a falta radical ou a abundância de excedente. Porém eu encontrei a alegria do caminhar inseguro, a trágica alegria de um saber embriagado, quando desaprendemos a andar. O caminhar seguro é uma iluminação para fora, o caminhar inseguro, um tropeço.

Assim, existe uma iluminação para fora, uma bela explicação, um discurso radiante, mas há também uma iluminação interna, uma centelha que atravessa não a escuridão, mas a luz aparente de um saber que se sabia pleno, a centelha que ilumina o que se pensava luz, rasgando a luz anterior como página borrada, escrevendo de novo o mesmo texto revisado. A psicologia chama essa iluminação de “*insight*”. Ela é como uma descoberta não de algo distante, mas do que estava ali, em evidência, mas não conseguíamos ver, por miopia, luz insuficiente ou até mesmo por luz demais. Iluminação interna é uma outra luz; é a luz precisa, aquela que desvela e carrega em si muita alegria.

A esse fenômeno de consciência chamo intuição. Nesse sentido, intuição seria um despertar da própria inteligência, que, olhando para si mesma, pode se ver dormindo e então acorda. Uma espécie de susto, um escorregão no caminho já caminhado e seguro do que já se

⁷ Frase que remonta ao primeiro século antes de Cristo e cuja origem é o latim: “*Navigare necesse, vivere non est necesse.*” Numa versão portuguesa, foi apropriada por Fernando Pessoa no poema “Navegar é preciso”.

conhecia. É nesse momento que o saber ri de si mesmo e continua de outro jeito; com passos firmes, não busca mais a segurança de não cair, mas sonha, a cada passada, com o deslize. A criança, quando começa a andar, tropeça constantemente – esta é a meta de voltar a caminhar assim, porém muito difícil de ser alcançada por causa do vício de caminhar seguro. No entanto, toda vez que escorregamos, o sorriso ilumina o rosto do novo conhecedor, o conhecedor que guarda no coração uma faísca do fogo trazido por Prometeu.

Nos caminhos dos afetos
 Cambaleia como um ébrio.
 O poeta se embriaga de realidade,
 Os sentimentos embaralham o ritmo do tempo.
 O que se sentiu perdura em um agora.
 As coordenadas do espaço derretem,
 O longe fica perto
 E do perto tem saudade.
 Como um bêbado a tropeçar em nada,
 O poeta esbarra em si mesmo,
 Escorrega e sorri por voltar a andar como uma criança.

6.3 Peripécias ou topadas?

Acordou mais mal humorado que Krakatoa. Sabia-se homem e por isso um errante. Ou seria um vulcão? De vez em quando, lembrava-se daquele bilhete ridículo, falando para ele não se esquecer da raiz, uma referência à família. Aí que ele fervia por dentro, pois, além de não gostar muito de parentes, ele não era árvore para ter raiz. Sabia de sua sina de errar sobre a terra e do ermo que trazia dentro de si. Era por esse deserto que caminhava todos os dias.

O oco vazio do mundo nunca o amedrontou. Não porque ele era um exemplo de coragem, não, mas ele tinha intimidade com o vazio, um parentesco com o nada, seu caos interno e, diante daquele abismo no peito, a solidão das estradas era brincadeira de jovem aventureiro. Até que um dia deixou de viajar tanto e reservou o tempo para passeios em seu deserto.

Depois de cuspir lava para todo lado, depois de escrever desaforos e chutar as palavras, ficou a remoer fumaça e rocha quente. Repetia baixinho: parente, parente, parente, raiz, raiz, raiz... De todas as imposições de Deus, essa era sua revolta, parente, parente,

parente... Até que uma paz soprou como uma brisa suave, um abraço do mar sobre sua agonia e ele pode enfrentar com calma o mais parente dos parentes, a mãe. Sim, a mãe. Foi então que ele encontrou para ela um sinônimo, ele sempre resolvia suas dores na literatura.

Nenhuma palavra serviria agora para mãe, somente esta, “pandora”, que em grego antigo é: Πανδώρα, “a que tudo dá”, “a que possui tudo”, “a que tudo tira”. Pandora poderia ter-me abortado e assim tudo tirado, ela não me abortou e, nesse gesto, deu-me tudo que sou. Alguém que pode dar-me tudo possui tudo, inclusive as doenças e mazelas? Nesse instante, Krakatoa estourou mais uma vez:

– Não! Pelo menos minhas mazelas são minhas, queres tudo, queres roubar minha errância. Não tenho deuses, não tenho senhores, pago caro por isso. Deu-me um mundo? Nunca, jogaste-me nele para escolher na ignorância, ferir inocentes, despencar em ribanceiras, me perder em labirintos, tudo por escolha, minha escolha, limitada na ignorância e guiada por meu nariz.

Outra brisa soprou sobre a fumaça. Tanto o texto, como o ambiente psíquico estavam nebulosos e tóxicos, porém essa brisa vinha como trégua, dentro da arrogância de escolher quem ele era. Krakatoa aceitou resignado que, às vezes, não escolhemos. Algumas coisas são necessariamente e apenas a ignorância faz entendê-las como imposição. Contudo podemos recebê-las como dádivas e, pelo costume da tribo, presente não se recusa, nem presente, nem maldição. Krakatoa voltou a ser tupi e assobiou como um passarinho na manhã da Bahia, esperando mais uma ilusão, o ano novo que vem se arrastando do nada para dentro de nossas vidas. Nem tudo se resolve, nem tudo é equação – até a matemática tem seus limites, por isso, talvez, exista a poesia, para lidar com o que não tem solução...

Quem não tem fé precisa de todos os santos, mesmo que em forma de baía.

Até Krakatoa acordou, por que você ainda está dormindo?

Outro deslize:

Kronos devorador, que bom!

Quando lemos Bergson, ele nos convence de que tudo é temporalidade, de que tudo é o contínuo e heterogêneo fluir da duração. Hoje, acordei com uma boa impressão de Kronos, o Titã que devora os filhos. Pela primeira vez, essa ideia de tempo destruidor e apavorante que os gregos nos deixaram me visitou como intimidade e benevolência.

Minha consciência age como Kronos: esforça-se para apreender e logo depois superar – produz um filho e o devora. Minha consciência não se comporta como uma biblioteca ou

um museu, guardando o conhecimento como conquista e relíquia. Ela é selvagem; conquista e devora. Antropofágica, minha consciência incorpora o conhecimento como seu próprio corpo e elimina uma parte dele como excremento. Assim, o esquecimento e a memória são os principais órgãos da digestão do conhecer.

Essa refeição significa intimidade, aproximação para a mordida e mastigação, buscando acabar com a separação sujeito-objeto. Amassar e triturar o objeto para que ele e eu nos tornemos um. Mas que espanto, que surpresa: o sujeito se esforça para coincidir com o objeto, porém essa digestão o torna Outro em relação à aquilo que ele era. A tragédia está inscrita na carne daquele que quer conhecer. Na criação do conhecimento, aquilo que o sujeito *está* se move e mesmo aquilo que ele *é* lhe escapa. Assim, eu me escapo, quando verdadeiramente conheço. O conhecimento nos lança a um ponto desconhecido, para além do objeto e do que somos – um lugar mudo, sem palavras ou geografia, tão vazio que somente podemos criar.

6.4 Peripécias na lógica

A palavra “lógica” origina-se da grega “*logos*”, que significa razão. A Lógica, com efeito, é a Ciência das leis do pensamento e a arte de aplicá-las corretamente para procurar e demonstrar a verdade. A Lógica versa, portanto, sobre a razão como instrumento do saber, com a finalidade de determinar as regras do seu emprego, isto é, as condições a que a razão deverá conformar-se para operar ordenada com facilidade e sem erro, na procura e demonstração da verdade. Este é o sentido mais geral das diferentes definições de Lógica. Quer seja denominada a arte de pensar, arte de julgar, ciência do raciocínio ou, ainda, arte da consequência, sublinha-se sempre seu papel de instrumento no exercício do pensamento e na organização do saber.

A Lógica Formal ou Lógica Menor estabelece as condições de coerência do pensamento consigo mesmo. Assim, trata das leis gerais do pensamento no que elas tenham de igual e de comum, o que as tornam universais e aplicáveis em todas as operações do intelecto. Desconsidera, portanto, as operações intelectuais do ponto de vista de sua natureza – o que compete à Psicologia –, levando em conta o ponto de vista de sua validade intrínseca, isto é, da sua forma (ou da ordem dos conceitos enquanto sujeitos, predicados e termos médios, que é o objetivo formal da Lógica).

Todo raciocínio se compõe de juízos e todo juízo se compõe de ideias, daí as três operações intelectuais, especificamente diferentes:

- 1ª) a simples apreensão, que consiste em conceber uma ideia;
- 2ª) o juízo, que consiste em afirmar ou negar uma relação entre duas ideias;
- 3ª) o raciocínio, operação pela qual, de dois ou mais juízos dados, tira-se outro juízo que, necessariamente, decorre deles.

Encasquetei, hoje, com a primeira operação, afinal, ela dá forma ao caos do mundo, ela nomeia tudo. Isso acontece como? Nós abstraímos, ou seja, desconsideramos a matéria das coisas, subtraindo-a. Como existem diferentes cadeiras, umas de madeira, outras de ferro, umas de vidro, outras de plástico, para todas serem apenas a universal cadeira, subtraímos as diferenças e encaixamos todas numa ideia, a forma geral que chamamos “cadeira”.

Perguntemos então: se retiramos as diferenças, retiramos matérias de cada cadeira, para aonde levamos esse dejetos? Se tudo que é nomeado foi subtraído, aonde jogamos as diferenças arrancadas das coisas? Qual o lugar onde depositamos os dejetos da linguagem? E se a barreira estourar? Ou será que há uma noite da linguagem ocultadora de tudo que não tem nome? E a consciência lida com seu dia como se somente ele fosse real?

Será que o poeta sente tudo que está oculto da realidade explícita e, pela intuição, devolve as partes roubadas do mundo? Devolve, na linguagem, o que o sistema de representação expulsou?

7. ANAGNÓRISE OU RECONHECIMENTO

Bergson usa uma metáfora para explicar seu pensamento sobre o real: um elástico, que esticado é espírito e distensionado é matéria. Se fizermos um esforço para pensar o real sem coisas, apenas ações, o tempo não existiria, apenas duração; portanto não haveria sucessividade, com as ações ordenadas como vagões de trem, uma após outra no trilho do entendimento. Na duração, o passado está acontecendo no presente que é minha consciência. O real não se apresenta como um trem, com vagões sucessivos, mas como um quadro de Vincent van Gogh, um contínuo heterogêneo; as diferenças não se dão por forma ou sucessividade, mas em matizes que se distinguem por intensidades. Em variados azuis e amarelos, que se misturam em novos tons, apresentando um único surto de beleza.

A duração é um passado que continua e vai se distendendo em seu prosseguir; ele vai acumulando presentes em direção ao devir. Um contínuo heterogêneo, sempre novo sem deixar de ser o mesmo. É como se o presente fosse sempre enriquecido de passado. O presente é criação, novidade, invenção, mas não existe criação sem memória, sem passado. Conforme destaca Rita Célia Torreão (2012):

Segundo Bergson, não há consciência sem memória. Então o que seria uma educação que dá a oportunidade para que o aluno seja ele mesmo? (...) O passado é mais importante na criação do novo do que se pensa, ele não está aí para ser negado, mas para enriquecer o novo que brota dele mesmo. (TORREÃO, 2012, p. 110 - 111)

Então, quando explico que intuição é uma faculdade ou um método, essa explicação perde o sentido. Nesse esforço de pensar em duração, essa distinção de coisas não existe, apenas mudanças de intensidades em fluxos que se atravessam, um processo de mudança de um único ser em se fazendo. O esforço em demonstrar a possibilidade de sustentar que intuição é faculdade apenas serve para despertar para outros matizes desse acontecimento da vida. Digo assim, pois, nesse mesmo surto em duração, não cabe separar corpo e espírito – a duração se constitui em uma crítica ao dualismo cartesiano.

Se a intuição for uma faculdade contrária à inteligência (entendimento), então, o entendimento sendo transcendental, a intuição é perdurante. A perdurância da intuição, aqui, não significa eternidade, durar para sempre, mas sim coincidir com a duração do objeto, coincidir totalmente, em plenitude. Assim, a intuição não estabelece condições para o conhecimento, mas vai conhecendo como vai fazendo, como vai criando, vai perdurando. Outro aspecto da intuição é que, do mesmo modo que a consciência na sua forma inteligência *está-aí* jogada no mundo, a inteligência é um *ser-aí*, a intuição *está-aqui-em-mim*. Esse “em

mim” não é no indivíduo, mas na Consciência – um voltar-se para si mesma, duração, qualidade pura.

Se a transcendentalidade estabelece condições para o conhecimento, Bergson diz que, em vez disso, devemos ir a ele, já que andar se aprende andando. Logo, tempo, espaço e causalidade são condições para representar a experiência, mas não para a experienciar, pois a experiencição se dá em perdurância, é um acontecimento repleto de espontaneidade, no qual o efeito é mais importante que a causa. Afetar-se e se envolver.

Uma grande dificuldade da intuição é a linguagem. Afinal, como dizer aquilo que é único? É preciso fazer uso de expedientes retóricos, recursos poéticos ou figurações, para convencer o ambiente científico a aceitar esse tipo de linguagem em seu território, formatado matematicamente. Trata-se de um desafio. Eduardo Oliveira (2007), por exemplo, ao tratar das possibilidades de uma nova retórica, aponta argumentos que podem ser usados a favor da intuição, como esforço para se expressar:

Neste caso, a alegria que se manifesta é de outra ordem. Torna-nos participantes de uma energia que habitualmente deixamos em repouso, por preguiça ou utilitarismo: a energia da língua e na língua, o verbo, seja λόγος ou μυθος. O verbo bíblico funda e renova a participação no pacto consagrado que une Deus ao seu povo, e o que lhe dita a sua via, é oração e profecia. O verbo literário, tal como a Grécia domesticou com a retórica, veicula e transmite qualquer experiência humana refletida por símbolos, lugares ou fábulas e estes precedentes familiares tornam reconhecíveis e mesmo compreensivos o imprevisível. (OLIVEIRA, 2007, p. 26-27)

Encontrar maneiras de se comunicar é tarefa fundamental de uma Epistemologia fundada na Metafísica de Henri Bergson. E para se comunicar, para transitar, a intuição precisa do cavalo das ideias. É com ideias que a intuição se torna discurso. Assim, estar atento às novas retóricas e inventivas maneiras de se comunicar faz parte do cardápio bergsoniano de fazer Ciência, já que a inteligência e a intuição realizam um comércio e, nesse jogo de trocas, a linguagem é a moeda.

7.1 A questão do conhecimento

O conhecimento, aqui, apresenta-se como resultado de três faculdades dos seres vivos. Devido a isso, ele se manifesta de três formas: a) pelo instinto, quando o conhecimento vem guardado em malas genéticas e elas explodem sem excitação; b) pela inteligência, quando todo ato vai se estruturando em hábito (é assim que se constrói o conhecimento na inteligência); e c) pela intuição, esta agindo como meio termo, entre a genética instintual e a inteligência e seu hábito, criando um conhecimento ainda não codificado, nem estruturado em

hábito. Assim, quanto maior for a franja de instinto e inteligência, maior será a intuição. Logo, quando um dos lados – inteligência ou instinto – deteriora-se, a intuição também escassa.

Como o termo “método” remete à mediação, porém a intuição penetra no objeto, coincidindo com sua duração, em detrimento do uso da expressão “intuição como método”, utilizaremos a expressão “intuição como esforço”. Para tanto, faz-se necessário um esclarecimento, pois o uso da palavra esforço, em um trabalho de Epistemologia, pode remeter a uma ideia de esforço intelectual. No entanto, a intuição como esforço, em Bergson, corresponde a um esforço da vontade, um esforço contra os hábitos intelectuais, um esforço contra a inteligência. Esse esforço é heroico, pelo fato de estarmos condicionados – biologicamente e historicamente – ao uso da inteligência, motivo pelo qual a dificuldade para intuir é imensa.

A leitura que fazemos em relação ao fenômeno do conhecimento, na semântica bergsoniana, é diferente. Para Bergson, a intuição realiza um movimento em sentido contrário ao da inteligência. Desse modo, já que a inteligência se dirige em direção à matéria inerte, visando uma ação, e a intuição segue em direção ao próprio sentido da vida, isso poderia propiciar dois tipos de conhecimento, dois tipos de Ciência, permitindo, por conseguinte, até dois tipos de epistemologia: uma que constrói o conhecimento, outra que cria. Opto pelo entendimento que reforça a dinâmica do conhecimento em uma simultaneidade de construção e criação, na qual vida e matéria inerte compõem uma unidade. Nesses termos, inteligência e intuição se articulam na complementariedade de uma consciência.

Diante disso, a intuição penetra no objeto e a inteligência sai. Intuição e inteligência são movimentos da consciência. É a consciência, no entanto, que entra e sai, que se organiza ou se constrói, que voa. Para voar, um pássaro impulsiona seu corpo com duas asas, porém sua cauda direciona e realiza as manobras. Fazendo uso da analogia, a consciência é como o pássaro, que possui esses três instrumentos de voo: inteligência, instinto e intuição.

Outro problema epistemológico enfrentado pelas ciências é o enorme fosso criado entre Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Dante Galeffi (2009) esclarece esse dilema, que não enfrento neste trabalho, mas que cabe ser elencado para reforçar a emergência de uma reforma epistemológica na atualidade.

As ciências da natureza explicam, as ciências do espírito compreendem. Esta aporia entre explicar e compreender revela, de qualquer modo, uma preocupação epistemológica distinta daquela das ciências naturais para fundamentar uma ciência que diz respeito ao comportamento humano e não ao comportamento de entes naturais que não precisam ser compreendidos e sim explicados. (GALEFFI, 2009, p. 49)

Há boas razões para pensarmos que uma epistemologia baseada na vida se mostra capaz de superar essa dicotomia entre as ciências, pois a separação que a Metafísica de Bergson realiza nos objetos dicotomiza os inertes e os vivos. Assim, escapa-se dessa tensão entre Ciências Humanas e Naturais, colocando um novo espectro de problemas.

7.2 Modelo proposto

Seguindo a diferenciação feita por Bergson entre objetos vivos e inertes, distinguindo o que é criado do que é construído, o modelo proposto neste trabalho se baseia no seguinte: a ação do pensamento lógico ou da inteligência parte da periferia para o centro, construindo, como em uma casa. Tudo que tem na casa veio de fora para o centro dela, areia, cimento, madeira, telhas, etc. Esse tipo de objeto pode ser analisado, podemos dividir, separar as partes que o compõem para conhecê-lo. Já o objeto criado parte do centro para a periferia, como uma semente que explode em árvore. Esse tipo de objeto escapa à análise; para ele, é mais adequada a intuição, que acompanha o movimento do centro para a periferia em sua inteireza, sendo um contínuo heterogêneo.

Assim, nesta tese proponho o modelo da vida: um modelo orgânico, rico em espontaneidade e que se contrapõe à análise. Esta funciona muito bem para objetos inertes e é exitosa para o movimento da construção, porém é ineficiente para o movente e vivo. Portanto a intuição como uma simpatia que coincide com o objeto se apresenta como modelo mais adequado.

7.3 Duração Restrita

O meu interesse não é a grande duração do universo, nem o eu profundo e suas ramificações místicas, mas o que chamo de duração restrita, que é a duração de cada ente, sua existência, sua finita duração. Associando essa ideia de duração ao conceito de vida, posso relacionar a passagem do tempo com a respiração, na qual nascemos e morremos no inspirar e expirar. Tal consciência me levou a uma singular ideia de liberdade: somos livres não radicalmente como em Sartre (2002), como uma condenação, mas em uma condição que se oferece a cada respirar, pois o inspirar é uma oportunidade de vida nova.

Novo relógio

Resolvi contar o tempo
Em respirações.

Inspiro e expiro
Cada mudança
De uma única vida.

Um mesmo pulmão
Viaja de cheio a vazio.

Passado e futuro
São abstratos demais.

Segundo, minutos e horas,
Apenas representações absurdas.

Agora meus dias são uma calamidade,
Às vezes, ofegante, vivo cheio e vazio desembestado.
Noutras, vivo lentas respirações preguiçosas.

Essa maneira de contar
É uma conta diferente.
Nela, pouco importam as quantidades.

O bom mesmo é esvaziar o peito de ar completamente
E depois enchê-lo de novo até a tampa.
Sem economias.

Sujeito abobado,
Sempre prestei mais atenção ao relógio
Que ao meu pulmão.

E agora, de vez em quando, posso parar o tempo.
Prendo a respiração
E escuto meu coração batendo em tempo nenhum.
Em um lugar que sufoca, por isso é tão breve,
Tão breve,
Que chamamos eternidade.

8. CATÁSTROFE

Quanto mais intelectual se torna a consciência, mais ela espacializa a matéria.

Como um raio, essa imagem me atravessou: o que é vivo respira, o pensamento respira. Quando sopramos palavras sobre as coisas e elas aderem aos objetos, nominando-os, falamos. Esse jogar ar para fora, essa expiração no pensamento é toda representação, é o ato próprio da inteligência que nomeia, representa o mundo. Mas, para representá-lo ou para poder soprar, é preciso, antes, inspirar, colocar ar para dentro. A esse movimento de inspirar do pensamento, chamo intuição. Nele, não mais usamos símbolos para representar os objetos; nesse movimento, os objetos se oferecem como símbolos.

A inteligência representa assim: ela se afasta do objeto sensível; abstrai, subtrai matéria; vai ficando sem cor, cheiro e movimento; vai deixando de ser, vai tornando-se conceito. A inteligência faz tudo isso impondo ao fenômeno condições. Ela não capta o fenômeno, ela o condiciona, molda-o. O resultado desse ato cognitivo é uma série derivada que recai em análise, matematização, previsão e medição.

A intuição, muito pelo contrário, é perdurante; ela acontece junto, ela simpatiza, coincide com a duração do objeto. Aproxima-se daquilo que, no objeto, é único – sua duração. Assim, a intuição ganha em precisão, pois aproxima, e a inteligência ganha em exatidão, pois matematiza e prevê. A inteligência é mais adaptada à matéria inerte, enquanto a intuição, à vida. A exemplo disso, tem-se que uma fábrica de vestuário que produz roupas exatas, em tamanhos numerados, enquanto uma costureira produz uma roupa sob medida para seu cliente. A costureira é a intuição e a fábrica de roupas é a inteligência.

8.1 Intuição, Schopenhauer e a música: uma viagem perdurante pelo mar transcendental

Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão do século XIX. Ele é mais conhecido por sua obra principal, *O mundo como vontade e representação* (SCHOPENHAUER, 2001a), em que caracteriza o mundo fenomenal como o produto de uma cega, insaciável e maligna vontade metafísica. Sua filosofia tem inspiração kantiana e é por Kant (2001) que iniciarei nesta jornada.

Na filosofia do criticismo transcendental kantiano, o sujeito começa precisando da experiência para conhecer. Ele estaria imerso no númeno, mas, com o fluir do discurso, o passar das páginas, quase de forma mística, o sujeito engole tudo e o objeto passa a ser determinado pelo sujeito que o sujeita em suas condições de cognição. Neste percurso, vou

articular, juntamente com Schopenhauer (2001a; 2001b), essa subjetividade e intuição, transgredindo e assustando.

Na tradição filosófica, a intuição é entendida como relação direta com um objeto. Como nessa relação não há intermediários, ela exige a presença do objeto. Para melhor compreender a intuição, é necessário descrever a maneira discursiva de conhecer, que é a mais comum e a estudada por Kant. Tendo uma representação do objeto, seja conceitual ou matemática, o intelecto opera com essas representações para estruturar um conhecimento indireto, ou seja, por meio de representação de um objeto qualquer.

A representação de objetos ocorre através da abstração ou livre apreensão. Em Lógica, essa operação distancia o conceito do objeto, pois ela vai construindo categorias por semelhança. Assim, a abstração arranca matéria dos objetos, retirando-lhes as diferenças para reuni-los em uma esfera conceitual. Por exemplo, há diferentes tipos de portas, portas de vidro, de madeira, de igreja, de bar, etc. O processo da abstração retira as diferenças entre elas e encaixa todas na espécie “porta”.

Esse processo, em sendo progressivo, faz pular o conjunto de objetos de espécie para gênero, deixando o conceito cada vez mais abstrato. A exemplo disso, diante de cavalos, dos quais já abstraímos as características de animais individuais, podemos abstrair para mamífero, uma característica dos cavalos que os incluem em um gênero maior que sua espécie. Em processo crescente, podemos abstrair mamíferos para animais e, assim, os conceitos vão ficando cada vez mais distantes do cavalo real, descarnados, abstratos, até a abstração maior que é ser ou substância.

A intuição não é discursiva. Ela dispensa as representações e acessa o objeto diretamente. Então volto ao mesmo problema dos capítulos anteriores, mas sob uma nova luz: como comunicar a intuição? Como acontece a difusão do conhecimento intuitivo? Para perseguir tal questão, mesmo que este capítulo tenha inspiração em Schopenhauer (2001a; 2001b), darei passadas largas em Kant (2001), porque Schopenhauer tinha neste seu principal referencial teórico.

Para Kant (2001), em sua *Crítica da Razão Pura*, o intelecto não intui, sendo apenas discursivo, e toda intuição é sensível, apresentando o tempo e o espaço como as intuições *a priori* do conhecimento. O autor inicia o primeiro capítulo do livro citado, “Estética Transcendental”, afirmando que é através da intuição que os objetos podem ser conhecidos. O que é preciso esclarecer, aqui, para que se entenda a relação de Schopenhauer com a intuição, é que Kant (2001) dividiu o real em dois mundos: o *nômeno* ou coisa em si, que, segundo ele, não podemos conhecer; e o *fenômeno*, que é como as coisas nos aparecem.

Nesse sentido, as perguntas kantianas são: como posso conhecer? É possível o conhecimento? É possível uma Metafísica que funcione como Ciência? Para responder a essas questões, Kant (2001) estudou os juízos e descobriu que, em afirmações predicativas, existe um componente lógico e um empírico (por exemplo, quando digo que a bola é vermelha, algo veio a mim que informa da vermelhidão da bola). Seguindo esse caminho, ele dividiu os juízos em analíticos e sintéticos.

Os juízos analíticos são aqueles em que o predicado já está contido no sujeito (como “Todo corpo é extenso”: a ideia de extensão já está presente na ideia corpo). Sintéticos são os juízos que acrescentam valor ao sujeito, porque o predicado não tem nada a ver com ele (podemos repetir o exemplo “A bola é vermelha”; neste caso, além do conectivo e da vermelhidão, o componente empírico me informa sobre a verdade do juízo). Este é o caso dos juízos sintéticos *a posteriori*. Porém Kant (2001) inventou o juízo sintético *a priori*. Este tipo, segundo ele, não precisa do componente empírico, sendo sintéticos universais e necessários, ou seja, apodícticos.

O argumento kantiano para justificar que o espaço seria uma intuição e não um conceito foi o que mais me interessou. Kant (2001) argumenta que, sobre um conceito, recaem muitos objetos e que o espaço é apenas um, ou seja, somente existem conceitos de múltiplos, e como o espaço é apenas um, ele seria uma intuição. Por que esse argumento me interessou? A multiplicidade que recai sobre o conceito revela a maneira de operar da inteligência, que visa, no objeto, um conjunto de semelhanças, realizando uma subtração das diferenças. A inteligência não consegue conhecer o singular e unitário; nesse sentido, o próprio Kant (2001) diz que o intelecto não intui.

Sendo assim, a intuição acontece em outro lugar, podendo, então, supor que ela seja uma faculdade que, em vez de abstrair, perdura; que não modela os objetos como uma máquina, mas sim simpatiza com eles, vai junto, está aí com. No ambiente da intuição, não haveria objetos para ser moldados, mas ações, porque está tudo se fazendo. Assim, não há laranjas, mas um laranja – da raiz ao fruto, um movimento de vir a ser. Isso se quisermos parar, pois podemos acompanhar esse ciclo de ações em um arco maior ainda.

A intuição busca o que uma ação tem de única, sua duração. Ela não condiciona, mas também não é passiva, receptora, *a posteriori*. Ela faz junto. Perdurar é algo completamente diferente do que se estabelece no sistema kantiano, perdurar é assistemático. A intuição simpatiza com a duração do intuído, porque encontra nele o que ela mesma se constitui, duração, movimento, fluir.

Ao escrever sua teoria sobre o conhecimento, Kant (2001) faz uma crítica à ideia de Metafísica como Ciência. Neste ponto, o autor e Schopenhauer (2001a; 2001b) se afastam. Porém ressalto que Kant (2001) coloca a intuição como presente em qualquer conhecimento, ao afirmar que todo conhecimento é fenomênico e que a razão pura devaneia em metafísica, logo razão ou intelecto e experiência formam um acordo para garantir o conhecimento. Essa onipresença da intuição se explica porque todo conhecimento acontece no tempo e no espaço, ou seja, as intuições são o suposto das experiências e condição para o conhecimento. Contudo, com os juízos sintéticos, *a priori* Kant (2001) retorna aos domínios da razão, que segundo Deleuze (2009), escapa das decisões empíricas.

Nos fins da razão, é a razão que se toma a si mesma como fim. Há, pois, interesses da razão, mas, além disso, a razão é o único juiz dos seus próprios interesses. Os fins ou interesses da razão não são julgáveis nem pela experiência nem por outras instâncias que permaneçam exteriores ou superiores à razão. Kant recusa de antemão as decisões empíricas e os tribunais teológicos. (DELEUZE, 2009, p. 9)

É possível notar que Deleuze (2009) percebe que a razão e o sujeito vão abarcando e dominando todo o processo do conhecimento no criticismo kantiano. O sujeito conhecedor vai crescendo até que não reste nada mais, apenas razão, apenas sujeito conhecedor; um imenso oceano conceitual em que tudo se afoga em conceitos.

A força imaginativa da filosofia de Kant (2001) é demonstrada a todo instante. Ele criou vários esquemas para fazer funcionar uma máquina cognitiva que pudesse explicar como eram possíveis juízos sintéticos *a priori* e como era possível conhecer. Esse é, no dizer do autor, sua revolução copernicana. Na primeira edição de *Crítica da Razão Pura*, a imaginação é que produzia os conceitos. Devido a tal ideia, Kant recebeu uma reação dos racionalistas e inventou o “entendimento”, termo que aparece na segunda edição da obra. Porém a imaginação permaneceu como faculdade fundamental, afinal, no esquema kantiano, é a imaginação que legisla sobre a sensibilidade e sobre as intuições de tempo e espaço.

Ora, na metafísica, pode-se tentar o mesmo, no que diz respeito à intuição dos objetos. Se a intuição tivesse de se guiar pela natureza dos objetos, não vejo como deles se poderia conhecer algo a priori; se, pelo contrário, o objeto (enquanto objeto dos sentidos) se guiar pela natureza da nossa faculdade de intuição, posso perfeitamente representar essa possibilidade. (KANT, 2001, B XVII)

Kant (2001) inverte a tradicional equação do conhecimento, na qual o sujeito era função do objeto. Isso parece natural para o senso comum: quando olho a grama verde do campo de futebol, vejo verde, mas quando olho a camisa de meu time, ela é grená; logo é certo concluir que, se mudamos o objeto, mudou a informação da cor, mudou o

conhecimento. Porém Kant (2001) argumenta que essa ilusão de que o objeto determina o conhecimento é semelhante à ilusão de que é o sol que se move em torno da Terra, já que vemos ele nascer no leste e se pôr no oeste, sendo, portanto, muito difícil para o senso comum perceber que é a Terra que se move. Assim, o verde da grama e o grená da camisa não são do objeto, mas do sujeito conhecedor; sou eu quem imprimo o verde na grama, pois, se eu fosse daltônico, veria vermelho.

É o sujeito, com seu aparelho cognitivo, que determina o objeto, porém o lema de Kant (2001) é ousar saber, ousar pensar com a própria cabeça, com autonomia, o que se poderia chamar de “esclarecimento” ou “ilustração”. Schopenhauer (2001a) seguiu essa máxima kantiana ao extremo. O autor criticava a Filosofia Universitária de sua época, a Filosofia dos Professores, dizendo que eles – Georg Hegel, Friedrich Schelling, Johann Fichte – teriam dado supremacia à abstração. Enquanto, para Schopenhauer (2001a), o que deve ser levado como fundamento na Filosofia é a vida, com o abstracionismo dos idealistas, o pensamento de Kant também deixou de ser uma crítica e se tornou um sistema. Schopenhauer (2001a) mostrou que nos idealistas há um predomínio da abstração sobre a intuição.

1º. Todos os fenómenos estão no espaço e no tempo; 2º. A síntese *a priori* da imaginação incide *a priori* sobre os próprios espaço e tempo; 3º. Os fenómenos estão, portanto, necessariamente submetidos à unidade transcendental desta síntese e às categorias que a representam *a priori*. É realmente neste sentido que o entendimento é legislador: sem dúvida, ele não nos diz as leis a que estes ou aqueles fenómenos obedecem do ponto de vista da sua matéria, embora constitua as leis a que todos os fenómenos estão submetidos do ponto de vista da sua forma (...). (DELEUZE, 2009, p. 27)

Em *Crítica da Razão Pura*, mais especificamente na seção §1 do capítulo “Estética Transcendental”, Kant (2001) afirma que

A capacidade de receber representações (receptividade), graças à maneira como somos afetados pelos objetos, denomina-se sensibilidade. Por intermédio, pois, da sensibilidade são-nos dados objetos e só ela nos fornece intuições; mas é o entendimento que pensa esses objetos e é dele que provêm os conceitos. (KANT, 2001, B 31)

As formas puras da sensibilidade tratadas pelo autor são o tempo e o espaço. Segundo a teoria kantiana, essas formas puras são *a priori*, ou seja, prescindem de toda e qualquer experiência. É por meio delas que o sujeito representa os fenômenos. Assim, nesse oceano do intelecto com domínio total da razão, encontrei uma oportunidade: Kant (2001) supõe haver uma raiz comum entre o intelecto e a sensibilidade, como se uma forma primitiva de consciência não separasse entendimento de sensibilidade. Será que essa consciência primitiva originária não seria a intuição? Segundo o autor, “(...) como introdução ou prefácio, que há

dois troncos do conhecimento humano, por ventura oriundos de uma raiz comum, mas para nós desconhecida, que são a sensibilidade e o entendimento.” (KANT, 2001, p. 56).

Dessa suspeita, nasce, para o meu trabalho, Schopenhauer (2001a; 2001b). O autor é kantiano até aqui, mas, com um inesperado movimento, rema contra a corrente dos idealistas e se torna singular. Schopenhauer (2001a) escreve *O mundo como vontade e representação* 100 anos depois da *Crítica da Razão Pura*. Nesse período, o Romantismo alemão ou idealismo alemão fez leituras variadas da obra de Kant, que tornaram sua filosofia crítica um sistema. Os idealistas transformaram a crítica kantiana em teoria kantiana, em doutrina kantiana, pervertendo uma filosofia rica em imaginação em um código jurídico.

Escolhi Schopenhauer (2001a; 2001b) porque ele é um idealista atípico; realiza uma crítica ao idealismo alemão e faz uma ponte para a contemporaneidade, tanto com Freud, quanto com Nietzsche. Uma grande mudança feita por Schopenhauer na Filosofia foi retirar da razão a supremacia sobre o sujeito. Segundo o autor, o intelecto é servo da vontade, dos instintos. Poderia dizer, então, que estudamos não para uma riqueza espiritual, mas para ter poder e recursos para a satisfação de nossos instintos. O esforço intelectual visa angariar recursos para a satisfação da fera com necessidades bem menos elevadas.

Schopenhauer ficava revoltado pelo fato de Kant ter retirado a experiência da *Metafísica*, fazendo dela uma coisa transcendente. Distanciando-se de Kant, Schopenhauer admite que a intuição é uma faculdade para o conhecimento e que ela é mais precisa que o entendimento. Então Schopenhauer entende *Metafísica* de outra maneira, dando a ela *status* elevado: para ele, a *Metafísica* é detentora do conhecimento mais profundo. Por outro lado, ao sistematizar o real assistemático, o discurso e o encadeamento lógico do entendimento turvam a compreensão – por isso claro é aquele conhecimento fruto da intuição.

Assim, pois, a única coisa que pode fazer-nos adquirir um conhecimento, sem reserva, de uma clareza perfeita, sem deixar nenhum resíduo inexplicado, será unicamente aquilo que apenas depende da faculdade da intuição. (SCHOPENHAUER, 2001a, p.129)

Nesse trecho, além de admitir uma intuição intelectual, o autor a concebe como faculdade. Senti um misto de euforia e desânimo ao encontrá-lo, afinal, parece que, em Filosofia, quando você pensa algo, alguém já pensou antes e já o colocou melhor. Inspirado em Kant e Platão, Schopenhauer (2001a) articula ideias claras e um mundo incerto com a dialética do nômene e do fenômeno. Ele retira daí a representação, que é a esfera do que existe apenas para o sujeito, mas alcança a vontade como essência íntima do mundo. Enquanto, para Kant (2001), havia um abismo entre fenômeno e nômene, para Schopenhauer (2001a), se é o nômene que denomina a vontade, ele é a raiz de todos os fenômenos, então ele

é abordável. Nesse momento, a intuição começa a ter destaque no pensamento de Schopenhauer (2001a) e é esse ponto que me interessa.

O que são os olhos, no espaço, para o conhecimento sensível é a razão, no tempo, para o conhecimento interior. Aos nossos olhos, a visão dos objetos só tem sentido e valor enquanto os anuncia a nós como tangíveis, do mesmo modo, todo o valor do conhecimento abstrato jaz na sua relação com a intuição. É por isso que o homem natural coloca a consciência imediata e intuitiva muito acima do conhecimento abstrato, do simples conceito; ele dá ao conhecimento empírico a preeminência sobre o conhecimento lógico. Esta não é a opinião daqueles vivem mais por palavras do que por ações, e que observam mais nos livros e papeis do que na vida real, a ponto de se terem tornado pedantes e teóricos. (SCHOPENHAUER, 2001a, p. 93-94)

Kant (2001) fez uma distinção muito importante entre pensar e conhecer. Para ele, a coisa em si pode ser pensada, mas não pode ser conhecida. Porém, para Schopenhauer (2001b), a Metafísica é imanente; ela nasce na percepção que temos do nosso corpo e da manifestação da vontade. Assim, para o autor, é possível conhecer a coisa em si que ele chama de vontade. Nesse movimento em direção à vontade e ao uso da intuição, Schopenhauer (2001b) reservou um lugar especial para a música:

(...) percebemos que uma bela arte ficou excluída de nossa consideração, e tinha de ter ficado, visto que no encadeamento sistemático de nossa exposição não havia lugar algum para ela: trata-se da música. Esta se encontra por inteiro separada de todas as demais artes. (SCHOPENHAUER, 2001b, p. 227)

Nesse sentido, Schopenhauer (2001b) atende ao problema que investigo, o de como representar o que se intui. Ele apresenta uma saída genial, colocando a música como representação direta da vontade, da coisa em si que não é fenomênica, logo somente pode ser apreendida através da intuição. A música apresenta, de forma direta, a manifestação da Vontade em nosso corpo. O amor, o desejo, a saudade, a dor, a tristeza, o medo e a coragem... As emoções, enfim, são sentidas na música.

A música, portanto, não é de modo algum, como as outras artes, cópia de Ideias, mas cópia da própria Vontade, da qual as Ideias também são a objetividade. (...) A música como já disse, diferencia-se de todas as outras artes por não ser uma cópia do fenômeno, ou mais exatamente da objetividade adequada da vontade, mas por ser uma cópia imediata da própria Vontade. (SCHOPENHAUER, 2001b, p. 230; 231)

A intuição perdura e este perdurar precisa ser comunicado. Então Schopenhauer (2001b) percebeu que a música realiza tal tarefa; ela apresenta o perdurar, o sobe e desce, o vai e vem, as peripécias do acontecimento, vivido e sentido, não reduzindo tudo a uma forma de conceito imóvel, triste, na qual as emoções se tornam homogêneas e sem movimento. No trecho abaixo, é possível ver a imagem clara de um perdurar:

O adágio fala do sofrimento associado a um grande e nobre esforço a desdenhar qualquer felicidade vulgar. Mas quão maravilhoso, é o efeito dos modos maior e menor. É fascinante observar que a mudança de um meio-tom, a entrada em cena da terça menor em vez da maior, impõe a nós imediata e inevitavelmente um sentimento penoso, angustiante, do qual o modo maior novamente nos libera de novo. (SCHOPENHAUER, 2001b, p. 233-234)

Vemos quando há mudanças, das mais sutis, mas, mesmo o estado de tristeza geral, não é homogêneo. Ele oscila, possui meio-tom, entre estados, um deslizar penoso que libera e prende. A isso chamo perdurar, esse acompanhamento, esse movimento junto. Penso que o conceito *perdurância* seja útil nas explicações e apresentações em que a intuição se fizer presente. Esse conceito surge como mais um recurso de comunicação, como pequena contribuição na difusão do conhecimento. Da mesma forma que Schopenhauer (2001b) apresenta a música como a representação direta da vontade, como o que representa o intuído, penso que a poesia também faça esse papel e vou seguir essa intuição.

A intuição é este conhecimento direto, mas o problema que se põe, precisamente porque a intuição é conhecimento, é o da expressão da intuição. O conteúdo da intuição será expresso na linguagem e, portanto, por meio de simbolismo próprio dela. A partir daí surge a contradição ou o impasse que provém da inadequação entre as formas de expressão e o conhecimento obtido por meio da intuição. (LEOPOLDO E SILVA, 1994, p. 95)

Na passagem acima, do livro *Bergson: intuição e discurso filosófico*, o professor Franklin Leopoldo e Silva (1994) explana sobre o lugar em que minha pesquisa se insere; nele, meu problema é muito bem colocado. Primeiro, a intuição é um conhecimento direto das coisas, ou melhor, das ações. Do fluir da duração. Mas, sendo um conhecimento, como expressá-lo, já que a linguagem discursiva conceitual parece inadequada a esse tipo de conhecimento? Aqui reside, também, minha catástrofe.

Parece que não terei sucesso, parece que serei vencido pelo destino e pela distância entre intuição e linguagem. Parece que a dureza das palavras apenas virará areia sob o castigo das marés. Mas o poeta saberá usar as palavras como se fossem gasosas, saberá derreter palavras e, na lava quente do verso, expressar o movente... Alguma sombra de Fênix anuncia uma sutil esperança e renova a coragem.

9. KATHARSIS

*Tal é a tristeza inseparável de toda a vida finita,
uma tristeza, porém, que nunca se torna realidade
e serve tão só para dar alegria eterna de a superar.
Dela vem o véu de pensar que se estende sobre toda a natureza,
a melancolia profunda e indestrutível de toda a vida.
Apenas na personalidade há vida;
e toda a personalidade se assenta num fundamento sombrio,
que, não obstante, tem também de servir de fundamento ao conhecimento.*

(SCHELLING apud PONDÉ, 2016, p. 5)

Para cunhar o conceito de cretino fundamental, Nelson Rodrigues (1977) esclarece que a principal característica desse cretino ou idiota é a impossibilidade de reconhecer o óbvio ululante. Essa demonstração me acordou para o fato de que pensar é duvidar para reconhecer o óbvio. Então o convicto se caracteriza como um estúpido, pois não consegue duvidar, mas o cretino fundamental ou idiota duvida o tempo todo e, diante do óbvio, ele não se assusta, não o reconhece. A única coisa boa é que um desses males impede o outro. Nenhum idiota é estúpido e nenhum estúpido é idiota.

Os filósofos modernos sempre combateram a estupidez. Ela imperou na medievais, porém, com a relativa vitória da modernidade sobre o fanatismo e a superstição, desenvolveu-se, então, o idiota. Fiódor Dostoiévski (1963) foi um dos primeiros a perceber esse acontecimento.

Pensar envolve uma tristeza, porque oscilamos entre a estupidez e a idiotia o tempo todo. Essas são as barreiras cognitivas por onde passa o jorro do conhecimento. Construir um aqueduto do conhecimento, essa calha que conduz o conhecimento tem, de um lado, a estupidez; do outro lado, a idiotia; e tem por base a tristeza. Que tristeza será essa? Entendendo o conhecimento como a capacidade de previsão, como entender a Ciência moderna, se a primeira capacidade de previsão, o primeiro *insight* do *homo sapiens* foi saber, antecipadamente, que iria morrer? Imagine o desespero de tal descoberta...

9.1 O movimento

O movimento, em Bergson, não é um deslocamento no espaço, mas mudança, movimento em si, na duração, na intimidade. A experiência do remorso é um bom exemplo. No remorso, há movimento de humores, mas não deslocamento no espaço; é um movimento no espírito, um movimento na duração, puramente qualitativo.

9.2 Capítulo da cura-catarse

Idas e vindas, quedas que iluminam, fracassos que humanizam, fazendo e refazendo, se arrastando, vontade de desistir, largando o corpo como Ulisses naufragado, indo ao fundo do poço e, como se fosse por vontade de Poseidon, ressurgue nas praias de Ítaca. *O homem é nada sem os deuses!*, proclama Ulisses, numa coragem diferente, a coragem contra si mesmo, que chamamos humildade. Talvez não por reconhecer a existência de deuses, mas por descobrir a insuficiência de si e a imensa largura do mistério que nos envolve.

Como falei desde o início de minha caminhada, minha praia é a poesia e, da mesma forma que Schopenhauer (2001b) apresenta a música como representação da Vontade, apresento aqui a poesia realizando o mesmo papel.

No mundo do *se fazendo*, a intuição perdura com o movimento; aqui onde não é mais o que se era e ainda não é o que se vai ser. Exclui-se o permanente; apenas a duração prossegue sempre em mudança.

As conclusões aqui expostas buscam, no jogo das palavras, comunicar um silêncio rico em solidão, o contato com a coragem contra si e o reconhecimento do irreduzível.

9.3 A solidão do ser-tão

O estudo sobre intuição forçou-me a uma virada para dentro. Como disse no princípio desta tese, considero-me um mestiço neurastênico do litoral, como dizia Euclides da Cunha (1982), porém fui cavando sob minha pele de velho lobo do mar, depois retirei toda a carne, e quando comei a raspar o osso, descobri o sertão, sertão de meu pai, de meus avós, sertão esturricado.

Em mim, o mar virou sertão. Ouvindo as músicas de Elomar Figueira e viajando para Vitória da Conquista para ver meus netos, fui sentindo a emoção de ser, ser-tão. Um ser que é imenso. Terra seca, a única água ali cai do céu, talvez por isso o sertanejo não pode viver sem Deus. Por isso tenho carne, sangue e pele de ateu, mas lá na raspa do osso arranha uma saudade de ouvir as romarias para pedir chuva e o cego violeiro na porta da igreja a dizer-me: *Nada vejo nesse mundo, mas a luz de Deus queima em meu coração, eu vejo as almas dos homens*. Tenho medo de quebrar o osso e, no tutano, morar um velho místico e eremita.

Continuo raspando o osso. Nessas raspas, dorme uma cisão, aquela mesma de *Crime e Castigo*, de Dostoiévski (1963). O extremo niilismo mata Deus, quebra as tábuas de Moisés e joga o “Não matarás” no lixo; depois, o assassino queima no inferno da culpa. Viver sem fé é um sofrimento, porém viver sem culpa é impossível. Apesar de existir a conjectura de que a

ideia de Deus gera a culpa, pode ser também que o sentimento de culpa tenha gerado a necessidade de Deus. Porque no sertão, na privação de tudo, até mesmo de água, uma falta tão absoluta que a razão humana justifica essa falta pela ausência do bem. Então nasce Deus como aquilo que falta para preencher a imensidão do vazio que carregamos.

Agora sou um ateu com sentimento de culpa, um niilista contorcido pelo pecado e posso entender Kierkegaard (1979) quando diz que, diante de Deus, o crente está nu e sozinho. Assim se encontra um ateu diante de sua culpa: nu e solitário.

A culpa parece com o sertão. Ela é esturricada, gera uma sede infinita, por isso o pecador implora aos céus um pouco de água, em forma de perdão. Imagine um ateu que não acredita em chuva. Não acredita que nada caia do céu. Ele experimenta a solidão do ser-tão. Sem Deus, sem mar, sem esperança, sem utopias, carregando sua culpa que, por castigo, vai ficando maior a cada dia. A culpa aumenta a cada passo no ermo da caatinga. Diferente da Pedra de Sísifo, a culpa não tem solidez, ela é um vazio. A dor que ela causa é ausência. Um vazio que cresce, como os desertos. Costuma-se dizer o peso da culpa, mas a sensação de peso é a dor do vazio, aí identifico culpa e solidão. A culpa é uma solidão que deseja perdão, ela busca companhia. A culpa espera mesmo pelo que não existe. A culpa espera por Deus.

O ateu sabe que um dia será consumido por ela, talvez isso seja o paraíso, então o alívio para um ateu é morrer. Enquanto isso, Deus é o que não existe. É na falta de tudo onde ele mais é. Principalmente quando não há, na solidão pura, no extremo vazio da culpa, Deus fala perdão e, no ser-tão, uma chuva molha o roçado, como por milagre o deserto floresce. Assim vive e acredita o cego violeiro; assim eu escrevo como ateu culpado. Quem de nós será o mais cego? Meu olho vê o que existe, o do cego violeiro não vê o que existe, mas ele diz ver o que não existe.

Estamos os dois no sertão, cada um carrega sua cegueira, cada um carrega sua culpa. Ele toca na porta da igreja, eu escrevo no branco da página. Um com Deus, outro sem Deus. Mas se Ele é mesmo quando não há?... Na raspa do osso, sou um pequeno ateu e um grande ignorante.

A presença da ideia Deus, neste trabalho, deve-se ao fato de que tanto a intuição, quanto a investigação lógica na Filosofia nos leva a enfrentar o problema do absoluto. Segundo o filósofo Romano Galeffi (s.d.), em *Introdução ao Problema de Deus*,⁸ Deus e absoluto são em si o mesmo problema. Nesse sentido, o autor afirma:

⁸ Manuscrito não datado e não publicado, digitalizado por Dante Galeffi em nov. 2018, em homenagem aos 103 anos do nascimento de Romano Galeffi (Montevarchi-Itália, 17 nov. 1915 – Salvador-Bahia-Brasil, 01 jan. 1998).

E se a distinção dos dois termos pode não parecer essencial, poderemos dizer que Deus é o Absoluto que é alcançado e percebido do íntimo da nossa consciência mediante um ato de intuição, e que o Absoluto é o próprio Deus enquanto parcialmente contemplado mediante uma abstração lógica. (GALEFFI, s.d., s.p.)

Minha casa é o tempo

Sonhei em um quintal antigo,
De uma casa do passado.
Quando pisava na terra, afundava o pé,
E o quintal do passado queria me engolir.

Será que todo o terreno da casa estava em risco?

Nunca tinha pensado o tempo como uma casa,
O tempo de fato nos abriga.
Fiquei em delírio pensando na sala de passado
E suas festas e jantares,
Nos quartos do passado e seus segredos,
Ah! As cozinhas do passado e as misturas de cheiros.
Assim todos os tempos teriam quintal,
E meu presente também tem um quintal.

O que seria o quintal do tempo?
O que está por trás do que se vê?
Aquilo que serve de base?

A engenharia nos engana construindo bases de concreto e ferro
Indo bem fundo na terra.
Mas, muitas vezes, os quintais estão desmoronando.

Talvez na vida da alma
O telhado sustente toda a casa,
Porque o terreno está a ruir.

Na casa do tempo
O não-terreno que é a base.

Lá, os engenheiros e operários
Amarram os terrenos nas casas
Para que o planeta inteiro não desabe no nada.

Lá nesse mundo, o sustento está
Nos afetos da casa,
Na música da vitrola,
Nos gemidos dos quartos
E nos cheiros mágicos
Que exalam das cozinhas.

Todo o sólido
Sustentado no etéreo.

Como esse poema,
Que existe
Porque as palavras se agarram
No etéreo do que sinto
E principalmente no etéreo
Do que sente o leitor.

Na intuição do poema, é possível ver uma diferença de natureza entre espaço e tempo, uma diferença de natureza entre vida exterior e vida interior, e, principalmente, ver a descrição do que seria uma comunicação intuitiva e do papel das palavras nesse tipo de comunicação, entrando, assim, no miolo da tese.

No poema, as palavras se apresentam como elos entre os etéreos do leitor e do escritor; elas nada valem sem esse etéreo. Minha tese é de que a poesia é uma maneira de utilização da linguagem que toca nesse etéreo, ela comove. Sendo assim, estabelece não uma representação dos afetos, mas uma ligação entre eles, como fios que conduzem eletricidade. As palavras aparecem no poema como fios que o sustentam, mas o apoio são os etéreos das almas. Sem esse etéreo, os fios desabam como todo ente no vácuo do tempo.

Por esse modo especial de usar as palavras, a poesia é uma difusora do conhecimento, do conhecimento da alma humana, da vida interior dos homens, de suas dores e amores, de seus medos e alegrias. Essa realidade afetiva é estudada pela Psicologia e Psiquiatria, importante para a Pedagogia e demais Ciências Humanas. Tais ciências poderão encontrar na poesia muito mais que um modo de acesso, elas encontrarão um contato. Este é um dos pilares da tese, e também seu ponto mais frágil. Por isso um risco. Mas nenhum ato de conhecimento novo acontece sem se colocar em risco. Na segurança, apenas repetimos o que já existe.

Na intuição a maneira de entender a linguagem precisa mudar, além de mudar a linguagem. Não adianta usar a poesia para entender a vida interior, se a poesia for usada como representação, usando análise de discurso e coerência lógico-formal. Nem mesmo a dialética cabe no poema. O poema não é um discurso, ele é um fio condutor de afetos; ele não representa, ele faz contato, ele comove.

A criança pegou o queijo inteiro
E deu uma enorme mordida,
Muito mais gostosa que a do pedaço cortado
Essa mordida trazia o erotismo do proibido.

Diante daquela criança sorrindo,
Intuí que nada é mais fecundo que o imediato,
Por isso existe uma universalidade concreta no vivido.

Nem mesmo as marcas dos dentinhos no queijo
Podem guardar a tamanha alegria
Gerada na traquinagem.

O poeta, diante da beleza fugidia,
Corajosamente busca capturar a ocasião propícia,
Na realização do poema.

Então, quando a emoção lhe atravessa o peito,
Ele se inscreve na parca eternidade do ter sido,
Que boia entre o nada de antes e o nada de depois.

O poema resta como fotografia borrada
 Já não é mais o sorriso, nem queijo, nem nada.
 Ele poema é ele mesmo.
 Epígrafe na lápide da saudade.

A inadequação do conhecimento obtido na intuição e a natureza simbólica das palavras foram minha catástrofe. Mas aqui, na catarse, a catástrofe alimenta. Sempre retorno ao meu problema como reforço do caminho tomado, das oportunidades que essa dificuldade gerou, da força que a imaginação alcança quando se defronta com impedimentos, e do uso da intuição para fazer a razão perceber que a ideia negação do ser, o não-ser, o nada é maior que a ideia de ser, porque ela contém a ideia de ser mais sua negação.

Por onde quer que olhe
 Somente encontro incompatibilidades intoleráveis,
 E escolhas impossíveis.
 Carregando água para o túnel das Danaides e depois empurrando a Pedra de
Sísifo.
 A beleza, a poesia, a música são intervalos do amor no canteiro de ódios.
 Amor e ódio garantem o mundo, um-empurra-outro-puxa,
 Um separa e o outro une,
 Porém, no fim, tudo se desintegra...
 O positivo somente existe com o negativo.
 Como diria Empédocles, se o ódio não existisse no mundo, todas as coisas
seriam apenas uma.

Pascal (1984) achava assustadora a ideia de universo infinito, imagine pensar nessa distância: infinito. Ele não discutia se o universo era ou não infinito, apenas sentia a dor que estar jogado no infinito provocava. Talvez seja a dor do infinito o que sentimos no domingo à tarde. Quando não estamos nos divertindo, seja no trabalho ou no lazer, estamos no tédio – o pior de todos os tédios, o tédio sem explicação. O vazio infinito que cabe no peito e que sempre nos pega de jeito. Talvez fosse essa a dor de Pascal.

Os mais afortunados colocam uma ideia infinita dentro desse vazio infinito e fica tudo resolvido. O mais comum é colocar Deus, depois vem o amor perfeito, outros uma saúde de ferro, outros a ideia de um mundo melhor, a infinita luta contra as injustiças, outros se afogam

em psicotrópicos e até mesmo uma doença grave, afinal, quem não provoca alegria provoca tristeza. Mas o vazio infinito no peito perdura.

Tristeza infinita e inexplicável que os poetas expressam e sentimos nas melodias de Frédéric Chopin. Reinvoco o terror de Pascal diante do infinito, um infinito de ignorância: viemos do nada, pois nada sabemos de antes; voltaremos para o nada, pois nada sabemos da morte, morte que, enquanto fenômeno, é inexperienciável. Sobre a morte, nossa única certeza é um desconhecido. Apenas um saber que não sabe, mas que é certo. No mundo do ateísmo, como não dispomos dessa ideia eterna e perfeita (Deus), tentamos encher esse vazio infinito com objetos finitos, e o nome dessa operação, não tem outro, é desespero.

A poesia comunica a intuição, ela não é uma representação dos fenômenos. O ambiente da intuição não é a apodicidade, que envolve universalidade e necessidade, mas a intuição se produz na contingência, livre e imprevisível. Enquanto a linguagem científica e filosófica busca aprisionar definindo, suspendendo o tempo, isolando em um conceito imóvel o fluxo do real, a poesia incorpora o fluxo e mergulha na temporalidade. Assim, a poesia apresenta mais um sentido de perdurar: o sentido de que não são as coisas que resistem ao tempo, que continuam, mas o de que é o tempo que continua nas coisas e em si mesmo. Cada instante arrasta tudo que passou.

A aceitação do destino não como conformismo, mas com a consciência trágica, a disposição para a luta, em que se pede aos deuses apenas coragem para sucumbir a suas escolhas – tudo isso revela o início da cura e um acordo com a poesia.

Em um sonho surrealista
As flores cantavam ópera,
Enquanto as frutas amadureciam no silêncio.

As raízes escavavam o chão como mineradores
E as folhas eram peixes de um imenso cardume.

Iniciei uma conversa sem palavras
Com uma velha árvore,
Que ensinava remédios
E dava conselhos alimentícios.

Do sol caíam feixes de mel
E, da lua, lágrimas azuis.

Olhei-me no espelho:
Eu era um pincel
No atelier de um pintor fracassado.

Quadros inacabados
Eram meus projetos da vida inteira.

Pelos pedaços,
Meus empreendimentos.

O pintor com olhos de fogo
Largava um quadro e pegava outro
Com intensa ferocidade.

Perguntei à velha árvore
O nome daquele pintor,
Ela respondeu em arvorês.
Acaso, meu amigo,
O nome dele é Acaso.
A velha árvore colou em meu peito uma folha úmida,
Como se fosse o emplastro de Brás Cubas.
Quem dera curasse mesmo a melancolia,
Mas seu efeito foi melhor ainda.

Comecei a ver que os quadros inacabados já estavam prontos,
A paisagem era metade feita e metade a imaginar,
O cavalo era um lindo pescoço e cabeça de cavalo,
E aquela meia mulher estava apenas de lado.

Como por encanto, me tornei o pintor
E o Acaso, o pincel.

Acordei sentindo um cheiro fresco de tinta
E o sentimento de que terei um dia inteiro para pintar.

Que venham os azuis do lindo céu de Salvador
E as trêmulas sombras castanhas de seus olhos.

9.4 Leitura do poema: uma busca de sentidos

Por que o Acaso é um pintor fracassado? O fracasso do Acaso como pintor se dá pelo fato de ele não terminar as obras? Também por que acaso é a insuficiência de probabilidade na previsão? Por que nada sabemos dele e no acaso reina a ignorância? A intuição do poema revela que o sentimento de fracasso era uma doença do ressentimento do poeta. E o sonho, como um emplastro, curou-o. Ele passou, então, a ver sua vida como quadros prontos e saiu da condição de pincel para ser o pintor de sua vida. Não de maneira boba “empoderada”, que acredita ter a vida nas mãos, bobagens tipo ter foco, pensamento positivo e que tais. Ele não acredita em superstições, nem virou um otimista, sabe que seu pincel ainda é o acaso, mas o frescor das tintas, os azuis do céu e a sombra castanha do amor são disposições para enfrentar o destino com coragem.

9.5 Da insatisfação com o simbólico

Tanto a sensibilidade, como a abstração têm uma origem comum; elas são galhos de um mesmo tronco. Essa desconfiança kantiana levou a Edmund Husserl (2012b). A fenomenologia dele aprofunda a desconfiança kantiana e esclarece em detalhes o nodo que liga esse entendimento à intuição e a este trabalho.

Os conceitos lógicos, enquanto unidades de pensamento dotadas de validade devem ter a sua origem na intuição, eles devem através da abstração ideadora, despontar com base em certas vivências, e devem comprovar-se sempre outra vez em cada nova consumação desta abstração, devem ser captados na sua identidade consigo próprios. (HUSSERL, 2012b, p. 4-5)

Literalmente, Husserl (2012b) afirma que os conceitos se originam na intuição. O autor considera a intuição essa força inauguradora do conhecimento, ela é que preenche de vivências a forma pura dos conceitos. Percebo uma aproximação com o que pensava sobre a intuição, tanto Schopenhauer, quanto Bergson, e encontro aqui uma forte posição na história do pensamento. Um forte indício de certeza, porque grandes pensadores, em momentos distintos da história da filosofia, encontram-se em uma mesma embarcação. Husserl (2012b)

mostra uma insatisfação com o conhecimento abstrato: “Não queremos em absoluto, contentar-nos com ‘simples palavras’, ou seja, com uma compreensão verbal meramente simbólica.” (HUSSERL, 2012b, p. 4). Ele queria um conhecimento mais próximo, encontrado no íntimo das coisas mesmas.

Queremos retornar às ‘próprias coisas’. Com base em intuições plenamente desenvolvidas, queremos trazer, para nós, à evidência que isto, que aqui está dado numa abstração atualmente consumada, é verdadeira e efetivamente aquilo que as significações das palavras querem dizer na expressão das leis. (HUSSERL, 2012b, p. 5)

Voltar às coisas mesmas, como em Schopenhauer (2001a), seria voltar-se para a Vontade, ou à coisa em si de Kant (2001). Voltar às coisas mesmas significa recusar as argumentações doutrinárias e os sistemas autocoerentes, em proveito das interrogações nativas pelo mundo em que vivemos e de que a nossa vida se alimenta. Por isso, voltar às coisas mesmas constitui voltar ao princípio de todos os princípios e a intuição possibilita o acesso às coisas mesmas, conforme Husserl (2006) apresenta:

Toda intuição em que se dá algo originariamente é um fundamento de direito de conhecimento; tudo aquilo que se nos brinda originariamente, por assim dizê-lo, em sua realidade corpórea, na intuição, há que tomá-lo simplesmente como se dá, e só dentro dos limites em que se dá. (HUSSERL, 2006, p. 43)

Trata-se da intuição no sentido de dar-se de imediato, aqui e agora, e que não pressupõe nada anterior, nem nada posterior a ela mesma. Ou seja, somente a intuição é que poderá apresentar-se como origem de toda a demonstração. Husserl (2006) nos convida para o fenômeno em si, o vivido, mesmo em experiências banais, pois o conhecimento pode nascer delas. Nas abstrações, nada é conhecido. Nesse sentido, o autor afirma: “Na compreensão puramente simbólica das palavras, o ato de significar está presente, a palavra significa algo, mas nada é conhecido ainda.” (HUSSERL, 1985, p. 30). O simbólico está estático, o real é móvel movente. Apenas a intuição pode acompanhar esse fluir, apenas ela é perdurante.

9.5.1 *A tese no poema ou o poema da tese*

Na dinâmica da duração
 Conheço melhor, mas não conheço nada.
 A orquídea a cada instante muda,
 Eu também estou mudando,
 Minha percepção da orquídea
 É um processo infinito.

Perdurar é o esforço que fazemos,
Eu e a orquídea, para nos aproximar.
Na emoção da simpatia,
Aí
É o melhor que conheço.

Depois o depoimento,
As palavras preenchidas de saudade.
Falam daquele momento,
Mas já se perdeu a orquídea,
Já me perdi.
Derivou da perdurância três maneiras de saudade,
Saudades aqui são além de sentimentos
Formas de guardar e difundir conhecimento.

A primeira é a saudade da orquídea que carrego comigo,
A segunda é a saudade que deixei com ela,
A terceira é esta intenção, esta consciência
Que tenho das outras e apresento aqui,
Em forma de poema.

Essas três maneiras de conhecer
Podem ser representadas,
Mas a intuição originária
De carne e osso,
Eu perdurando com a orquídea,
A que preenche, sustenta, inflama,
As três saudades,
Não sei dizer,
Fugidia escapa da prisão das palavras.

O poeta trata do conhecimento, destacando a intuição. É possível perceber que ele valoriza a percepção direta com o objeto, a presença da orquídea é o melhor conhecimento. O poeta também chama toda forma de representação do objeto de saudades, afinal, a orquídea

não está mais ali. Assim, ele destaca três tipos de saudade: a que ele carrega da orquídea, a que ele deixa com ela e a terceira é a que sabe das duas, a consciência reflexiva, filosófica, uma apreensão bem geral do fenômeno acontecido.

Mas o poema deixa a impressão de que a intuição originária que alimenta de conteúdo essas representações é indizível. Porém discordo do poeta. Lendo o poema, percebo que, por ser conteúdo dessas três formas de saudades, ou de conhecimentos, elas três, juntas, dizem da intuição originária. O poema inteiro representa a intuição. A intuição é como Deus, única que se dá em três pessoas, em três representações. A saudade que o poeta carrega da orquídea, a saudade que ele deixa com ela e a saudade que carrega as outras duas é a forma de apresentação de comunicação da intuição.

9.5.2 *O ressentimento, uma doença*

Vejo o melhor e aprovo-o, porém sigo o pior.

(Ovídio, 1983)

Somos jogados no mundo, corpos entre corpos, movimentos intensos em um trânsito caótico. Nesse acontecimento, ocorrem bons e maus encontros. Minha sede encontra o copo com água, isto é um bom encontro; meu dedão encontra a pedra na topada, este é um mau encontro. Mas tudo isso faz parte do acontecer em fluxo, em movimento, entre tantos outros corpos, e a alegria do encontro com o copo de água ou a tristeza da topada são efeitos, consequência do existir de um corpo entre corpos.

Durante nossa existência no planeta, nós, os *sapiens*, desenvolvemos uma lente, um método, um filtro, para ler tudo o que nos acontece. Talvez porque o planeta nos agrida e, na vida, os maus encontros sejam mais comuns – são muitas as topadas e poucos copos de água na hora da sede –, que transformamos um efeito em causa, invertendo a maneira de conhecer.

De um mau encontro resulta uma tristeza. A tristeza, aí, é efeito natural do mau encontro. Porém, no ressentimento, a tristeza decorrida de um mau encontro deixa de ser efeito e passa a ser causa; ficamos a ressentir e condicionar todo novo encontro a essa tristeza antiga. Em vez de estarmos abertos a um novo encontro que poderá ser bom e gerar alegria, substituindo aquela tristeza, nós instalamos a tristeza como uma lente, um método que submete todo novo acontecimento. Essa tristeza fica tão poderosa que domina nosso corpo, mente e desejos. O ressentimento como uma lente suja, distorce o que pensamos, o que sentimos e o que desejamos; distorce o que percebemos.

O termo ressentimento designa um fenômeno do gênero do rancor, ódio, cólera e sede de vingança, que surge no homem em função de uma ofensa ou agressão, diante da qual ele não pode reagir de forma imediata, tampouco assimilar os sentimentos mórbidos decorrentes daquela agressão. Todos os novos encontros que incessantemente nos ocorrem são submetidos a essa velha experiência, a esse sentimento que já foi, por isso é um ressentir.

O conhecimento do mundo gerado pelo ressentimento é dualista: dominados e dominantes. Segundo a ótica do ressentimento, o mundo é um carrasco e somos a vítima. A vítima é impotente, passiva, vive escrava das paixões.

A pior situação é que o ressentimento adoce o desejo. O ressentido transforma o desejo em unguento; o mundo vira um objeto para a satisfação de uma carência sempre distorcida. O ressentido não bebe uma taça de vinho pelo prazer que o vinho proporciona, ele bebe para compensar outra falta, um amor perdido, desviando o objeto vinho para outra função. O ressentido fracassa no êxito, ele é vencido pela vitória. Os objetos do mundo substituem o desejo e sucumbem na posse. O vinho é impotente para a satisfação do amor perdido, o vinho vira remédio. O desejo doente sempre busca remédio, sempre busca compensação.

O poeta Ovídio (1983) entendeu intuitivamente essa doença, pois o ressentido sempre faz o pior para ele. Transformando tudo em remédio, não goza da pluralidade do acontecer. Hoje, todos nós, em graus distintos, estamos embriagados de ressentimento, doença da vitimização e do dizer “não” aos opressores. Ressentidos, buscamos curar o mundo e a sociedade, quando somos nós os doentes.

Deformando a forma do desejar, a percepção das afecções e a maneira de pensar, o ressentimento constrói uma forma de conhecimento que aniquila o viver, que encolhe a potência e a disposição para o acontecimento. Assim, ele gera um conhecimento desconfiado e vingativo, sempre dizendo “não”, sempre sendo contra, retirando a abertura para novos encontros e a vontade de dizer “sim”.

9.5.3 *A inveja de si*

O ressentido tem, na inveja, uma fonte de sofrimento. Ele desenvolve tanto esse afeto que o volta até contra si mesmo. Diante de uma oportunidade de prazer e alegria, o ressentido transforma-a em tristeza, como uma espécie de inveja de si.

9.5.4 *Apenas na inocência do devir poderemos dizer: sim*

Em seu *Zaratustra*,⁹ Nietzsche (2011) relata as três transformações do espírito: primeiro ele é camelo; depois, torna-se leão; e, por fim, criança. O camelo é aquela fase ressentida na qual colocamos todo o peso do mundo nas costas e saímos com pouca água pelo deserto. O camelo coloca não apenas os filhos, mas os pais, os irmãos desempregados e todos os desvalidos do mundo nas costas. Depois o espírito se torna leão, e o leão diz “eu quero”, não carrega pesos. Para se transformar em leão, o espírito joga o peso fora, ele vive pelo seu desejo. Poderoso, o leão reina. Na última transformação, o espírito se torna criança. Surge então a pergunta: por que tornar-se criança? Ser leão já era tão bom, pois o leão é poderoso. Porém somente a criança vence o ressentimento, somente ela alcança a inocência do devir.

O que é a inocência do devir?

O ressentimento é um criador de moral; ele estabelece um tribunal e julga os acontecimentos em bem ou mal. Com essas categorias *a priori* de bem e mal, o novo se apresenta sempre encharcado de velho. O espírito leão também julga, pois a dor ainda é um mal para o leão. Apenas a criança espera o devir com inocência, acolhe o que lhe acontece sem uma moral *a priori*, sem julgar como bem ou mal. Chora e ri como necessidade do acontecimento, não como culpa, sem julgar ninguém por sua queda ou prazer. A criança está aberta ao devir, ao fluxo da duração que traz prazer e dor, e os acolhe com inocência. Somente a criança não culpa a sociedade, os poderosos, o pai, a mãe ou Deus por sua dor, nem agradece por algum prazer. A criança simpatiza com o acontecimento, acolhe-o como parte de si, como potência que frui.

9.5.5 *Minhas correspondências, meus devires*

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Ajudador, para que fique convosco para sempre.

(João 14:16)

Na tradução do grego, esse *outro* do versículo de João está escrito como *állos*. Isso significa que é *outro* com diferença numérica, mas da mesma espécie, pois, em grego, *outro* com significado de espécie diferente se escreve *hétero*.

Deixemos João em seu *állos* e vamos para o outro (*hétero*) de agora. O pessoal do social gosta mesmo é da vida alheia; o outro, para eles, tem sempre o sentido de *hétero* e vivem tentando ficar no lugar do outro, mudar de endereço e de identidade, quando o

⁹ Referência à personagem nietzschiana do livro *Assim falou Zaratustra*.

Ajudador é *állos*, o *outro* de si mesmo. Sem mudar de endereço, porque mudar de endereço implica perder suas correspondências, no endereço do outro chegam as correspondências dele.

Nada interessado na vida alheia, o poeta mantém-se no mesmo endereço e espera distraído por suas correspondências, seus devires, o sopro das musas que se direcionam a ele e a seu *állos*, seu *outro* íntimo.

O eu e o *állos* entram em luta. Adversário implacável, o *állos* conhece todos os pontos fracos do eu, e os expõe de forma humilhante. O eu somente vence quando é derrotado. Ao ver sem desvios suas fraquezas, pode, talvez, superá-las ou, pelo menos, não as desconhecer, passando a se proteger melhor. Apenas o eu derrotado recebe suas correspondências e compreende como seu adversário, seu *outro* (*állos*), pode ser seu único Ajudador, sendo capaz, assim, de se apropriar de seus devires.

Mora um outro no meu endereço,
 Parece que existo no que desconheço.
 Seu dia é noite para mim.
 Ele se alterna em horários para que não me encontre,
 Talvez o encontre fora do tempo,
 No mudo silêncio do poema.
 Colho seus sinais no miúdo do cotidiano,
 Nos farelos de pão sobre a mesa,
 No amado da roupa,
 Nas fortes pegadas que a dor deixa em meu peito.

Eu diferente de mim,
 A mais íntima ausência
 E mais presente distância.

Nunca vou conhecê-lo completo,
 Nem desconhecê-lo de todo.

Acho que estou vivo porque ele levou uma parte das minhas feridas,
 Também leva parte das alegrias.
 Feito de sombra e saudade,
 Observa de perto como se fosse de longe.

Tenho dormido menos a cada dia,
Tentando surpreendê-lo.

Hoje descobri seu nome:
Állos, o Ajuda-dor

9.5.6 A precisão dos afetos

A razão age com lentidão e com tantas vistas e sobre tantos princípios, os quais é preciso que sejam sempre presentes, que a toda hora adormece e se afasta por não ter todos esses princípios presentes. O sentimento não age assim: age num instante e está sempre pronto a agir.

(Blaise Pascal, 1984)

A razão pode ser exata, mas carece de precisão. Quando se trata da vida, um instrumento exato, para avaliar algo inexato, é impreciso. Os afetos, por sua vez, são inexatos como a vida, eles não se convertem em sentenças lógicas, nem se expressam matematicamente. Assim, na relação com a vida, os afetos são precisos. Vejamos a metáfora de Henri Bergson ao distinguir o exato do preciso. Em *O Pensamento e o Movente*, o autor explica que uma confecção industrial produz uma numeração, por exemplo, tamanho 42 de camisa; essas camisas medidas por máquinas são exatas, iguais umas às outras. Mesmo que seu tamanho seja 42, nenhuma delas será precisa em seu corpo como uma única camisa feita no costureiro, por encomenda, segundo suas medidas, que não são de numeração alguma – 42 é o número que se aproxima de sua única e singular forma corporal.

A razão é exata, os afetos, precisos. A razão é genérica, os afetos são singulares. A razão não perdura no que se move e muda; ela apreende, através de conceitos, de representações. Estes estão no tempo como uma sucessão de repetidos instantes, todos iguais, e por isso podem ser contados como segundos, minutos ou séculos.

Tudo é duração e o espírito humano move-se dentro dela. A duração é uma multiplicidade qualitativa que se move mudando, como a vida. Ela segue diferentes tendências que se abrem em diferentes e novas tendências, como um galho de árvore que se bifurca, como os fogos de artifício no ano novo: um risco de luz explode em outros tantos, que, por sua vez, explodem em outros e, assim, formam uma chuva de luz no escuro do céu. Esse frenesi de multiplicidades cria uma tensão e o espírito dentro desse frenesi pode seguir dois sentidos: um distensionando a multiplicidade até chegar na pura repetição, na sucessão homogênea ou naquilo que a Ciência chama de tempo, aí o espírito é inteligência. Ou então o

espírito segue outro sentido, o da tensão, tenciona tanto, cada vez mais o frenesi da multiplicidade qualitativa, que alcança a eternidade, a total supressão do tempo; nada se repete, tudo muda em uma criação de novidades, aí ele é intuição, é afeto, simpatia. Na linguagem do poeta, a forma mais profunda de conhecer, aí a intuição é amor.

De um lado, tenho a exatidão da Ciência e da Matemática; do outro lado, tenho as Artes, a Música e a Poesia. De um lado, eu meço e conto; do outro, simpatizo e perduro. De um lado, eu entendo; do outro, eu sinto. Assim, o mesmo espírito, como um elástico, estica e relaxa, representa e intui, abstrai e perdura, seguindo na inteireza do viver os dois sentidos da vida, como diferenças do mesmo, como o outro de si.

A intuição da duração não é apenas uma interioridade, mas uma interioridade em relação com a superfície. Ela é o tecido do real, mas não é um solo sólido, é um tecido fluido. A palavra, na poesia, captura essa fluidez em afetos. O poeta afoga os conceitos em suas lágrimas e encharca de saudade a temporalidade, modelando o espaço em pulsação. O poeta vem curar a sanidade com sua lou-*cura*.

9.5.7 A tese da perdurância

Perdurância pretende expressar uma característica da intuição. Esse termo, criado nesta tese, tenta explicar, por exemplo, o que Bergson dizia quando afirmava que a intuição simpatiza com a duração do objeto, ou a intuição conhece o objeto por dentro. Perdurância exige que o objeto a ser conhecido não esteja pronto, que ele esteja se fazendo, porque a perdurância é o acompanhamento da feitura, é fazer junto ou um criar junto. A intuição age em um mundo dinâmico que flui em mudanças. A perdurância carrega os ecos da voz média do grego antigo, apresentando a intuição como uma faculdade do conhecer que não é passiva como a sensibilidade, nem ativa como o intelecto; não é *a priori*, nem *a posteriori*. Ela é perdurante, ela faz junto, acompanhando tão intimamente que se confunde com o próprio objeto.

Meu herói é quixotesco,
Sem cavalo, nem escudeiro,
Enfrenta monstros etéreos
Feitos de sombra e bruma.
Ele é um náufrago como Ulisses,
Também tem as orelhas tampadas.

Cego como Édipo caindo num abismo
 Não precisa de calcanhar de Aquiles,
 Meu herói é mortal de corpo inteiro.

Dulcineia! Dulcineia! Quem dera morrer em teus braços.

Nesse poema, o poeta cria um herói que é ele mesmo. Esse herói reúne não os poderes e potências dos heróis gregos, mas sim acrescenta à loucura de Quixote as mazelas dos mesmos. Escrever poesia é perdurar, é fazer junto. A intuição acompanha a feitura das palavras, a criação das imagens, começa e acaba com o poema, numa mesma duração. Poeta e poema são os mesmos nessa feitura. O feitiço lançado pelo poeta, no poema, é que o leitor possa também perdurar e, assim, refazer como seu o herói do poeta – ou melhor: refazer como a si o herói do poema.

9.5.8 *Último coro das musas*

No final de uma tragédia, sempre o herói morre. Aqui se encerra um ciclo em que o herói morreu muitas vezes, muitas ilusões também morreram, mas nasceram outras, porque a vida é eterna e a ignorância infinita. Digo herói porque cada um é o herói de sua tragédia, lembrando Nietzsche, ou somente enlouquecemos nossa loucura, como Dom Quixote viveu uma gloriosa epopeia em seu delírio (CERVANTES, 2005 [1615]).

A tese é uma morte, um fim. Sua morte é o final trágico da epopeia. Por sua própria natureza, a intuição não é algo que se defina exatamente, ela não respeita fronteiras, nem limites conceituais, ela escorre líquida e se conforma na forma do vasilhame. Se o copo for quadrado, o líquido ficará quadrado; se o copo for arredondado, assim o líquido ficará, porque o líquido perdura com a forma do recipiente. A intuição é assim e a poesia é veículo para sua difusão: esta é a pequena colaboração desta tese ao universo ainda pouco explorado que é o da intuição e linguagem.

A poesia sopra
 Vento imenso,
 O poeta estende sua pequena vela,
 Poema aberto por onde o vento escorre...

Talvez acende uma fogueira onde a labareda dança ao sabor do vento.

Empurra o coração em aventura
O intenso sopro,
A pequena vela não retém
A imensidão do vento,
Nem a chama queima seu assoviar.

A poesia passa pelo poema,
Açoitando o fogo,
Estufando velas,
Nunca sabemos quando, nem onde.

Será a flama uma vela de fogo?
Será a vela um ardor sobre o mar?

As velas aproveitam o vento,
Que vem e escapa,
Enquanto a chama espalha seu mormaço.

A poesia passa,
O vento sopra
Meu barco corpo
No oceano azul
Da fogueira de teu abraço.

A intuição, assim como a poesia, é um imenso vento que sopra, e a tese, assim como o poema, é apenas uma vela estendida ou uma chama que arde ao sabor desse vento. Não resume, não abarca, não define, não acaba, nem é o fim desse vento, apenas um pequeno aproveitamento, uma colheita miúda de algo imenso e misterioso que vai continuar soprando para outras velas e outras chamas. O poema apresenta uma versão do que seria intuição, que é quando, de chofre, é conhecido o imutável, a eternidade que nos transborda, e o fugitivo, o efêmero que nos atravessa. Tudo junto numa multiplicidade qualitativa que se move na diferença da singularidade.

ELUCIDÁRIO

A priori

A noção kantiana de *a priori* como conhecimento independente da experiência, mas não precedente (no sentido cronológico) à própria experiência, é, sob certo aspecto, a mesma de Leibniz e dos wolffianos. Existem ideias que não nos vêm dos sentidos e que encontramos em nós sem formá-las, ainda que os sentidos nos deem ocasião de apercebê-las. Kant (2001) deu mais rigor a essa noção, distinguindo os conhecimentos *a priori* puros, que, além de não dependerem absolutamente de nenhuma experiência, são desprovidos de qualquer elemento empírico. Por exemplo, acrescentava ele: a proposição “Toda mudança tem sua causa” é uma proposição *a priori*, mas não é pura, porque mudança é um conceito que só pode ser extraído da experiência (KANT, 2001).

Duração

O conceito de duração sempre esteve associado à ideia de tempo, tendo sido definido como o limite de uma existência no tempo. No entanto, no século XX, o filósofo francês Henri Bergson separou a ideia de duração da ideia de tempo comum, mensurável, introduzindo uma nova conceituação de tempo contínuo e heterogêneo, o qual denominou “tempo real” ou “duração”.

A noção de tempo da Ciência é a mesma que a do senso comum: uma sucessão de instantes iguais, homogêneos. Todo segundo é igual, toda hora também. Assim, passa o tempo, homogêneo e descontínuo, pois é sucessivo e por isso pode ser quantificado. Em todo minuto, o ponteiro percorre, com a mesma velocidade, a mesma circunferência do relógio. Para Bergson, esse tempo é vazio, resultado da espacialização que a inteligência opera para sua ação no mundo material. Tempo, na verdade, não são as horas que vivemos, mas o que vivemos nas horas.

Essa virada no sentido do tempo nos mostra um tempo real ou duração. Ele não é mais homogêneo. Ele, o tempo vivido, é heterogêneo, pois nenhum minuto é igual a outro. Quando estamos em uma fila no banco, cinco minutos são longos, quase intermináveis. Por sua vez, quando ouvimos aquela música de que gostamos e estamos alegres e em boa companhia, cinco minutos são nada, efêmeros e imperceptíveis. Outra característica fundamental da duração é que ela é contínua. O passado perdura, invade o presente e podemos experimentar essa característica na sensação de remorso.

Duração é o correr do tempo uno e interpenetrado. Os momentos temporais somados uns aos outros formam um todo indivisível. Opõe-se ao tempo físico, que é passível de ser calculado e analisado. O tempo vivido é qualitativo, enquanto o tempo físico é quantitativo. Visto que não há como calcular ou analisar o tempo vivido qualitativo, a duração não pode ser compreendida através da inteligência lógica e, por consequência, não pode ser entendida linearmente como sucessão. Se não há como esmiuçar a duração percebida pelo espírito, também não há como prever os momentos temporais da experiência vivida, apenas da experiência física que se repete facilmente. Logo, a duração do tempo vivido e experimentado pelo espírito é imprevisível, novidade incessante. A duração pode ser entendida como uma experiência metafísica.

Toda a Metafísica – ou toda a Epistemologia bergsoniana – apoia-se na ideia de duração. Se houver uma realidade, para Bergson, essa realidade é duração. Ela corresponde a um tempo real que flui, passado que se acumula incessantemente e forma a substância da existência. Assim, o que *é* é duração. O conhecimento íntimo de um objeto é o conhecimento de sua duração. É a coincidência com sua duração, aquilo que Bergson chama de intuição. Mas duração não é um acúmulo de instantes; é um contínuo que muda, um jorro incessante de novidades, uma evolução criadora.

A duração é um passado que continua e vai dilatando em seu prosseguir, vai se enchendo de presentes em direção ao devir. Um contínuo heterogêneo, sempre novo sem deixar de ser o mesmo. É como se o presente fosse sempre enriquecido de passado. O presente é criação, novidade, invenção, mas não existe criação sem memória, sem passado.

Para melhor compreender a duração em Bergson, é preciso enfrentar o problema da diferença de natureza entre matéria e espírito, entre cérebro e memória, entre espaço e duração. Nesse sentido, a Representação é decomposta em duas direções divergentes: matéria e memória, percepção e lembrança, objetivo e subjetivo. O cérebro encontra-se por inteiro na linha da objetividade; a lembrança, por sua vez, faz parte da linha da subjetividade. Não poderia haver aqui, portanto, uma diferença de natureza entre o cérebro e os demais estados da matéria, o que inviabiliza a hipótese de conservação das lembranças em alguma parte do cérebro, já que as duas linhas não podem ser misturadas. As lembranças, desse modo, conservam-se por si mesmas, ou seja, na duração – o passado não se conserva em outro lugar que não em si mesmo.

Assim como entre as linhas da objetividade e da subjetividade, deve haver uma diferença de natureza entre a matéria e a memória, entre a percepção pura e a lembrança pura, entre o presente e o passado. Essa diferença, no caso do passado e do presente, pode ser de

difícil apreensão, mas consiste em compreender o passado não como algo que já não é mais ou que deixou de ser, mas que simplesmente deixou de agir. O presente, portanto, não é, mas age – seu elemento próprio é o ativo ou o útil, e ele é, sobretudo, puro devir, sempre fora de si. As determinações aqui se invertem: o presente, a cada instante, já era, e o passado é o tempo todo, eternamente.

Insight

Do inglês, compreensão ou solução de um problema pela súbita captação mental dos elementos e relações adequados. Clareza súbita na mente, no intelecto de um indivíduo; iluminação, estalo, luz.

Modus tollens

Do latim, modo que nega por negação; negação do conseqüente. É o nome formal para a prova indireta, também chamado de modo apagógico. Exemplo:

Se existe fogo aqui, então aqui também há oxigênio.

Não há oxigênio aqui.

Então aqui não há fogo.

Navalha de Ockham

É um princípio lógico e epistemológico que afirma que a explicação para qualquer fenômeno deve assumir a menor quantidade de premissas possível, ou seja, uma explicação mais simples sobre um fenômeno deve ser a mais verdadeira.

Palo seco

Diz-se de um barco que tenha todas as suas velas amarradas, fechadas, sem uso.

Salvação momentânea

O conceito de salvação ou paraíso está presente na teologia associado à ideia de imortalidade e eternidade, e a um lugar de felicidade, um jardim, o paraíso. Em minhas pesquisas e intuições, desviei o conceito, retirando dele a ideia de eternidade e de lugar (espaço). Entendi a salvação como momentos nos quais a intensidade do viver e a alegria de

estar aí iluminam. Porém, como tudo, a salvação vai embora e, depois desse surto de alegria intensa, voltamos à perdição e miserabilidade de nossa existência.

Transcendental

Transcendental não é o conhecimento que cuida dos objetos, mas o que cuida do nosso modo de conhecer os objetos e que é possível *a priori*. Não se deve chamar de transcendental qualquer conhecimento *a priori*, mas sim apenas aquele que possibilite saber que representações (intuições ou conceito) são aplicadas ou são possíveis exclusivamente *a priori* a como isso se dá. Vale dizer: é transcendental o conhecimento da possibilidade do conhecimento ou do uso dele *a priori*. Desse ponto de vista, transcendental não é o que está além da experiência, mas sim o que antecede a experiência.

Véu de maia

É o nome dado pelos Hindus para a percepção da nossa realidade física. Essa percepção seria uma “falha” de nossos sentidos. Grosso modo, cito como exemplo o sentido da visão: quando olhamos imagens de duplo significado, podemos ver uma coisa, enquanto a outra se oculta. Assim, não sabemos o que significa a imagem. Afinal, qual seria a representação mais verossímil?

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Trad. Eudoro de Souza. (col. Os Pensadores)

BERGSON, Henri. **A energia espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Trad. Rosimeiry Costhek Abílio.

_____. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. Trad. Bento Prado Júnior.

_____. **As duas fontes da moral e da religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Trad. Nathanael Caixeiro.

_____. **Bergson**. São Paulo: Abril Cultural, 1970. Trad. Nathanael Caixeiro. (col. Os Pensadores)

_____. **Curso sobre a filosofia grega**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b. Trad. Bento Prado Neto.

_____. **Duração e simultaneidade**: a propósito da teoria de Einstein. São Paulo: Martins Fontes, 2006a. Trad. Bento Prado Júnior.

_____. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Lisboa: Edições 70, 2011. Trad. João da Silva Gama.

_____. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. Trad. Paulo Neves. (col. Tópicos)

_____. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006c. Trad. Cláudia Derliner.

_____. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006d. Trad. Bento Prado Neto.

_____. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Trad. Ivone Castilho Benedetti.

BÍBLIA Sagrada. Rio de Janeiro: Barchinense, 1966. Trad. Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

CERVANTES, Miguel de. **D. Quixote de la Mancha** (Segunda Parte). eBooksBrasil, 2005 [1615]. Trad. Francisco Pereira e Sá Coelho; Conde de Azevedo; Antônio Feliciano de Castilho; Visconde de Castilho. Disponível em:

<<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/quixote2.html>>. Acesso em 09 fev. 2014.

COUTO, Mia. Tristeza (poema). In: COUTO, Mia. **Tradutor de chuvas**. Alfragide (Portugal): Editorial Caminho, 2011.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

DELEUZE, Gilles. A concepção da diferença em Bergson. In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. Trad. Lia Guarino; Fernando Fagundes Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 47-71.

_____. **A Filosofia Crítica de Kant**. Lisboa: 70, 2009. Trad. Germiniano Franco.

_____. **Bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999. Trad. Luiz B. L. Orlandi. (col. Trans)

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1963. Trad. Natália Nunes; Oscar Mendes. (v. 1, 2, 3 e 4)

ESPINOSA, Baruch de. **Espinosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Trad. Natalia Nunes. (col. Os Pensadores)

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1999. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira.

FRÓES, Teresinha. Seminário temático “Análise Cognitiva (AnCo)”. In: **Semana de Abertura do Semestre 2015.1 do DMMDC**. Salvador: Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, 05 mar. 2015.

GALEFFI, Dante. O que é isto – a fenomenologia de Husserl?. **Revista Ideação**, Feira de Santana, n. 5, p. 13-36, jan./jun. 2000.

_____. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: GALEFFI, Dante; MACEDO, Roberto; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: Edufba, 2009.

GALEFFI, Romano. **Introdução ao Problema de Deus**: Romano Galeffi, Parte 7. [Manuscrito não datado e não publicado, digitalizado em 2018].

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Trad. Zeljko Loparic; André Marina Altino de Campos Loparic. (col. Os Pensadores)

_____. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura.

_____. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a. Trad. Diogo Falcão Ferrer.

_____. **Investigações lógicas: investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b. Trad. Pedro Alves; Carlos Morujão.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. 5ª ed. Trad. Manuela Pinto dos Santos; Alexandre Fradique Morujão.

KIERKEGAARD, Soren. **Kierkegaard**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Trad. Carlos Grifo; Maria José Marinho. (col. Os Pensadores)

LAKATOS, Imre. **Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica**. Lisboa: Edições 70, 1999. (col. Biblioteca de Filosofia Contemporânea, n. 28)

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. **Bergson: intuição e discurso filosófico**. São Paulo: Loyola, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O totemismo hoje**. Lisboa: Edições 70, 2003. Trad. J. A. B. F. Dias

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Trad. Paulo César de Souza.

_____. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Trad. Paulo César de Souza.

OLIVEIRA, Eduardo Chagas. A descoberta da nova retórica: Jean Paulhan e Brunetto Latini. **Revista Ideação**, Feira de Santana, n. 18, p. 17-32, jul./dez. 2007.

OVÍDIO. **As metamorfoses**. Rio de Janeiro: Tecoprint, 1983. Trad. David Jardim Júnior.

PASCAL, Blaise. **Pascal**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Trad. Sergio Milliet. (col. Os Pensadores)

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira.

PONCZEK, Roberto Leon. Componente curricular “EDCB14: Seminário de Tese”. Salvador: Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, nov./2016-abr./2017.

_____. **Os crocodilos guardiões e a biblioteca da babilônia**. Curitiba: Editora CRV, 2013.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Filosofia para corajosos: pense com a própria cabeça**. São Paulo: Planeta, 2016.

PRADO JR., Bento. **Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson**. São Paulo: Edusp, 1989.

RILKE, Rainer Maria. Poema epigrafo. In: GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**. Petrópolis: Vozes, 1999. Trad. Flávio Paulo Meurer. p. 10.

RODRIGUES, Nelson. **Nelson Rodrigues: depoimento** [ago. 1977]. Entrevistador: Otto Lara Resende. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1977. Acervo digitalizado Memória Globo. Entrevista concedida ao programa Painel da TV Globo, veiculada em 22 ago. 1977. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/painel/entrevista-de-otto-lara-resende-com-nelson-rodrigues.htm>>. Acesso em 19 ago. 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. Trad. Paulo Perdigão.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001a. Trad. M. F. Sá Correia.

_____. **Metafísica do Belo**. São Paulo: Editora Unesp, 2001b. Trad. Jair Barboza.

TORREÃO, Rita Célia M. **Nas asas da borboleta**: Filosofia de Bergson e Educação. Salvador: Edufba, 2012.

APÊNDICE A

Caixa de retalhos

Quando costuramos uma roupa, sempre sobram retalhos. Estes são os retalhos da tese:

1

Para Platão, causa é o princípio pelo qual uma coisa torna-se o que ela é, ora a grandeza torna o grande e a beleza torna o belo. Sendo assim, causa e coisa são, em última instância, a mesma coisa/causa.

Coisa e causa se arrastam pelo mundo dos sentidos. Pensar a coisa como causa dá à coisa certo dinamismo, pois o princípio pelo qual uma coisa torna-se o que ela é a acompanha no desenrolar do tempo de seu existir (bom atentar que é pensar a coisa como causa dela mesma, e não como na Ciência, na qual uma coisa é causa de outra). Não posso encontrar o princípio que me acompanha, não posso me encaminhar ao que está comigo. Dobrando-me, posso retornar e, de alguma forma, esse movimento é um desfazer.

Poda o galho

O broto espera

Na lâmina

E na seiva.

O pensamento, estranhamente em mim, é um desfazer, como todo broto novo nasce de uma poda, como, no pulmão, a expiração brota da inspiração. Desfazendo crenças, certezas, verdades, doenças e vícios florescem novas crenças, certezas, verdades, doenças e vícios. Um dia nada brotará da poda. O pensamento cessa e surge o abismo.

Falar e escrever

Sempre um tiro pela culatra.

Quando digo preciso

Escutam necessidade.

Porém, quando digo preciso,

Quero dizer certo.

2

Quando convém, a turma da esquerda separa a ética da política e diz: “Isso não é roubo”, “Isso faz parte do jogo político”. Quando convém, tascam fora Maquiavel e clamam por ética e moralidade. Indignação, essa é a palavra mais usada pela esquerda e, para mim, indignação é um afeto não ético. A ética envolve uma reflexão, um estudo do nosso agir; ela é um voltar-se para si e ninguém fica indignado consigo mesmo. Indignação é nada ético, é voltada para o outro, recheada de desejo de vingança. O indignado, geralmente quando fala, reveste-se de justiça. Ele, o indignado, é ético, porque se não, não faria sentido falar contra si mesmo. O indignado é ético para seu discurso fazer sentido, porém quem se pensa muito ético, quem se pensa do bem é apenas uma pessoa mal informada sobre si mesma, pois somos maus. Talvez por isso Pondé identifique a esquerda como um problema moral. Numa versão bíblica, seriam os sepulcros caiados.

O poder é uma das coisas mais prazerosas da existência, porém, geralmente, vem acompanhado de violências e abusos. Mas conseguir o poder em nome de um mundo melhor é alcançar o paraíso, porque esse poder, além de prazeroso, é virtuoso – é aí que muitos amigos esquerdistas e religiosos se encontram. Parece que a esquerda virou religião: todos do bem, todos defendendo o bem, caminhando em direção ao céu do poder, com uma santidade acima dos pobres mortais comuns. Esse estado de espírito desenvolveu uma nova e virulenta forma de corrupção, pior que a corrupção econômica: a corrupção da alma, a corrupção de si mesmo. Lá no fundo da cabeça, uma vozinha grita “Isso não é verdade”, mas o gozo pelo poder-virtuoso é insuportável para espíritos débeis.

3

A tragédia sempre se instala de maneira mais profunda e inesperada. Somente depois da catástrofe podemos entender. Nietzsche temia ser transformado em uma espécie de santo, ele não gostava de rebanhos, então as moiras lhe reservaram uma surpresa: chegam os adoradores de Foucault e o transformam em um militante da resistência. Chega dá dó ver Nietzsche, com toda sua aristocracia, em uma multidão em praça pública, aos berros, protestando em luta contra seja lá o que for. Vai para o ralo todo o sim que Zaratustra deu ao mundo, vai para o ralo toda a solidão. A víbora, enfim, sorri e diz: “Nem precisou de meu veneno.” Ele que não era contra coisa alguma, que navegava a favor de todos os ventos... Uma ave de rapina implorando direitos como ração de porcos.

4

A inveja é um desgosto provocado pela felicidade ou prosperidade alheia, uma tristeza mediante a alegria do outro. Os adoradores de Foucault são escravos dessa afecção. Extremamente materialistas, não podem ver beleza em Mangureira, segundo Paulinho da Viola: “E a beleza do lugar, pra se entender/ Tem que achar/ Que a vida não é só isso que se vê/ É um pouco mais”. Infelizmente, um adorador de Foucault apenas sabe de barrigas cheias e vazias. Miopia e ressentimento. Vítima como condição de existência, ele solta seus grunhidos no escuro. Enquanto isso, suave, o barquinho pequeno burguês de João Gilberto navega na poesia azul de uma tardinha morna. É um dia que cai. Amigo, se não aguenta, se mate....kkkkkkkkkkkk

5

Chegou setembro e continuo na ilusão de tempo sucessivo.

Setembro é um nome,

Uma navalha,

Setembro separa um conjunto de dias,

Setembro se coloca como depois de agosto.

Porém agosto continua,

Agostando meus dias,

Nem se importa como nomeio esse sábado,

Na feira, as frutas exalam seus açúcares,

Continuamente escorrendo.

Têm variados tons,

Para todo paladar,

A gosto, saímos escolhendo

Ou talvez sendo escolhidos,

Sendo seduzidos,

Escorrendo sem saber,

Como as frutas,

Em direção ao escuro.

Havia, na medieva, adivinhos que liam o futuro nas entranhas de animais. Hoje, há quem leia o destino nas linhas da mão, enquanto os cientistas sociais leem o futuro em um rosário de

conceitos e uma moral de vítimas. O rio do tempo, indiferente, vai criando seu relevo nas almas e no drama dos mortais.

6

Pegamos um amontoado de narrativas, organizamos ordenadamente, encadeamos na causalidade os acontecimentos e chamamos nosso baú de história. No entanto, a inércia que nos arrasta é um ímpeto cego. A história é uma maneira racional, horizontal e ordenada de ver a vida. Já os poetas gregos viam a vida através da verdade do mito, que é vertical e impetuosa, segue ao sabor do acaso. O mito dá sentido ao que a racionalidade não consegue.

Se o homem foi feito da terra e ela é o lugar de sua imanência, “viemos do pó e ao pó retornaremos”. O mito, aqui, dá o sentido ao sem-sentido de nascer para morrer. Essa verdade não é construída historicamente; ela não depende de encadeamento lógico, nem se dá de forma horizontal em uma linha de tempo. Essa verdade é vertical. Corta de maneira atemporal nossa existência.

A verdade histórica é horizontal,
 Acontecimentos encadeados formando uma linha no tempo,
 Verdade recheada de causas e consequências.
 A verdade do mito é vertical,
 Atravessa nossa existência sem se importar com o rio do tempo.
 Perene presença, muitas vezes esquecida,
 Ela fala em todas as coisas,
 Precisa prestar atenção.
 Hoje mesmo, na brisa suave da manhã,
 Escutei seu murmúrio:
 Vieste do pó, ao pó retornarás!

7

A Psicanálise não deu,
 Porque nem meu pai,
 Nem minha mãe
 São responsáveis pelo *imbecilli* que me tornei.

Marxismo não serve,
Porque nem minha história,
Nem a história dos povos,
Foram causas de minhas maldades.

Nenhuma religião,
Nem ciência,
Nenhum tranquilizante.
A serenidade não me alcança,
Somente se for bela.
Aí deixa de ser serenidade,
Porque beleza desespera.

8

Sempre me considerei um homem mau,
Um lobo mau, por assim dizer.
Porém descobri um tipo especial de bondade
Encravado em minha alma.
Não responsabilizo ninguém
Pelos males que me acontecem.

9

São Sebastião,
Flechado,
Cada ferida, uma flor,
Um perfume sonoro,
Que escorre em dor e beleza,
Assim escuto Chopin.
Um entardecer nublado,
Que encobre suavemente o sol,
Mas não resulta em tempestade.
Apenas uma lágrima ácida,
Escorrendo no peito,

Esculpindo na carne

O sentido do belo.

10

A intuição na interpretação de discursos

A regra geral que a inteligência impõe às linguagens é a identidade, na qual signos e símbolos significam, ou seja, direcionam o entendimento a uma forma. Assim, a inteligência busca semelhança, igualdade, coerência e conformidade. Quando usamos a inteligência na leitura ou na escuta de um texto ou discurso, buscamos classificá-lo dentro dos modelos conhecidos, para assim direcionar seu sentido.

Os clássicos oferecem vários modelos discursivos. Quando lemos um texto filosófico, por exemplo, buscamos ver em que ele se aproxima de Platão ou de Aristóteles, se ele é medieval ou se é moderno, etc. por outro lado, a intuição busca a diferença. No caso da comparação de dois textos, a intuição busca as diferenças entre eles. Mas, se não for questão de comparação, a intuição realça a singularidade e novidade daquele discurso.

11

A realidade e o brasileiro, remendos.

Diante do espanto frente a uma notícia que recebi pela mídia, resolvi escrever essa irrupção atuada, apresentando meu susto em palavras. A manchete dizia que o povo brasileiro estaria fora da realidade. Espantado, intrigado, engasgado e assombrado, fui entender primeiro o que seria realidade.

Em seu significado próprio e específico, esse termo indica o modo de ser das coisas existentes fora da mente humana ou independentemente dela. Na Analítica Transcendental (*Crítica da Razão Pura*), Kant esclareceu-me mais ainda, identificando a realidade como coisalidade.

Grosso modo, algo fora da realidade é algo que não tem existência fora da mente humana. Assim, o brasileiro seria um povo imaginário, conceitual, abstrato, desprovido de realidade, mas que não pode ser coisa.

Na minha boa vontade, fazendo um esforço para o exercício da inocência do devir, descobri uma coisa boa nesse negócio de ser fora da realidade, porque é também não ser coisa. O brasileiro, em suma, seria um ente existencial que, à maneira de Descartes, somente existe quando pensa. Aberto e livre, ele, diferente das coisas que são, não é. O brasileiro é um vir a ser.

Como dizia Noel: “São Paulo dá café, Minas dá leite e a Vila Isabel dá Samba”, cada um dá o que tem e é o que pode ser. Orgulhoso de nada ser, olhando com desprezo para o teclado que é e não pode deixar de ser, o teclado afundado na realidade, coisado na sua sina de ser teclado, mudei o meu espanto.

Como algumas pessoas querem estar dentro da realidade?

Como alguns povos renunciam seu destino existencial para ser coisa?

Como é que acham grande coisa estar na realidade?

Ontem, durante o apagão, olhei o céu de Conquista e o Cruzeiro do Sul resplandecia. Juntei uns pedaços de madeira e fiz uma fogueira. A chama plasmou mágico amarelo e quente que me fez sonhar.

Depois de muitos anos, pude ver uns vaga-lumes, que viviam em outro planeta por causa da luz elétrica. Acolhi aquelas irrealidades no meu sonho e senti um alívio de ficar sem celular. Agora sei que a realidade é o lugar onde moram as coisas, as pessoas moram nos sonhos. Shakespeare dizia: “Somos feitos da mesma substância de que são feitos os sonhos e nossa curta existência está contida no período de um sono” (*A Tempestade*, ato IV, cena I).

12

A última praga da Caixa de Pandora:

A esperança.

Um ser miserável em sua mortalidade,

Resta apenas cultivar a morte.

Morrer não é apenas estar sujeito ao extermínio orgânico.

Ser mortal é não ser Deus.

Deus é,
Homem sempre um não-ser.
Nossa condição é deixar de ser,
É negar-se em toda ação,
É morrer em tudo que faz,
Pensa, sente e ama.

Ter esperança é a maior doença para quem respira a mortalidade.

Assim, resta coragem para enfrentar a morte,
A morte,
Cultivá-la,
Colhê-la,
Acolhê-la,

Desapegar-se.

Um jardim de morte,
Isso é nossa existência.
Ela aflora independente do cuidado,
O cuidado apenas diminui o desespero.

13

A vida é conflito, a igualdade, morte na paz de rebanho.

A vida é conflito interno e externo; ela apresenta sempre um jogo de forças em luta para dominar e resistir. A moral de escravos prega paz de rebanho, sempre preconizando a harmonia, a paz e a igualdade. Pregam a morte, retiram da vida seu dinamismo e pluralidade.

Duas são as maneiras de conseguir a paz: a primeira é o extermínio das causas das guerras futuras, que, em outras palavras, é o extermínio do inimigo ou adversário. Nessa maneira de conseguir a paz, aniquila-se o inimigo matando-o ou o convertendo ao modo de ser rebanho, eliminando as diferenças. Assim, a ideia de igualdade está presente em toda forma de extermínio.

A segunda maneira de se conseguir a paz é a chamada paz interior. A essa estratégia chamo de enfraquecimento ou debilidade contínua. Para conseguir a paz interior, primeiro a moral de escravos combate sentimentos intensos, pois sentimentos intensos sempre geram conflitos intensos, o que Freud chama de ambivalências. Então o rebanho foge de sentimentos intensos e desenvolve sentimentos amenos, em tons pastéis. Um raquitismo emocional, tudo morno e, como as cores afetivas vão sempre desbotando, todos, no final, ficam mais ou menos iguais. Vejam que a igualdade também aparece aqui como sustentação e finalidade.

Podemos notar que tanto em uma paz, como em outra a morte, a inanição, a harmonia, a igualdade, o esfriamento entrópico é o destino. No entanto, a vida persiste em luta constante, como a manutenção de uma guerra em que forças dominam e outras resistem, garantindo uma agonística. Apenas nesse ambiente a diferença é mantida respirando, a própria respiração é combate. A vida segue sempre se preparando para a nova batalha, dando sua total intensidade. Em conflito de forças, a vida sobe a ladeira que a matéria desce.

14

Antiguidade tardia,

O que seria?

Uma medieva que começa, mas ainda não é, e uma antiguidade que está indo, mas ainda não foi. Nesse período, floresce Santo Agostinho. O império romano desmorona em corrupção e o cristianismo inicia seu impulso de poder. Híbrido, Agostinho junta as preciosidades antigas que são as ideias filosóficas dos gregos e a fé abraâmica apresentada a ele como cristianismo.

Agostinho integrou o passado no seu presente de maneira criativa e vigente. Juntou o que desmorona com aquilo que nasce e, ao contemplar seu feito, entendi que podemos fazer isso em nossa vida pessoal. Muito do que vivemos desmorona e outros muitos iniciam. Integrar e coletar o que de precioso está para morrer é alimentar a esfomeada juventude do agora.

Vivemos sempre entre épocas, vivemos sempre em crises e nossa Roma construída com afinco sempre estará ameaçada por vândalos. Alarico invade e saqueia. A realidade nunca é agradável, os acontecimentos são hordas de salteadores e nosso eu, crenças e afetos, nossa saúde física e financeira, pilares de nosso império, nunca estão a salvo.

15

Às vezes, a memória desencava dores distantes,
Então entendo que a impressão de distância
Não se aplica ao tempo, nem às dores,
Elas voltam do passado e doem do mesmo jeito.
O tempo vem em ondas
E mistura as águas,
Passado e presente se sobrepõem.
O passado não passa,
Ele nos acompanha e nos assombra.
Vive da nossa comida
E, muitas vezes, nos envenena com a sua baba.
Como o presente é uma fina cortina transparente
Que, açoitada pelo vento, vive deixando de ser,
Sou mais passado que qualquer outra coisa.
Desta forma, sigo monstro comedor de cortinas.
Despossuído de plaquetas,
Em meu corpo não há cicatrizes,
Apenas feridas abertas,
Por onde a vida escorre.

16

Duas perguntas

Perguntaram ao poeta:

Você é feliz?

Não, sou como o dia,

Tenho manhãs,

Tenho tardes,
Tenho noites
E madrugadas.

Seria terrível se eu fosse sempre um meio-dia.

As tristezas fazem parte da vida,
Como a escuridão faz parte dos dias.

Como o desconhecimento faz parte da sabedoria.

Nossa época é doente,
Todo mundo quer ser feliz,
Todo mundo quer saber tudo,
Todo mundo quer iluminar o dia inteiro.

É uma grande burrice
Não aceitar seus momentos de burro.

Gosto das alegrias,
Mas tenho muito carinho pelas tristezas,
Elas são sempre mais sinceras.
As tristezas são como crianças,
Falam a verdade sem saber se vai doer.

Última pergunta:
Você é justo?
Jamais, eu amo.
E a matemática é a única coisa justa que gosto.
No mais, adoro desmesuras.
Existe coisa mais injusta que poesia?
E perdão não é uma grande injustiça?

Nossa época comete um grande delito,

As pessoas são taradas por justiça sem perceber que isso é injusto.
Melhor seria selecionar as injustiças,
Amor é a melhor de todas.
Não é que existem idiotas que querem meter justiça no amor?
Começam a medir quem ama mais e porque amam assim ou assado.
Detonam o pouco amor que existia.
Todo amor é injusto.

(Ginaldo, Vitória da Conquista, 02/12/2018)